

UC-NRLF



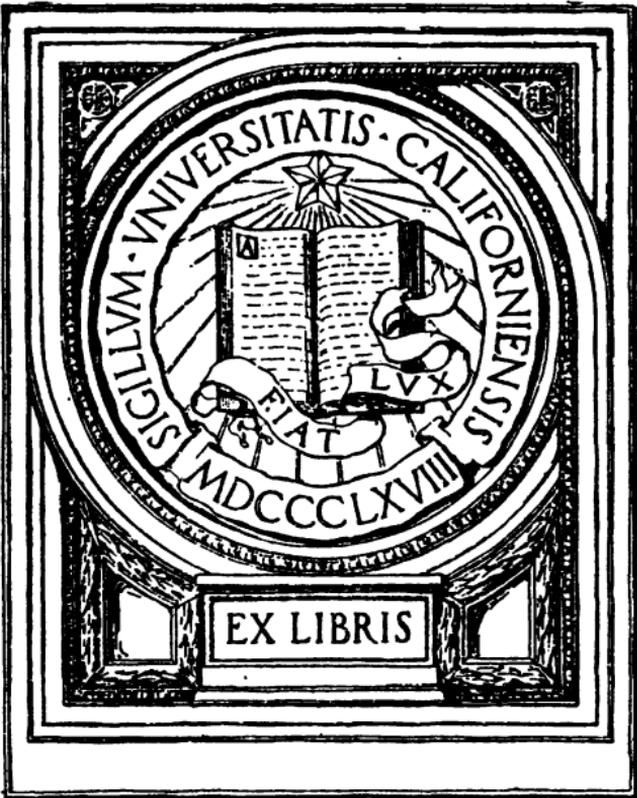
φ8 316 079

# JUNQUEIRO

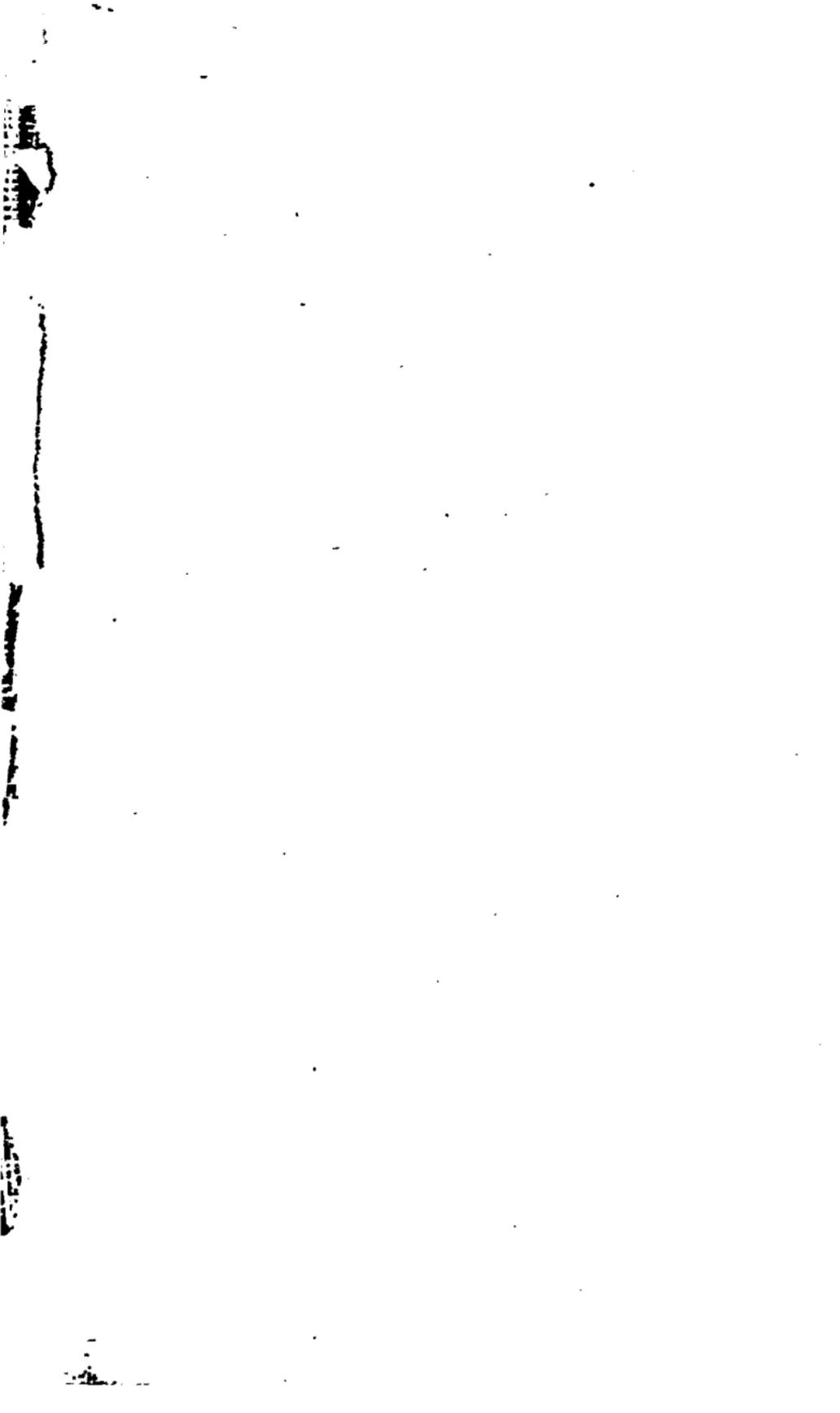
VERSO E PROSA

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

PARIS-LISBOA



EX LIBRIS



# MINISTÉRIO DA INSTRUÇÃO PÚBLICA

## SECRETARIA GERAL

Considerando que à excepção dalgumas raras jóias do património literário nacional, se não conhecem geralmente as obras-primas da literatura portuguesa, muitas delas de difícil aquisição pela antiguidade ou raridade das suas edições;

Atendendo a que a *Antologia Portuguesa*, organizada pelo escritor Agostinho de Campos e publicada pela *Livraria Aillaud*, procura obviar àqueles inconvenientes, oferecendo ao público uma colecção onde fique arquivada a produção literária de muitos dos bons prosadores e poetas nacionais de todos os tempos e escolas;

Atendendo ainda a que a forma material como a *Antologia Portuguesa* é apresentada, a torna verdadeiramente agradável e atraente e, portanto, de fácil vulgarização e largo proveito educativo;

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro da Instrução Pública, que seja louvada a *Livraria Aillaud* pelo seu patriótico empreendimento, em vista dos altos benefícios que essa casa editora vai prestar à divulgação das preciosidades da literatura nacional, com a publicação da *Antologia Portuguesa*.

Paços do Governo da República, 24 de Abril de 1920. —  
O Ministro da Instrução Pública, *Vasco Borges*.

*Diário do Governo*, II Série, n.º 98, 28 de Abril de 1920.

ANTOLOGIA PORTUGUESA

JUNQUEIRO

## ANTOLOGIA PORTUGUESA

### VOLUMES PUBLICADOS:

BERNARDES, 1.º vol. (*Nova Floresta*).

BERNARDES, 2.º vol. (*Nova Floresta, Luz e Calor, etc.*)

HERCULANO, 1.º vol. (*Quadros Literários*).

FREI LUÍS DE SOUSA, 1.º vol. (*Vida do Arcebispo*).

PALADINOS DA LINGUAGEM.

JOÃO DE BARROS, 1.º vol. (*Primeira Década da Ásta*).

JUNQUEIRO.

### VOLUMES PRESTES A SAÍR:

TRANCOSO (*Histórias de Provelto e Exemplo*).

CAMÕES LÍRICO.

João de Lucena, Amador Arráiz, Heitor Pinto, Vieira, etc.

Antologia Portuguesa

organizada por

AGOSTINHO DE CAMPOS

# JUNQUEIRO

(VERSO E PROSA)

SEGUNDA EDIÇÃO

Livrarias AILLAUD e BERTRAND

PARIS-LISBOA

Livraria CHARDRON

PORTO

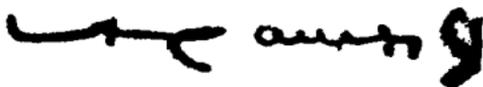
Livraria FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

1921

# TO VNU ANTOLOGIA

Todos os exemplares vão rubricados pelo organizador  
da ANTOLOGIA PORTUGUESA

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'J. Augusto'.

---

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL L.da  
R. da Alegria, 100-LISBOA

UNIV. OF  
CALIFORNIA

## INTRODUÇÃO

507479

TO THE  
LIBRARY

# INTRODUÇÃO

## I

### Traços biográficos, psicológicos e estéticos

**O** SR. Abílio Guerra Junqueiro nasceu em Freixo de Espada à Cinta, Trás-os-Montes, em 17 de setembro de 1850. Foram seus pais o abastado lavrador e negociante José António Junqueiro Júnior e a sr.<sup>a</sup> D. Ana Guerra, precocemente falecida quando o poeta apenas contava três anos de idade.

Desde muito novo fêz versos, como se vê do título e data dos primeiros que publicou: *Duas páginas dos quatorze anos*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1864. Mas esta estreia, constituída por dúzia e meia de quadrinhas sem valor literário, versos infantis inspirados na vida familiar, não deixava pressentir ainda o futuro carácter literário do Poeta.

Para isso é preciso esperar mais dois anos pela verdadeira estreia literária de Junqueiro: o poemeto romântico *Mysticæ Nuptiæ*, onde se nos deparam os seguintes versos, que já trazem prenúncios de panteis-

mo, religiosidade, gôsto da antítese e sentimento da «unidade do ser»:

Parece ver-se arfar a natureza,  
Mil nuvens de perfumes respirando!...  
Tudo murmura íntima prece! Tudo,  
Desde o insecto rasteiro ao cedro altivo,  
E' ténue estrofe, canto indefinido,  
Que se perde entre vagas de harmonia!  
O espirito parece, sem sentir-se,  
Os liames soltar, evaporar-se... (1)

Tendo estudado preparatórios no Porto, partiu o moço Junqueiro para Coimbra, a frequentar a faculdade de Direito, continuando a versejar e a publicar as suas composições. Assim saíram em 1867 as *Vozes sem echo* e em 1868 o *Baptismo de amor*, poemeto abonado com a seguinte apresentação preambular de Camilo Castelo Branco:

«Considero o *Baptismo de amor*, poema do sr. Guerra Junqueiro, um modêlo de quadro em que as scenas da vida contemporânea poderiam ser vistas à sua luz sinistra, modificada pela suavíssima luz da poesia. O poeta que, tanto no verdor da vida, e sem experiência das grandes dores, as soube espelhar tão verdadeiras

---

(1) *Mistica Nuptia*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1866, pág. 7.

na alma, e revelá-las tão fiéis na expressão, denota o talento de muito sentir e esplêndidamente exprimir».

Neste poemeto do *Baptismo de amor*, composto aos 18 anos, soam já distintamente algumas cordas da lira junqueiriana, tal como ela se havia de revelar na idade adulta. Por exemplo,

a) o lirismo filantrópico :

Não posso ver chorar uma criança ;  
Mais me pesa não vendo pelo amigo  
Que lhe enxugue seu pranto...

b) as hipérboles e antíteses :

Êste amor é mais fundo do que os mares,  
Mais alto que montanhas de granito !  
E' maior do que a terra, do que os ares,  
Nasce em meu peito... acaba no infinito.

c) as preocupações religiosas e filosóficas :

Não cria em Deus... Uma secreta força  
Levava-o a estudar; de dia e noite,  
Por muitos anos meditara sempre  
Sobre os grandes problemas da existência.

d) o socialismo e anarquismo românticos :

¿ E então a caridade? a caridade é crime ;  
A espada da justiça é débil como o vime...  
E os ricos ao passar nos carros seus faustosos  
Enchiam-me de lama...

e) o gosto do sinistro e do macabro:

Aves nocturnas pousam nos sepulcros!  
Sai a miséria do seu leito imundo...

\*

\* \*

Em Coimbra, de onde acabavam de sair João de Deus e Antero de Quental, estava ainda João Penha, o prestigioso director da *Fólia*. Guerra Junqueiro colaborou naturalmente neste jornal e sofreu as influências que o sr. Fidelino de Figueiredo caracteriza no modo seguinte:

«No pequeno meio de Coimbra se condensavam e formavam em corpo de ideias as influências mais dispareas, e das mais heterogéneas proveniências. O orientalismo e o gosto do folclore para conclusões étnicas, a filologia, a metafísica alemã, o realismo francês, a filosofia da história, o socialismo e as generosas teorias de confraternização dos humanitários, tôdas estas novidades tão complexas se confundiam num caos indisciplinado... A poesia humanitária, cheia de simpatia, da *Légende des Siècles*, o gosto da erudição de Lecomte de Lisle, o satanismo de Baudelaire, a crítica de Renan, a história sistemática, severamente lógica de Taine, a história vivificadora de Michelet e o realis-

---

mo de Flaubert foram os principais modelos dessa geração de irreverentes...» (1)

A França de Vitor Hugo e Baudelaire, de Proudhon, de Michelet e de Renan, concorrera em grande parte para formar o espírito do moço poeta, a quem portanto não podiam ser indiferentes os destinos daquela sua pátria intelectual. Quando em 4 de setembro de 1870, se deu o desastre de Sédan, Guerra Junqueiro, que lá fazer vinte anos, compôs e publicou o poemeto *Vitória da França*.

Por temperamento e por educação, por solicitação intrinseca reforçada pelas influências ambientes, Guerra Junqueiro vai ser grande parte da sua vida um poeta social e político, atento aos acontecimentos históricos que se desenrolam no mundo e inclinado a considerá-los sempre por um prisma liberal, democrático ou revolucionário.

Em 1873 proclama-se a república no vizinho reino e logo Junqueiro celebra o facto com o seu poemeto *A Espanha livre*—última das pequenas composições que precedem a publicação do livro que o fêz célebre: *A morte de D. João*.

Apesar destas tendências intelectuais revolucionárias, exerceu Guerra Junqueiro, depois de formado, os cargos de secretário geral dos governos civis de Angra

---

(1) *História da Literatura Realista*, Lisb. 1914, pág. 14 e 15.

do Heroísmo e de Viana do Castelo, e em 1878 foi eleito deputado por Macedo de Cavaleiros. Esta fase da sua vida política explica-a o próprio Poeta nos seguintes termos :

«Filiei-me no partido progressista quando se debatia na adversidade e o seu programa de govêrno era inteligente, honesto e democrático. Exercia eu nessa época o cargo de secretário geral na Ilha Terceira, devendo a minha nomeação, um pouco à minha convivência com Barjona de Freitas, mas principalmente e sobretudo à camaradagem afectuosa de Jaime de Séguier e à estima literária de António Rodrigues Sampaio. Subindo ao poder os progressistas, fui transferido dos Açores para Viana do Castelo e eleito deputado daí a meses. Por desventura, regresssei dos Açores tão gravemente enfêrmo, que durante alguns anos me vi exausto e aniquilado. A custo fui à Câmara meia dúzia de vezes. Por incompatibilidade (que eu ignorava) entre as funções legislativas e as de secretário geral, abandonei êste cargo, com grande sacrificio para mim. Tôda a gente me supunha riquíssimo. Enganavam-se. A minha fortuna era insignificante, e a de minha mulher não era grande. E não só eu deixei o modesto cargo que me auxiliava, mas nunca mais exerci ou ambicionei outro qualquer. Quando os progressistas voltaram ao govêrno, eu quis voltar ainda ao parlamento, movido apenas por uma ideia nobre e

desinteressada: acompanhar Oliveira Martins, visto que mais do que ninguêem eu concorrera para o levar a uma acção de govêrno dentro do partido progressista. *Eu era monárquico, não por ideal, não por sentimento, mas porque uma forma de govêrno mais elevada e democrática se não ajustava ainda às circunstâncias do país.* Os códigos representam ou devem representar a equação jurídica dos costumes. Os direitos passam, não dos códigos para os costumes, mas dos costumes para as leis. Fazer continuamente e evolutivamente essa equação, cristalizar em leis progressivas todo o progresso que vai nascendo, eis a tarefa de quem governa. Quando o progresso se realiza nas almas pelo esforço individual e colectivo, e os governos não só o não traduzem em leis, mas o perseguem e querem aniquilar, a ordem e o bom equilíbrio da sociedade exigem logicamente a revolução. Ora eu acreditava que dentro da monarquia de D. Luís se podia tentar ainda uma obra fecunda de ressurgimento, dedicando-se a ela um grupo de homens de vontade, fortes pela intelligência e pelo carácter; e visionava em Oliveira Martins o chefe perfeito, o homem de estado superior. A ilusão foi dupla». (1)

---

(1) V. *A execução de uma quadrilha*, artigo publicado em 23 de abril de 1910 no jornal portuense *A Pátria*, e do qual se fez uma tiragem especial.

\*

\* \*

Não existe ainda um livro biográfico sôbre Guerra Junqueiro; há apenas, espalhadas por diários e revistas, notas sôltas, escritas por admiradores do Poeta e quasi sempre inspiradas em palestras com êle próprio, o que lhes dá importante cunho de autenticidade.

Vamos transcrever alguns dêsses documentos, começando por um artigo do sr. LUÍS DE MAGALHÃES, publicado em *O Occidente* de 21 de Agosto de 1885:

«O seu espírito transparece-lhe na fisionomia expressiva e cheia de carácter. Um notável poeta escrevia a um dos meus amigos que o feitio poético de Junqueiro se explicava pela conformação especial da sua maxila inferior. Larga, saliente e angulosa como a queixada de um sátiro, ela dá-lhe ao rosto uma expressão sarcástica, profundamente marcada. Junte-se depois um nariz adunco, e um olhar de vivacidade estranha, a uma cabeça pequena, larga na frente e curta na altura do rosto quasi triangular, e terão — como já alguêm observou com muita justeza — uma perfeita fisionomia de ave irónica. . . Se a sua fisionomia revela o carácter do seu espírito, os seus gostos, sobretudo no *bric-à-brac*, que nêle é uma paixão fervente, denunciavam-nos o seu feitio artístiço, As suas tapeçarias preferidas, as suas

porcelanas e faianças favoritas, os seus *bibelots* predilectos, são os orientais. Essa arte fantástica, monstruosa, bizarra, estranha, com um desenho violento e atrevido, com um colorido bárbaro quasi sem tons, em que as côres se chocam em contrastes duros... essa arte é aquela que mais quadra à sua fantasia arrojada e ardente, ao seu gênio hiperbólico e antitético, no fundo do qual há também um forte sentimento naturalista e uma grande percepção da realidade. As suas descrições e os seus quadros são sempre largos e crus. Atira os adjectivos sôbre o papel como chapadas de tinta. São grandes manchas opulentas, expressivas, ber-rantes, que êle se não dá ao trabalho de esbater ou tonalizer... Mesmo quando pinta a realidade é hiperbólico, e as suas côres teem uma intensidade que chega ao exagêro. A sobriedade é para êle um sinónimo de pobreza, e ri-se dos que a recomendam, pondo-lhes na bôca estes «conselhos académicos» :

Procurai com todo o esmero

A sobriedade, o aticismo :

Um gigante é um exagêro

E um vulcão é um gongorismo.

Na revista *Os Serões*, n.º 4, referente a Outubro de 1904, publicou o sr. JÚLIO BRANDÃO um interessantís-

simo artigo biográfico, a que pertencem os seguintes períodos, onde principalmente se alude ao gosto do Poeta pelas antigualhas artísticas :

«... O grande poeta não tem hábitos regulares de trabalho. Levanta-se cedo, como Miguel Ângelo; deita-se também cedo. Faz versos *quando êles querem* — costuma dizer... E' andando que Guerra Junqueiro compõe grande parte dos seus poemas. Passeia imenso, numa constante laboração mental. Tem as pernas infatigáveis de um *globe-trotter*. É muitas vezes passeando que expõe as suas teorias científicas, as suas descobertas estranhas, que mais de uma vez precederam de anos as de grandes homens-de-ciência europeus...»

«... A casa do extraordinário poeta não tem luxuosas ostentações. O seu gabinete de trabalho é extremamente simples; grandes estantes cheias de livros de arte e de sciência, algumas gravuras nas paredes, e uma mesa de pinho sôbre que poisam alguns retratos queridos: Tolstoi, Hugo, Renan, Pasteur, Luisa Michel... Das suas magníficas colecções de faianças, dos seus rutilantes contadores hispano-árabes, do seu mobiliário e dos seus quadros, apenas o Poeta aproveitou para uma ou outra sala um delicioso museu de arte gótica...»

«... O grande poeta possui o único retrato do Santo Condestável, que êle tão épicaamente cantou em tercetos imorredoiros... A escultura em madeira, que o

autor dos *Simples* pôde adquirir também, é de-certo única. O Condestável, teve, efectivamente, muitas estátuas, adoradas nos altares de todo o Reino; mas, com o domínio dos Filipes, desapareceram tôdas... A estátua de madeira que o grande poeta possui (e que pensa deixar, com o retrato, ao Museu das Janelas Verdes), não oferece dúvida ser do Condestável.»

«Guerra Junqueiro não foi um *bric-à-bracista*, no sentido trivial da palavra. Procurava nas formas antigas ou perdidas da arte uma sugestão superior de beleza. Nessas conquistas de *bric-à-bric*, Guerra Junqueiro foi bastas vezes heróico. Há anedotas de uma graça infinita. Algumas não passaram na Espanha. Quando Junqueiro juntava a sua maravilhosa coleção de faianças, alguém, que ia pernoitar na estalagem de *Villa Vieja*, perguntava ao estalajadeiro quem havia por companheiro na pousada. O homem respondeu que era um sujeito de borjaca, que andava com um burro à arreata, a encher os alforjes de antigualhas. Ficou o Português a parafusar na identidade desse desconhecido feiro-velho, até que lhe appareceu o nosso grande poeta, que no dia seguinte lá partiu pelas ruas tortuosas, pregoando: *¡Quien tiene para vender cuencas, palanganas, medias-fuentes!*... Abriam-se as adufas. E, como nos tempos do Cid, espreitavam os rostos morenos das raparigas, e os das velhas, que ainda tôdas são bruxas. O poeta erguia o grito claro, ao sol formoso: *¡Cuencas, palanganas, medias-fuen-*

tes! E logo as adufas desciam. Nas ruas, no adro, os magotes rodeavam Junqueiro, ao sol fulgente, num quadro sobêrbo de colorido e pitoresco. E *Villa Vieja* ficou, dessa vez, sem um prato. . . »

«Seria difícil relatar tôdas as anedotas que lhe atribuem — ó *cisco da vida*, como diz hoje o Poeta. Certo dia, já depois das transigências de António Rodrigues Sampaio, numa roda de amigos em que estava o grande jornalista, Guerra Junqueiro definia em traços esplêndidos várias individualidades de arte e de política. *Rubens*, dizia o Poeta, *é um marchante de carne olímpica. Dá vontade de se lhe dizer: Dê cá costeletas de deusa!* Então pediu-lhe alguém que definisse Sampaio. E a definição foi esta: *Era um javali. Domesticaram-no . . . É um porco.*»

«Um titular, que em tempos fôra barbeiro em Coimbra, e que mais tarde versejou toscamente, encontrando o grande poeta, exclamou com ênfase: *¿ Como está, mestre?* Junqueiro sorriu nos olhos penetrantes e respondeu: *Frèguês, frèguês . . .*»

«É dêsse tempo a história já vulgarizada, daquele padre obeso e mastodóntico, com quem Junqueiro se encontrou num combóio. Logo começou a palestrar com o clérigo, que não tardou, bem conduzido o diálogo, a apostrofar violentamente o autor da *Vetnice* . . . Pela sua banda o poeta também amaldiçoava o energúmeno, e deixava extasiado o padre, que assim via atacado por um homem ainda moço, e de tamanho

talento dialético, o poeta do mundo que êle mais odiava. Comovido, encantado, aceitou que tirassem os dois uma fotografia: — queria possuir um retrato junto ao de tão poderoso engenho... Os senhores estão a ver a cara do homem, quando lhe disseram que aquele retrato era de Junqueiro, o endemoninhado!»

\*

\* \*

Sôbre Guerra Junqueiro como lavrador, e como conversador genial, informava assim outro illustre escritor, o sr. RAUL BRANDÃO, num artigo publicado em *O Dia*, pelos fins do ano de 1902:

«A Barca d'Alva não é ainda uma Tebaida para o poeta. Os senhores vão agora conhecê-lo sob êste aspecto novo — agricultor. A Barca é-lhe mais que um refúgio; é (palavras que fazem bater o coração de todos os homens) o futuro dos seus filhos. E Junqueiro, como agricultor, tem ainda génio: em pouco tempo conheceu as questões agrícolas melhor que os lavradores da região, de quem êle diz: *Plantam vinhas como quem joga na batota — ao acaso*. Descobriu um novo processo para evitar que a enxertia — *essa operação cirúrgica*, como êle lhe chama — falhe; e, sob as suas ordens, trabalham quatrocentos cavadores. Não é raro vê-lo súbito — tempo húmido, perigo para

as vides — abalar para a quinta com sacos de sulfato. Adivinha, presente melhor a natureza que os sábios — e cria: Tudo o que toca toma sob as suas mãos um aspecto grandioso, tão certo é que os homens de génio, como diz Carlyle, são sempre superiores. Procura a terra, ama a terra. E de que maneira paradoxal êle expõe as suas teorias! Nervoso, pequeno, calcando infatigável o lagedo da Praça, a morder a ponta do charuto, que gigantescas formas de sonho não vão surgindo àquela mágica palavra! A sua fantasia é eminentemente decorativa. *¿ Sabem? — dizia o poeta uma noite — ¿ Sabem que scismo na maneira de transformar toda a agricultura? Acabaram-se os pobres, a fome, os anos tristes: Para o vinho, de aqui em diante, não bastarão tonéis como torres; para o pão, arcas como casas. Uma carrada de bois será apenas suficiente para carregar uma abóbora, e um simples cacho de uvas dará vinho para dúzias de borrachões. ¿ Como? Aplicando às árvores, às vides, às plantas, em-fim, o método de Brown-Séguar. O sábio dá a um organismo gasto uma vida assombrosa, injectando-lhe com a maior das simplicidades a vitalidade dos coelhos, por exemplo. ¿ Imaginem o resultado do sistema na agricultura! Um castanheiro dura séculos, tem uma vida estranha. É mais que uma árvore — é uma força. Vive nos montes. As suas raízes alastram-se vorazes; os seus ramos tocam o céu. Calcule que injecto polén de castanheiro numa vide... Obtenho logo*

*uvas como as da Terra da Promissão. De um pé de melancia tiro um fruto capaz de carregar um carro. Três maçãs metem no fundo uma nau...* — E eis, por uma negra noite de inverno, a natureza transfigurada pelo poder da fantasia e do sonho. A sua conversa é assim... Junqueiro na intimidade, é prodigioso de génio, de imprevisto, de elevação. Vê os factos mais simples com um olhar que os engrandece. Assombra de pitoresco e de inédito. É pena que as suas conversas, os seus fragmentos, êsses pedaços de sonho e de vida, atirados com febre, perdidos pelos cantos e de-certo esquecidos, se não possam juntar; porque dariam um dos aspectos mais extraordinários do seu génio... Pois aí o tem de novo no Pôrto, de barba hirsuta, embrulhado num velho casaco coçado, com um ar iluminado de Santo. Direis que vai pregar às multidões. Demais, já há anos que êle escrevia: *Tols-toi, o meu sapateiro...* E um dia, ao saber Camilo scéptico, Camilo com noites de sombrio desespero, palpando a coronha do revólver, não foi de propósito procurá-lo para lhe pregar Deus? Era numa dessas tardes de Seidè, shakespeareanas, de que o grande escritor fala nos *Serões*. A natura chorava, revolvida, com vozes e infinitas tristezas. O romancista escutava o poeta, mergulhado na dolorosa tinta do crepúsculo, sem um gesto — quieto, absorto, calado. Junqueiro desenrolava teorias, argumentos, explicações. Atacava-o, persuadia-o. Por fim parara exausto; e, ao

vê-lo scismar, ósseo, mirrado pelo sofrimento, pensava-o decerto convencido — quando êle, inalterável e frio, lhe disse : *Pois, Junqueiro : você convencia-me, se eu não tivesse ainda no estômago três bolinhos de bacalhau, que me estão aqui como três Voltaires . . . »*

•

• •

O sr. JOAQUIM LEITÃO, num artigo datado de 1904 e publicado na página literária do *Século*, de Lisboa, depõe assim sôbre as barbas compridas e o pseudo-tolstoiismo de Junqueiro :

«Homens já de um ponderado carácter, que sabem, por si próprios, o que é a história progressiva de um espírito, sendo por isso mesmo de mais sereno julgar, declaravam francamente : *Não posso : não posso tomar a sério o Junqueiro, por ver que êle anda a caricaturar Tolstoi, até às barbas e à cabeleira.* Num país de aparências, êsse argumento tem o perigo de fazer carreira, se se não disser como foi natural essa transformação da carinha escanhoada, de banal secretário de Embaixada, como corre no grupo dos *Vencidos*, nesse actual medalhão das suas *Orações* . . . Os duros exilios da Barca d'Alva, com as suas insidiosas surpresas palustres sopitando por 'li, ao pé dos seus vinhedos,

desabituarão-no da navalha dos *Figaros* portuenses. Donde o Poeta, por não andar sempre a mudar de cara, ora com rosto de galã, ora barbaceno como um tirano, dar liberdade à barba... As gerações que, começando a marchar com êle, ficaram dentro em pouco para o lado, esfalfadas, sem poderem acompanhar as caminhadas de almocreve que o espírito infatigável e sempre moço de Junqueiro levava, ao encontrarem-no, de longe em longe, numa das suas guinadas de águia pela terra baixa, attribuíam as suas prédicas de sábio quasi santo a uma febre da sua ironia... E como o homem, em Portugal, geralmente, mesmo o homem de sciência, deixa de ler ao sair da escola: *Pode lá ser! um poeta arvorado em homem de sciência do pé para a mão!* Ora, em tôdas as suas obras há a marcha irisada dessa germinação de um espírito que se dirige à perfeição. E há até depoimentos auto-biográficos dessa evolução, bem antigos, por sinal. Mas as multidões não suspeitam sequer o que é êsse labor dum artista, derreado anos e anos sôbre a banca, a devorar bibliotecas inteiras... *Entre fazer arte e britar pedra* — dizia-me uma vez Guerra Junqueiro — *britar pedra é cortar manteiga...* — Continuam a ler-se artigos apoteóticos em que Junqueiro é aclamado como um «místico», um «santo»; e à toa dos elogios bóiã a confusão do tolstoísmo em que à viva força o querem alistar... Ora nada mais oposto do que os autores da *Oração à Luz* e da *Felicidade Conjugal*: um nasceu

nas retortas dos fisio-biologistas; o outro é a geração espontânea do Evangelho. E há nove anos que, ao entusiasmo que o ardor infantil da minha estreia literária mostrava por Tolstoi, Junqueiro replicava:

«— Tolstoi; sim, Tolstoi!... E' muito, mas ainda não é tudo. Tolstoi não me satisfaz: vê apenas o Homem no Universo...

«E o ano passado, num almoço de filosofia que me ofereceu em Vila do Corde, acrescentava:

«— Sim, isso para a Felicidade Humana. Mas não basta que o Homem seja feliz! E as ferás? e as pedras? e os mares? e os peixes?... E, uma vez feliz a Terra, os outros planetas?... E os sóis?...

Sobre a filosofia de Guerra Junqueiro dizia ainda o sr. JÚLIO BRANDÃO, no já citado artigo dos *Serões*:

«A sua filosofia reduz tudo a fenómenos morais e religiosos. Uma *ética còsmica* — no seu próprio dizer. Os seus autores preferidos são naturalmente Empedocles, Plotino, Spinoza, Leibnitz, Schelling e Schopenhauer. S. Francisco de Assis e Beethoven são os homens que êle admira. Cristo e Buda são para êle os símbolos supremos dos super-homens. Em arte as suas

predilecções vão de Ésquilo até Dante, Shakespeare, Hugo, Goethe, Shelley, Camões, Antero, João de Deus, Michelet, Carlyle, Emerson, e tóda a poesia popular».

«...Nos objectos de arte plástica que hoje possui, como nos escritores, nos músicos que prefere, se sente esta sua maneira de ver a Arte: — *Ela vale mais ou menos, segundo a porção de amor que abrange e que revela. A arte soberana é a que conjuga a natureza tóda: homens e monstros, águas e árvores, pedras e nuvens, sóis e nebulosas — com verbo infinito e perfeito, o único verbo criador, que é o verbo AMAR. O universo atómico, partículas inúmeras e vagabundas, fraterniza em Deus, unificado numa só alma e num só corpo....*»

No dia 31 de Maio de 1919, tendo-me dado a honra de receber-me na sua casa da rua de S. Luis, em Lisboa, Guerra Junqueiro dignou-se conversar comigo durante cêrca de duas horas, falando-me demoradamente da sua filosofia.

O que vai ler-se, escrito sôbre apontamentos que tomei mal nos separamos, é a sùmula, decerto imperfeita, dó que a tal respeito ouvi do grande poeta.

Guerra Junqueiro considera a sua obra inteira como uma unidade perfeita, mas uma unidade que evoluiu e

progrediu. Dessa obra ignora porê m o público a parte principal, constituída pelas suas conclusões filosóficas, resultantes de meditações e estudos a que o poeta se entrega há mais de vinte anos e que estão ainda, a bem dizer, inéditos, não obstante encontrarem-se completos e perfeitos no seu espírito.

Guerra Junqueiro define assim o resultado dêsses trabalhos: um sistema completo de filosofia, como o de Comte; uma metafísica que partiu da física para chegar a uma biologia, a uma moral e a uma cosmogonia, tomando por base todo o progresso científico do último século.

— Com êsse progresso (diz o poeta) me familiarizei quanto pude, pela leitura assídua e longa de tratados modernos de tôdas as sciências e de muitas revistas especializadas, que me punham a par dos últimos descobrimentos e das mais recentes afirmações e pontos de vista. Durante êste estudo algumas soluções novas encontrei, e muito importantes, sobretudo no domínio da física e da biologia.

Quatro mil páginas almássas de apontamentos constituem o cabedal de trabalho escrito, resultante de estudos e meditações de tantos anos. Eu sabia já da existência dêsses preciosos manuscritos, cuja guarda Guerra Junqueiro confiara algum tempo a um banco suíço, quando saiu de Berna, onde residira como ministro da República, desde a implantação do actual regime até pouco antes da explosão da guerra europeia.

— São os *processos* do meu inquérito sobre a vida e o mundo — diz-nos Guerra Junqueiro. Ou antes: são os *processos* das próprias soluções que eu procurava dar aos problemas filosóficos. Cada um dos grandes capítulos da minha metafísica está por mim desenvolvido nesses papéis, onde eu lançava as minhas opiniões, sujeitando-as em seguida a rigorosas contra-provas, fazendo-me, depois de meditado qualquer assunto, o cardinal-diabo da minha própria maneira de ver, e reformando-a, substituindo-a, ou reforçando-a, segundo as conclusões da auto-discussão ou auto-crítica assim feita. Por isto lhes chamo «processos». Mas êsses papéis não serão publicados, ou não o serão, pelo menos, em minha vida. Tenciono legá-los ao Estado em testamento, e contentar-me hei de aplicar a existência que me resta na elaboração da síntese ou resumo da minha filosofia. Dentro de breves dias vou partir para a minha casa do Pôrto, onde começarei a escrever esse livro, que terá apenas umas duzentas e cinquenta páginas e deve estar pronto dentro de um ano, ou ano e meio. Não posso fazer mais, e bem contente ficarei se fizer tanto; porque, do contrário, e apesar da obra poética que tenho publicada, se não conseguir levar a cabo êste trabalho, *morrerei desconhecido*...

Impressionou-me esta frase, como é natural; e logo perguntei ao poeta-filósofo se não seria mais sensato, mais prudente e mais justo rodear-se êle de um grupo de amigos consubstanciados com a sua maneira de enca-

rar ou explicar o mundo e a vida — uma espécie de restrita academia de especialistas, que se ocupasse a tratar os grandes problemas causais ou finais de cada sciência, de acôrdo com a visão junqueiriana do grande-todo.

Respondeu-me que tinha algum tempo encarado e estudado essa solução; mas que, afinal, optara pela outra, que é a mesma no fundo, ou lhe equivale: publicado o esboço, resumo ou esqueleto da sua filosofia, os especialistas das várias sciências da natureza e do homem, uma vez compenetrados dela, poderão vestir de especialização e desenvolvimentos os esquemas que lhes vai deixar, no seu livro em projecto adiantado.

O leitor que há muito se não cansa de admirar Junqueiro-poeta e agora está ansioso por travar conhecimento com Junqueiro-filósofo, tem, pois, de esperar alguns meses antes de poder satisfazer a sua justa curiosidade. Mas, se quiser ir adiantando serviço, recommendo-lhe que procure e leia, como indicativos do sentido em que se move a doutrina filosófica do Mestre, alguns dos seus escritos esparsos: o prefácio de *Os pobres* de Raul Brandão; a biografia «espiritual» de João de Deus, publicada no n.º 5 da *Atlântida*; o artigo sobre Anthero de Quental inserto no respectivo *In Memoriam*; o opúsculo *O Monstro alemão*, inspirado na guerra última; o artigo sobre *os grandes homens*, que vem no *Comércio do Porto Illustrado*, Natal de 1913; e outro intitulado *Herculano*, na mesma publicação, Natal de 1918.

A respeito da sua obra poética disse-me o sr. Guerra Junqueiro o seguinte, na mesma entrevista da rua de S. Luís, em Maio de 1919:

— «Versos, não mais os poderei fazer; e a principal razão é que a minha memória sofreu com a idade um enfraquecimento grande, e hoje já não tenho presentes no cérebro, como tinha de antes, tôdas as rimas e tôdas as imagens.

«Os dois poemas que completam a minha obra poética existem em pequenos fragmentos apenas; e já os não poderei escrever inteiros. São o *Prometeu Libertado* e o *Caminho do Céu*. O mais que espero poder fazer, e tenço no fazer, é publicá-los quasi todos em prosa — prosa expositiva do que seria cada uma das partes ou cantos de cada um dos poemas; e se durante esse trabalho alguma dessas partes ou cantos, concebidos mas não realizados, «me sair» acaso já em verso, tanto melhor.

«O *Prometeu Libertado* é o complemento dos poemas *Velhice* e *Pátria*. O *Caminho do Céu* é o complemento dos *Simplex*. A *Velhice* foi uma explosão de cristianismo exacerbado, ou exasperado. É um livro de mocidade, escrito aos trinta ou aos vinte e tantos anos. Hoje não o faria assim. Depois de o escrever co-

nheci melhor S. Francisco de Assis e compenetrei-me de que a Igreja, que mereceu ter por si uma tal alma de super-homem, é alguma cousa de maior e melhor do que eu supunha então.

«A *Pátria e os Simples* são os meus melhores livros. No período em que os fiz a minha inspiração tinha tal facilidade, exuberância e profundidade, que eu poderia fazer quanto quisesse. Entre fazer a *Pátria* e escrever o *Prometeu Libertado* hesitei muito. Por fim decidi-me pela *Pátria*, que é a visão do momento histórico português *sub specie aeternitatis*. Tôda a minha obra tem uma grande significação moral e aquele livro era o que eu devia; naquele momento, à minha pátria. Era necessário, era urgente, e por isso o fiz, adiando para mais tarde a elaboração do outro, mais humano, mais geral ou mais filosófico.

«Nos versos da *Pátria* pus em forma ideal o problema português: o acesso da nação à santidade, a afirmação de serem crimes, na nossa história, o que em geral se considera como glórias:

«Minhas glórias!... infâmias e vergonhas  
De ladrão, de pirata e de assassino!»

Os *Simples*, concebidos e realizados em estilo popular, são uma obra de inspiração científica onde não há um vocábulo científico, e um livro de filosofia em que não aparece uma expressão de filósofo. Épico e

filosófico na *Pátria*, popular e bucólico nos *Simples*, mantereí no *Prometeu Libertado* e no *Caminho do Céu* êste paralelismo das duas maneiras de realizar a mesma unidade de pensamento.

Pelo que respeita à técnica ou versificação, os dois poemas que não chegarei a realizar completos apresentariam grandes novidades. As descrições que já tenho versificadas são feitas em verso livre ou branco; só os passos que constituem acção ou drama seriam rimados. Mas aquele verso branco tem, pelo emprêgo de assoantes e aliteraões, uma grande riqueza de expressão métrica, e é, por diser assim, rimado sem o ser. Além disso a harmonia maior ou menor do verso acompanhará proporcionalmente a maior ou menor harmonia do próprio assunto.»

\*

\* \*

Foram colhidas ainda na mesma inolvidável palestra as seguintes interessantíssimas observaões a respeito de Eça de Queiroz:

«A sua melhor obra são as *Prosas Bárbaras*, por que é êste, de todos os seus livros, aquele em que há mais absoluto.»

«O Zolaismo torceu-lhe a vocação.»

«A *Cidade e as Serras* é uma reconsideração, mas

\*\*\*

uma reconsideração filha da fadiga e da doença; um arrependimento de fraco e não uma redenção de homem forte, que arrepia caminho e empreende com ímpeto uma nova jornada.»

«*Retratista admirável*, eis o melhor qualificativo que se pode dar a Eça de Queiroz como artista.»

Que nos conste, só uma vez foi Guerra Junqueiro acusado de plágio; mas essa acusação era grave, porque partia de Camilo, que a estampou no seu *Cancioneiro Alegre*, onde pode ver-se a pág. 2 e seguintes da edição de 1879.

A justificação cabal do Poeta, feita por êle próprio, encontra-se nas seguintes linhas, que transcrevemos do já citado artigo *A execução de uma quadrilha*:

«No mesmo número, dirige-me o «Povo d'Aveiro» outra acusação, a única que de boa fé, por simples ignorância, me podiam levantar, visto que se baseia no testemunho do «Cancioneiro Alegre» de Camilo Castelo Branco. O grande escritor, numa hora de irritação, mas julgando no em-tanto que dizia a verdade, acusou-me do furto de dezasseis versos ao poeta Luís Carlos Simões Ferreira.

«Mas Camilo enganava-se. O roubado não fôra Luís

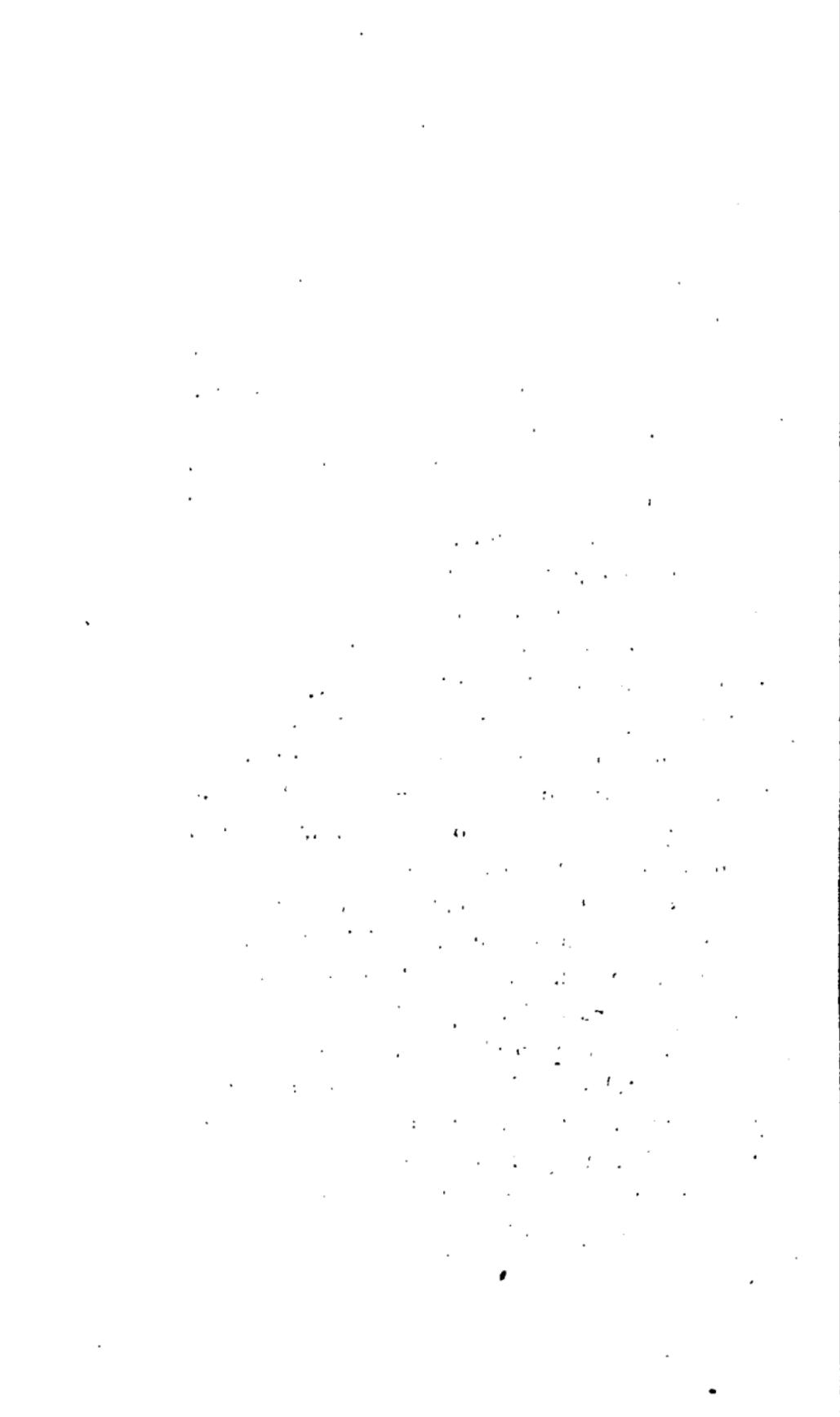
Carlos, tinha sido eu. Demonstrei-lho, pondo-lhe diante dos olhos as provas claras e indiscutíveis. Aí vai a história do caso :

«Em 1872, num almanaque de Saragoça, publicou Luís Carlos, com o seu nome, quatro quadras intituladas — *Na cruz alta do Bussaco* — e com a designação de improviso, que eu dera à luz já em 1867, nas *Vozes sem Echo*. Era a mesma poesia, sem uma única emenda ou alteração. Um roubo flagrante.

«Ora aconteceu que o autor do *Guia do Bussaco*, lendo os versos no almanaque espanhol, pediu licença ao Simões Ferreira para os transcrever. Êste balbucia, recusa. O outro insiste. Por fim Luís Carlos, não tendo pretexto algum para se furtar ao pedido, consente; mas com a condição de emendar os versos. Queria ver se de tal modo passava o caso despercebido. Para mim passou, porque não conhecia o *Guia do Bussaco*, nem ninguém me falara em semelhante cousa.

«A história, é clara como água. Basta comparar as duas versões, a do almanaque e a do *Guia*. Mudou o título à poesia, eliminou a indicação de «improviso», modificou os versos, para pior, e pôs-lhes a data de 1860.

«Não tenho presente o almanaque de Saragoça de 1872, que se intitulava, creio eu, *Almanach Democratico*, porque o entreguei a Camilo e ficou com êle. O grande escritor reconheceu espontâneamente o injusto agravo que me fizera; e as nossas relações tornaram-se de novo, como de antes, cordealíssimas.»



## O Poeta e a crítica

**N**UM artigo publicado quasi a seguir ao aparecimento da *Velhice do Padre Eterno* (O *Ocidente* de 21 de Agosto de 1885) acentuava o sr. LUÍS DE MAGALHÃES que o carácter literário dominante em Guerra Junqueiro é o sarcasmo:

Quando há onze annos um bacharel formado em direito, saindo da Universidade com as suas cartas em ordem debaixo do braço, em vez de ir à Arcada pedir um emprêgo appareceu na imprensa a tropejar como um profeta, em versos incandescentes, contra as injustiças e as misérias sociais, contra a fome e contra a prostituição, contra o don-juanismo torpe e contra o tartu-fismo viscoso — correu pelo país inteiro um calafrio de terror...

«O seu livro efectivamente caía sobre as nossas convenções sociais e literárias como a gargalhada estridente e cáustica de um demónio... Emquanto os vates de reputação official coravam de vergonha perante o impudor dessa musa demolidora das convenções, a gente nova, num arrebatamento entusiástico, aplaudia,

vitoriava o moço poeta, radiante e glorioso no seu ímpeto sublime, como êsses jovens generais da república francesa. Tinha vinte e três anos, e era um mestre... A renovação poética suscitada pela *questão coimbrã* ia dando os seus frutos. E a obra que João de Deus fomentara, abrindo ao lirismo um novo horizonte livre, e que depois Antero de Quental e Teófilo Braga haviam completado, ampliando o campo da poesia e tornando-o suficientemente vasto para nêle se agitarem as inspirações do pensamento, continuava-se agora na *Morte de D. João* com carácter diferente, mas com o mesmo espírito de revolta e liberdade... Se Guerra Junqueiro é grande na poesia lírica—na sátira então é culminante, é genial. Se a crítica pode achar vestígios de uma escola na parte da sua obra em que domina a nota dramática ou a lírica — nos seus versos, onde a ironia impera e onde o sarcasmo casquina mordazmente, não é possível descobrir uma linha de filiação qualquer: aí a originalidade e a personalidade são absolutas».

\*  
\*  
\*

Do carácter literário de Guerra Junqueiro se occuparam com maior desenvolvimento dois críticos portugueses eminentes: Moniz Barreto, na *Revista de Portugal*, e o sr. Fidelino de Figueiredo, na sua *História da Literatura Realista*.

O malgrado Guilherme de Moniz Barreto compara o poeta da *Morte de D. João* expressamente com Gomes Lial e implicitamente com Antero de Quental:

«A superioridade dessa alma (a de Antero) é não ser impressionada senão pelas grandes coisas e não se deixar mover senão pelos grandes interesses. O Universo na sua totalidade e na direcção final do seu movimento, o Homem e o seu destino, a função espiritual dos pensadores e dos poetas contraposta à esterilidade rotineira do sacerdócio tradicional; a magna luta da igreja católica com o espírito moderno, o estertor de um passado que agoniza e o vagido vitorioso de um porvir que rompe da entranha fendida do século: eis as inspirações das *Odes Modernas*. E essas inspirações não são um pretexto para as tiradas convencionais de uma estreia ambiciosa... É que a sua imaginação é metafísica, anda nêle ligada a profundos instintos morais, isto é: à consideração preponderante do alcance dos actos e do valor da Vida. Estes dois traços combinados produzem a disposição religiosa, que resulta da introdução das preocupações práticas numa alma metafísica e que consiste na adaptação de uma teoria do Universo à explicação do destino humano. O sentimento religioso inspira de uma ponta a outra todos os seus escritos... Antero de Quental, por alguns lados do seu espírito, atinge a aptidão épica. Contudo não se ensaiou na epopeia, e por ventura fêz bem,

Este género literário foi porém tentado com êxito incompleto e talento manifesto por dois escritores que tiveram o seu momento de reputação vaidosa (Guerra Junqueiro e Gomes Lial). Quando se procura a fórmula do espírito de Guerra Junqueiro, acha-se que êle é muito mais orador do que poeta, e que tem muito mais eloquência do que imaginação.»

«Que o leitor pegue no seu primeiro poema (*A Morte de D. João*) e, reagindo contra a fascinação da forma, que o subjugará à primeira leitura, se aplique à análise directa da obra na sua concepção fundamental, na composição das suas personagens, no processo das suas descrições, no mecanismo do seu estilo e na estrutura da sua métrica. Se levar a cabo êsse trabalho, verá que não encontra nela nem essas criações siméticas e essas figuras cíclicas em que se assinala a imaginação épica; nem êsses caracteres vivos e essa sciência do coração que resulta da imaginação psicológica; nem essa nitidez de contornos e êsse esplendôr de colorido que acompanha a imaginação física; nem essa torrente caudal de emoções profundas que deriva de um verdadeiro temperamento lírico. Mas, em compensação, terá de admirar os recursos de expressão, a sumptuosidade e o vigor da frase, a rica pompa e a correção magistral do verso, a sábia gradação dos efeitos e emfim a arte consumada de formular, intimar, ornar e lançar à circulação um tema poético. Um vocabulário escolhido e nobre, uma adjectivação abundante e nova

uma trópica audaciosa e engenhosa, uma sintaxe regular e ampla, versos de bronze e rimas de cobre — eis o segredo do seu prestígio, mesmo sobre aqueles que estão prevenidos por profissão e por hábito. Se se procura um veio de verdadeiro sentimento poético na *Morte de D. João*, encontra-se no lirismo amargo, sensual e mórbido do protagonista. Mas quem quiser ver a manifestação do dom fundamental do seu espírito, excluída a faculdade de expressão, terá de considerar as suas composições satíricas. Nelas se revela uma verdadeira aptidão de sarcasta, e a despeito do carácter artificial de alguns expedientes na invenção e expressão da ironia, acha-se que esta é a sua verdadeira vocação.»

«E se na *Morte de D. João* Guerra Junqueiro manifestou mais reais dotes de poeta, na *Vêthice do Padre Eterno* deixou um mais vivo documento de si mesmo. — A outra tentativa épica é a de Gomes Lial. Nenhuma das qualidades que fazem um poeta, e um grande poeta, faltam a este artista superior e desigual. Livro extraordinário (o *Anti-Cristo*, de Gomes Lial) sulcado de relâmpagos de génio, superior e ilegível, cheio de concepções e quadros que fariam a glória de um grande poeta, mas tão mal feito, tão carregado de repetições e loucuras, tão inçado de faltas de gosto, tão claudicante na gramática e na métrica, que a maioria dos leitores o abandoná em meio... E se o crítico acha que a reputação poética de Guerra Junqueiro é superior aos seus méritos, como a de Gomes Lial é infe-

rior ao valor próprio, é também forçado a confessar que o primeiro só a deve a si, e o segundo não tem que se queixar senão de si mesmo».

\*

\* \*

Entende o sr. FIDELINO DE FIGUEIREDO que o carácter de *arte de combate* que tem a *Morte de D. João* e a *Velhice do Padre Eterno* deram à poesia de Junqueiro nestes dois livros «*uma côr partidária — e porque não intolerante e sectária? — que para logo a restringia a um público determinado e a um determinado momento histórico. Uma e outra obra sofreram, na sua beleza, na sua impassibilidade, e na sua verdade e perduração, com esse ponto de vista.*»

Sôbre a estética da *Morte de D. João* diz o illustre crítico:

«O sr. Guerra Junqueiro, fundindo o lirismo épico de Vitor Hugo e o satanismo de Baudelaire, pelo arrôjo das suas imagens, praticava esta novidade tão mal recebida de uma parte do público literário e tão entusiásticamente apoiada por outra, de meter a prosa na poesia. Cães vadios, a prostituição, a nudez gangrenosa, a vala comum, os hospitais, a valeta, tudo que até então, na poesia portuguesa, fôra sistematicamente afastado do âmbito dos temas literários, era acolhido

no poema do sr. Guerra Junqueiro, que nos seus alexandrinos vibrantes extraía a essas podridões belezas inconcebíveis. Não havia só satanismo, nessa irreverência e nessa concepção de uma sociedade composta de lupanares e quartéis; havia também muita influência e exagêro do Realismo, que na sua reacção contra a escolha apurada que o Romantismo fazia dos seus motivos, se comprazia em descer ao campo oposto.»

Um processo muito de Junqueiro é, segundo o sr. F. de Figueiredo:

«... exprimir sentimentos e ideias muito complexas numa grosseira imagem, tirada do que há de (mais) comum, mais rasteiramente cotidiano:

O Sol aplica à terra  
Um cáustico de brasas.

«A reforma religiosa em Inglaterra, separando a igreja inglesa da tutela romana, é assim figurada:

E John Bull, por exemplo, um pouco mais modesto  
Manda ao diabo a botica e faz a droga em casa.

«Este processo é consequência de duas principais causas: influências literárias do satanismo sarcástico; constituição mental do sr. Guerra Junqueiro, um satí-

rico e um espírito que se compraz no encadeamento de imagens visuais, muito concretas, muito representativas.»

Falando do *Finiſ Patriæ*, considera o sr. FIDELINO DE FIGUEIREDO o poemeto *Ō Inglaterra* como «uma maldição de uma veemência inextinguível, pela brutal energia das imagens, pelo ímpeto do ódio destruidor que a anima, únicos na literatura portuguesa.»

«Como obra doutrinária a *Pátria* (diz o mesmo crítico) é de um valor muito secundário, e valor secundário que não-de forçosamente ter tôdas as generalizações improvisadas da história de um país, a qual está ainda de todo por fazer; valor secundário agravado pelo melindre de tratar um assunto, cuja verdadeira história é ainda ignorada. Porém, para compensar essa fraqueza do poema, o seu lado artístico destaca-se e impõe-se. Só um poeta de génio, num momento de grande exaltação de sentimento e de imaginação criadora, conseguiria fazer obra de arte, e obra de tanta arte, sobre um acontecimento contemporâneo, que a imaginações vulgares só poderia sugerir artigos de jornal, discursos e panfletos... A sátira mordente, o cinismo torpe, o mais chão egoísmo, o mais alado lirismo, tôdas as notas fortes da alma humana vibram nesse poema, todo bafejado de um hálito trágico. Só nos tercetos do *Condestável*, quando o poeta faz a apologia da virtude ingénua e casta, e implicitamente

levanta um hino à intervenção dos heróis — no que segue ainda Oliveira Martins — a sua inspiração é menos fluente, a forma menos clara e menos poeticamente incisiva.»

A respeito de *Os Simples*, diz:

«São uma obra de calma emoção, o reverso das cóleras e caracismos da *Pátria*. Do poema diz o autor, concluindo uma nota final: *tentei uma obra de arte que fôsse ao mesmo tempo absolutamente individual, ingénitadamente portuguesa, e vasta e fundamentalmente humana*. E realizou integralmente o seu fim. É uma obra individual, porque nasceu de um estado de espírito absolutamente subjectivo, do autor, em que dominava determinada aspiração que anima todo o poema, que é mesmo o seu sentimento dominante, e como que a sua justificação; é uma obra nacional, porque os quadros rústicos são recores coloridos e idealizados da província portuguesa, da sua paisagem, dos seus costumes, da sua psicologia, do seu viver; é, finalmente, uma obra humana, porque traduz um estado de alma, que todos os que pelo pensamento vivem e dêle sofrem, que todos que atravessam com dor um mundo de maldade e de ilusão, teem alguma vez experimentado: — a ansiedade da vida simples, sem cuidados, nem dúvidas.»

Sobre as *Orações*:

«... Inauguravam uma nova estética; inteiramente nova na poesia portuguesa, uma espécie de misticismo

panteísta, mas interpretado de um modo muito pessoal... Que propõe o Poeta? Que a poesia transponha os seus limites humanos, e na vida universal, explicada pela sciência, e vagamente idealizada pela religiosa admiração do homem, busque novos motivos. Êsses motivos hão-de forçosamente ser poucos, e, sobretudo, pobres de emotividade; visto que o homem em tôda a parte procura a representação da sua vida, com os seus eternos dramas entre o bem e o mal. O que de belo existe nessas orações é o que lhes comunica o estro do sr. Guerra Junqueiro, como também o naturalismo de Zola, estéticamente um êrro, deveu ao próprio temperamento de Zola a sua beleza. Só o sr. Guerra Junqueiro podia representar poéticamente a síntese do oxigénio e hidrogénio pela fôrca eléctrica:

Almas das águas, quando se casaram,  
Foi com beijos de luz que se beijaram.»

Iniciou a sr.<sup>a</sup> D. Luísa Ev, que por longo tempo residiu em Portugal e hoje é professora (*Lektor*) de língua e etnologia portuguesa na universidade de Hamburgo, a publicação de uma colectânea intitulada *Modernos autores portuguezes*, editada pela casa de Julius

Groos (Heidelberga), e cujo programa é o seguinte : tornar conhecidas do leitor alemão as modernas literaturas, tanto portuguesa como brasileira, alternando-se em trechos característicos um romancista com um poeta lírico ou épico, um dramaturgo com um historiador ou crítico de arte, e devendo ser também considerada a literatura «folklorista».

Saiu já nesta colecção, cuja iniciadora é digna do nosso reconhecimento nacional, por tornar assim conhecida lá fora a boa literatura portuguesa, um volume consagrado a *Trindade Coelho*; e acaba neste momento de publicar-se outro com largas transcrições de *Guerra Junqueiro*, precedidas de assaz desenvolvido preâmbulo crítico, de onde traduzimos, com a devida vénia, os seguintes períodos :

«Foi Guerra Junqueiro considerado como a encarnação da alma portuguesa, o que me não parece absolutamente certo. Tal denominação caberia sem dúvida melhor a Bernardim Ribeiro, Cristovam Falcão, Almeida Garrett ou João de Deus, e, acrescentemos, a António Nobre, em quem se revela a alma portuguesa tal qual hoje é : sonhadora, passiva e como adormecida numa meia inconsciência da realidade, que a arrasta para a crença fatalística no *tinha de ser*, para a esperança num *amanhã* que nunca chega, ou se transforma, quando alvorece, num *hoje* como os outros — para a expectativa do *Desejado* . . . »

Depois de citar, como influenciados por Guerra Junqueiro, os poetas Queiroz Ribeiro, Cândido Guerreiro e Corrêa de Oliveira, e de pôr em relêvo, pela rápida análise de obras sucessivas e tão diferentes como a *Velhice e os Simples*, a complexidade do estro junqueiriano, diz a sr.<sup>a</sup> D. LUÍSA EY:

«...A *Morte de D. João* trata um problema que mal devia ter merecido a honra de ser contado .. Na *Velhice*, como em *D. João* e na *Pátria*, a par de muitas cousas repulsivas (*viel Abstossendem*) que folgaríamos de lá não ver — tão absolutamente supérfluas e infundadas nos parecem por vezes — topamos com quadros de tão singular novidade, com versos de tão maravilhosa beleza, que não sabemos se por amor dêstes nos cumpre perdoar ao Poeta as fealdades que temos de aceitar de contrapêso, ou se, pelo contrário, lhe deveremos querer dobrado mal, por não ter ajudado a sua musa, de asas indisciplinadas (*leicht beschwingten, ketzerischen*) a evitar aberrações.»

«Mas não ficaria completo o retrato do Poeta — como aliás o de Heine, com quem êle apresenta vários traços de semelhança — se nos limitássemos a considerar o que na sua obra nos quadra, evitando o que causa estreteza e chega a ferir-nos. Guerra Junqueiro escreve para homens já feitos e com ideias próprias. E nós temos de apreciá-lo no seu terno, religioso amor das crianças; na sua cólera severa contra as escolas,

tais como são ou foram; no seu implacável antagonismo com tôda a espécie de devoção puramente exterior; nas suas sátiras burlescas a um clero sensualão; no seu combate a todo o dogmatismo; na sua aversão à prepotência dos fortes contra os fracos; no seu respeito da natureza; no seu misticismo, sempre voltado para a Eternidade.»

«... Apesar do seu tom irrevente contra o Salvador do Mundo, ao modo de Voltaire, Junqueiro é um sincero indagador de Deus (*ein ernster Gottsucher*).»

\*

\* \* \*

O sr. COELHO DE CARVALHO, num artigo datado de 11 de Novembro de 1902, e publicado no periódico *O Dia*, de Lisboa, põe em relêvo a unidade de pensamento, mantida através de tôda a evolução literária de Junqueiro :

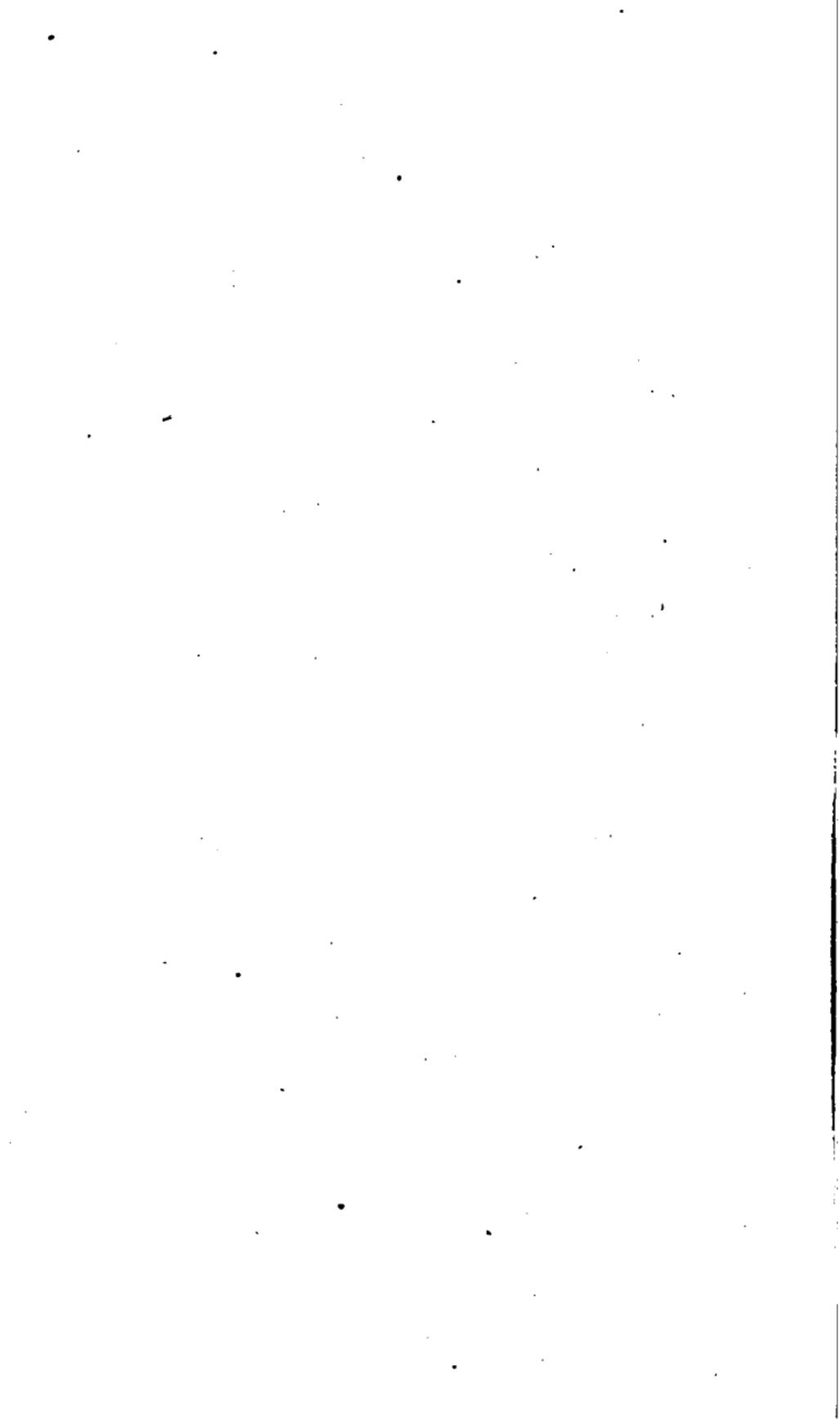
«De nenhum outro escritor sei que tenha sido em todo o decurso da sua obra literária mais igual a si mesmo, do que Junqueiro. Passando pelos diferentes períodos de diferenciação da sua intelectualidade, até chegar à completa integração em que na *Oração ao Pão* se apresenta agora, em tôdas as suas manifestações se encontra o fio contínuo da vida de uma alma, isto é: de um ser uno como Deus, se bem que

\* \* \* \*

(também como Deus) diverso na sua própria unidade. O mistério da *divina trindade*, que a Igreja impõe como dogma — não porque não seja explicável, mas porque nem todos podem compreender a explicação — é realmente a prova mais completa da existência de Deus; diferenciando-se por si mesmo, o *Pai no Filho* e no *Espírito Santo*, por si mesmo se integra no princípio diferenciado, que é Deus. E' por isso que tôdas as religiões superiores teem a sua trindade. ¶ E as almas? Se são raras aquelas a que é concedida a faculdade superior de compreender o universo e a vida, e comunicar com as outras, dando-se-lhes a conhecer por meio da obra literária em uma ou noutra fase da sua própria diferenciação, raríssimas serão as que logrem manifestar-se em tôdas as fases, e completarem na curta vida de um homem a sua integração. Em tôda a literatura portuguesa só conheço uma alma de integral perfeição — é Guerra Junqueiro. E' curioso estudar o fenómeno assombroso, e constata-lo. Em geral julga-se o Poeta dos *Simplex* e da *Oração ao Pão* em contradição completa e absoluta com o autor da *Morte de D. João* e da *Velhice do Padre Eterno*; e não é assim. E, senão, vamos buscar a primeira obra de Junqueiro, obra de muito poucos conhecida, e em que êle nunca fala, por ser artisticamente cousa inferior, mas que é a ingénua manifestação infantil da mesma alma de poeta. Intitula-se *Mysticae Nuptiae*, versos feitos aos catorze

anos, e nêles achamos já, em embrião, o mesmo sentimento da divina unidade do universo, inspirando-lhe inconscientemente a compreensão da vida.»

«É depois, através dos livros que se vão seguindo, de mais em mais perfeitos como arte de escrever, o espírito do poeta vem desdobrando-se em diferenciações sucessivas, embora rápidamente: de ironia e de sarcasmo, como na *Morte de D. João* e na *Velhice do Padre Eterno*; de doce bondade, como na *Tragédia Infantil*; de cólera e indignação pelo amor da justiça, como na *Pátria*, poema em que o verso português atingiu a mais alta eloquência, a que nenhum outro poeta chegara; e, finalmente, de fé absoluta e de divina piedade universal, como nos *Simplex* e na *Oração ao Pão*. E em todos êsses livros encontramos aquele mesmo primitivo sentimento, já tão consciente no poeta que chega a ser ideia, clara e nítida; a ponto que a alguns, que desconhecem os antecedentes, ou que o lêem de leve, parece que os últimos poemas foram, por destriedade de processo literário, calcados sôbre moldes estrangeiros, e pensados sómente, que não sentidos. É um êrro supor tal. Todos os livros de Junqueiro, do primeiro ao último, são a exteriorização espontânea, natural e inevitável, da sua alma poderosíssima.»



### III

#### Acção social

**N**A sua publicação já anteriormente mencionada cita a sr.<sup>a</sup> D. Luísa Ey três poetas portugueses que considera influenciados por Guerra Junqueiro : o sr. Queiroz Ribeiro, no seu *Caminho do Céu*; o sr. Cândido Guerreiro, nos *Sonetos*; e o sr. António Corrêa de Oliveira, nas suas composições «místicas».

Foi vasta e foi longa, como não podia deixar de ser, a influência artística d'este grande poeta e grande metrificador, que, por mais de uma vez na sua vida, fêz e desfez entre nós a moda literária. A sr.<sup>a</sup> D. Luísa Ey podia ter ampliado muito a sua lista, se o seu intuito não fôsse apenas exemplificar.

Mas, além de influência literária grande, exerceu o sr. Guerra Junqueiro entre nós verdadeira e forte acção social. Cada um dos seus livros, com excepção apenas dos *Simplex* e das *Orações*, actuou como uma revolução política, destruindo tradições, minando instituições e dinastias, acendendo iras colectivas demolidoras, inspirando crimes e martírios em prol da Ideia ou da Grel.

Fácil, eloquente, vibrante, comunicativo, exagerado e apaixonado, como todos os demagogos, o autor da *Velhice 'e da Pátria* teve sempre o público numeroso que procurava — e que não escolhia. Não escreveu nunca *para os raros apenas*, como os preciosos e requintados artistas do Simbolismo, senão sempre *para quantos mais, melhor*, como bom panfletário e bom revolucionário militante. Por isso a literatura nacional tem de agradecer-lhe ou felicitar-se com êle, porque êle se conservou artista, ainda quando não era o sentimento artístico, mas o sentimento político, que principalmente o inspirava.

¿ Terá também a história nacional de agradecer-lhe um dia os resultados ou efeitos últimos da sua forte acção moral, social e política? Esperemos que sim, para proveito da Pátria e maior glória do Poeta. O que por agora sabemos a tal respeito é pouco ou nada, porque estamos ainda muito dentro dos factos, ou os factos estão ainda muito em cima de nós, para os vermos com perspectiva ou os pesarmos com serenidade.

\*

\* \* \*

Na *Provincia* de 5 de Setembro de 1885, publicou o sr. JAIME DE MAGALHÃES LIMA um folhetim intitulado *A Morte de D. João e a Velhice do Padre Eterno*, e no

qual, sob forma de carta ao sr. Luis de Magalhães, se estudavam os motivos da *popularidade de Guerra Junqueiro*. São dêsse folhetim os seguintes períodos :

«...As obras de Junqueiro teem um número extraordinário de leitores, recrutados em grande parte entre os mais avessos à leitura de tóda a espécie. Não as lê só a aristocracia capaz de lhes perceber todo o alcance; não é ainda a plebe literária, que da sua poesia só vê a superfície, quem constitui o melhor (?) das inúmeras fileiras de espectadores apaixonados; é o *profanum vulgus*: burgueses, operários, amanuenses e — ¿ quem o diria? — padres até, dom juans e devassos, só cuidadosos da qualidade do vinho e do preço e da frescura da mulher. Teem não sei quê de diabólico, estes livros do Junqueiro, na facilidade com que trepam acima da mesa de trabalho do homem honesto, sequioso de amor e justiça, para logo saltarem à banca empoeirada do amanuense, e de aí, com uma agilidade prodigiosa, se insinuarem pelas alcovas das amantes e pela fresta da residência do prior.»

Depois de preguntar que qualidade terão as obras de Junqueiro *para apparecerem assim em tóda a parte com uma viveza demontada*, e de negar que tal êxito fôsse devido ao pensamento moral dado por Junqueiro à poesia, ou à sua feição satírica, ou até à *fama de escândalo* que acompanhou a publicação da *Velhice*, conclui o sr. Jaime de Magalhães Lima :

«Sem negar o pêso da agudeza do sarcasmo e da atracção do escândalo, parece-me que a fama dos seus livros provêm em grande parte dos quadros sensuais do *D. João*, das scenas de irreprimida animalidade da *Sesta do Senhor Abade*... E' isto o que o vulgo vê; é isto o que o vulgo comprehende, é isto o que aplaude; porque evoca no seu espirito mesquinho e depravado as scenas que lhe são mais familiares e as imagens voluptuosas que lhe são mais queridas. As belezas estéticas do *D. João* e da *Velhice do Padre Eterno*, e esta elevação moral que tanto nos conforta a alma, ficarão para êle sempre no escuro. *Chacun ne comprend que ce qu'il retrouve en soi*... } E precisarei de lembrar que a origem e natureza dos aplausos em nada pode prejudicar o merecimento real da obra? ...»

Não pode. Mas contraria muita vez o próprio pensamento moral que inspirou essa obra. Assim o entendeu a Inquisição, incluindo no Catálogo de livros prohibidos, de 1581, a *Rhopica Pneuma*, de João de Barros, «não «por conter condenada doutrina (diz SEVERIM DE FARIA «na *Vida* dêste escritor) mas por que não tomassem «dêla alguns ocasião para usarem em seus officios das invenções viciosas que tinha achado o «Tempo» (1); por-

---

(1) O «Tempo» é uma personagem allegórica do citado livro de Barros.

«que está tão enfêrma nos costumes a natureza humana,  
«que as mais das vezes convertem os homens em peçonha  
«os mesmos meios que lhes dão para seu remédio . . . »



Guerra Junqueiro é considerado, e com tôda a razão, como um dos fundadores da República Portuguesa. Pode porêm dizer-se que, encaradas como obras políticas ou sociais, as suas lamentações e as suas sátiras são menos republicanas, do que socialistas ou anarquistas. Muitas páginas dos seus livros de combate, e no número dêstes incluímos a *Musa em Férias* (Veja-se o *Crime*, etc), encerram doutrina tão subversiva hoje, sob a presidência do sr. A. J. d'Almeida, como o era no reinado do sr. D. Luis I; e adiante encontrará até o Leitor, no corpo desta selecta, trechos da *Pátria*, por exemplo, que vestem melhor em factos e costumes de hoje, do que acertaram nos costumes e factos contra que foram escritos.

O Poeta estava na lógica do seu temperamento, e portanto no seu direito, fulminando e demolindo; e não é culpa sua que não tivesse ainda apparecido alguêm a construir sôbre as ruínas que êle espalhou.

\*  
\* \*  
\* \* \*

Referindo-se ao célebre Grupo dos Cinco (Eça, Martins, Ramalho, Quental e Junqueiro) e adicionando-lhe Camilo e Teófilo Braga, o lucidíssimo crítico sr. JAIME DE MAGALHÃES LIMA (1) chama-lhes *Os demolidores do Liberalismo* e considera-os como os elementos primaciais do tribunal que entre nós julgou e dissolveu o liberalismo burguês, formado nas revoluções que iniciámos no princípio do segundo quartel do século XIX :

«Foram êles que minaram os alicerces daquela obra, na realidade gigantesca — faça-se-lhe essa justiça — de pouca dura relativamente à magnitude do esforço que custou, mas incontestavelmente épica. Foram êles que, ora rindo, ora batendo, ora simplesmente analisando e comentando, reduziram a pó a ostentação daquela architectura de compromissos, transigências, meios princípios, intenções excelentes, pouca coragem e escassa lógica.»

Depois de ter definido a parte de Guerra Junqueiro na tarefa de demolição, nota o sr. Magalhães Lima que todos aqueles demolidores se arrependeram, ou começaram a sonhar reconstruções e reabilitações . . . :

---

(1) *Atlântida*, vol. III, pag. 1091 e ss.

«E o sr. Guerra Junqueiro, já recolhendo da acidentada peleja de imprecações e sarcasmos em que prostrara um *D. João* agonizando na miséria e o *Padre Eterno* degenerado em hipocrisias senis, convertia-se da maldição à admiração, e corria a beber o rejuvenescimento, a alegria e a candura entre *Os Simples*. Apontava ao nosso culto e carinho a ingenuidade, o trabalho e a humildade dos ignorados e rudes... Era aquele «o seu melhor livro», dizia o sr. Guerra Junqueiro na dedicatória de *Os Simples*. Era êle mesmo que estabelecia preferências relativamente aos seus livros anteriores; dêsse modo os corrigia, emendava e acrescentava em uma confissão de todo o ponto significativa... Chamava-nos agora a reavermos uma alma de grandeza verdadeira e de pureza, entre os pastores e os cavadores, entre os servos e entre os pobres, pelas ermidas, pelas levadas, pelas choupanas e pelos eirados, onde o suor que cria o pão se confunde com a natureza que ignora a mentira...»

«Assim fizeram acto de contricção e cumpriram sua penitência todos os demolidores do liberalismo... Não viveram quanto sonharam, que a realidade sempre sabe esquivar-se a obedecer completamente às nossas esperanças e esforços. Mas seria cegueira e desvairada injustiça esquecer que o que êles juntaram e nos legaram é por agora a melhor riqueza espiritual da nação.»

A êste mesmo assunto — influência do chamado *Grupo dos Cinco* na mentalidade das últimas gerações portuguesas — consagrou o crítico e poeta sr. ALBERTO D'OLIVEIRA um capítulo do seu recente estudo sôbre *Eça de Queiroz*.

Parecendo-nos útil à formação do espírito e do carácter da mocidade portuguesa o conhecimento das ideias afirmativas e sãs contidas nêsse capítulo, para aqui transcrevemos quasi tôda a sua confortadora doutrina :

«Apesar do atraso de que chorosamente nos lamentávamos, por comparação com a culta Europa, duvido que alguma nação do formato da nossa pudesse gabar-se, nos derradeiros anos do século próximo findo, de possuir uma geração literária tão numerosa, e tão autênticamente de primeira plana, como'essa em que fulgurou o génio de Eça de Queiroz. Desde então não é fácil dizer-se quem tem governado intellectualmente em Portugal. Suponho até que o último govêrno que tivemos dessa espécie foi aquele grupo dos Cinco, fotografado na Granja, que tantas vezes contemplo com saudade sôbre a minha mesa de trabalho. ¿ Quem o não conhece? No meio, a face pura e ascética de Antero de Quental; à sua direita Oliveira Martins, de

semblante melancólico, e Eça de Queiroz, discreto e elegante; e à esquerda Ramalho Ortigão, resplandecente de aprumo, e Guerra Junqueiro, penetrando-nos com os seus olhos sarcásticos.

«Esses cinco homens revolucionaram e em seguida dirigiram com a autoridade e a força de um ministério, a Inteligência portuguesa. Uns reformaram a História, outros o Romance, outros a Crítica e a Poesia. Portugal saiu das suas mãos exprimindo, numa língua nova, pensamentos e sentimentos novos. Jámais antes dêles houvera em cabeças portuguesas um tão concorrido e vibrante encontro e tumulto de ideias... ↗

«O rumo que a geração tão brilhante de Eça de Queiroz indicou às suas sucessoras não foi sempre o mais conveniente à saúde moral de uma nação que merecia receitas de vida, e não antecipados necrológicos.

«A regra artificial do Naturalismo não era digna de tornar-se um evangelho, sobretudo se por amor dela se deixavam estancar as fontes muito mais ricas, se bem que mal captadas, da nossa tradição histórica e artística. O pessimismo, excelente como tónico, quando administrado em doses prudentes, foi para as nossas imaginações moças uma *fumerie d'opium*, que nos desviou da realidade militante para o devaneio inerte, cruzando braços que deviam semear e colher. A ironia operou como um vitríolo, sobre as feições frágeis de uma nação pequena e pobre, cujos habitantes não

eram dotados, nem de sólida fé em si próprios, nem de suficiente conhecimento da história comparada, para reconhecerem que muitos dos defeitos de que se vexavam não eram nacionais, mas universais; e que aos outros o tempo, a educação e o trabalho dariam seguramente remédio.

«Menos até por culpa (e, sem dúvida alguma, contra a intenção) dêsses grandes espíritos nossos mestres, do que pelas levianas generalizações da nossa ignorância, dispusemo-nos a crer que Portugal era uma nação morta ao péso do seu passado, gloriosa por um minuto e agonizante durante séculos, — teoria esta que, aplicada a qualquer povo existente, lhe tiraria o ânimo para tôda a reacção e o levaria a mandar chamar com urgência, não o cirurgião, mas o cozeiro. A *auto-sugestão da nossa decadência*, segundo a definição perfeita de um critico francês de iguais desatinos, ia fazendo de nós uma nação atacada de mortal neurastenia colectiva, que já nem tinha olhos para ver como outros povos mais desprovidos de recursos, de cultura e tradição inferiores, lutando contra obstáculos políticos e económicos que desconhecíamos, se preparavam virilmente para progredir e viver.

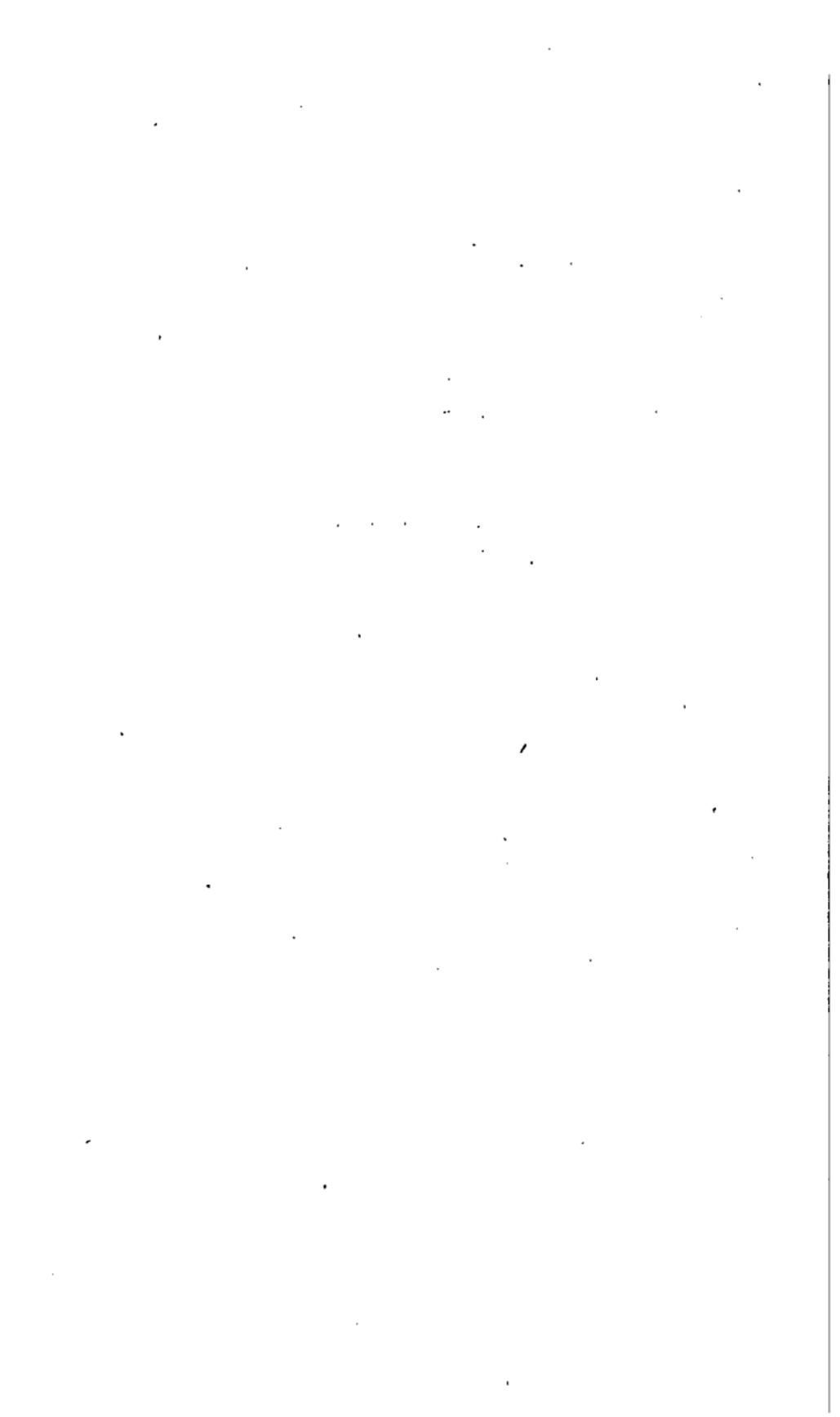
«Um Carlyle pode impunemente proceder a severas operações de alta justiça sôbre o corpo de uma Inglaterra opulenta, poderosa, vasta, a quem a fatura agravou a surdez para os conselhos amargos. Mas os Carlyles das nações pequenas e fracas, se quiserem curar,

e não matar, tem de medicá-las com outra caridade, contemplação e paciência. Hoje, lendo de novo em nós próprios, depois de termos lido demais em livros alheios, reconhecemos que a ignorância e a pobreza são os nossos únicos males reais, males de que se pode escapar e que só não cura quem não quer. Os novos arautos que com alegria vejo surgir de cada lado, dispostos a pôr ordem no nosso caos mental, pregam a boa doutrina e começam a praticá-la com brilho. Recitam-nos o optimismo, que é força e saúde; o culto inteligente da tradição e da raça; a revisão da nossa história, tantas vezes escrita com rancor e interpretada sem atenção à relatividade dos tempos e circunstâncias; o patriotismo ardente e que antes seja místico (*le seul mysticisme nécessaire*, lhe chamava o insuspeito Gambetta) do que scético e irónico; o nacionalismo e até o regionalismo na arte, na política, na economia, na vida jurídica, religiosa e social; e em-fim o estudo técnico, concreto, cara a cara com a realidade, dos nossos problemas chamados vitais e que, sempre pendentes e nunca solvidos, passaram ao estado singular de urgência crónica. Só assim curaremos a impressionável alma portuguesa da abstracção delirante em que tem vivido, e a que só não tem succumbido por força e virtude da sua espantosa resistência hereditária. Só assim acreditaremos que não é sobrenatural, nem portanto insolúvel, a nossa crise; e que os seus remédios, de applica-

ção afinal simples e eficácia largamente experimentada e pronta, estão ao alcance da nossa inteligência, da nossa vontade e da nossa bolsa.

«A defesa contra a intoxicação nacional tem de buscar-se na boa e prática escolha dos exemplos alheios que nos sejam acessíveis; na descentralização política, administrativa e económica; numa limitação sensata e numa graduação metódica dos nossos ideais e aspirações; no combate incessante à nossa endemia doutrinária e teórica pelo quinino tónico das cifras, dos actos e dos factos. Não é possível continuarmos a deixar ensinar aos cérebros tenros da mocidade, como se fêz aos nossos, que a energia portuguesa foi aniquilada há quatro séculos, pela Inquisição e os Jesuitas, e a economia portuguesa duzentos anos depois, pelo tratado de Methwen; como se em tão longo período não se tivessem, em todo o mundo, feito, desfeito e refeito nações; como se a prosperidade actual da Europa não fôsse um facto bem moderno; como se houvesse um pecado original irremissível na vida dos povos; como se os perigos com que se tentou assombrar a nossa infantilidade não fôsem hoje ridículos fantasmas; como se, numa palavra, a nossa própria existência e independência não constituíssem a mais cabal resposta a tão loucas aberrações. Não podemos manter na leitura da nossa História o ritmo angustiado dos trenos de Jeremias, só porque não nos nasceu um Camões em cada século, um

D. João Segundo em cada reinado, um Nun'Alvares em cada guerra, um Infante D. Henrique e um Gama em cada navegação, um Albuquerque e um Almeida em cada conquista, um Castelo-Melhor e um Pombal em cada govêrno. Não temos que erguer punhos de maldição aos Reis medíocres que por vezes ocuparam o trono de Portugal, esquecendo-nos de averiguar se a mediocridade é a excepção ou a regra humana, e se em algum trono terrestre se revezaram, sem solução de continuidade, os *Príncipes Perfeitos*. E, muito ao contrário, temos de assegurar aos nossos filhos que nenhum outro pequeno povo da Idade Moderna nos fará concorrência, na assembleia final do dia de Juizo, com mais numerosa e brilhante multidão de grandes reis e estadistas, de heróis e de génios.»



## IV

### Bibliografia

Duas páginas dos catorze anos.....	1864
Mysticae Nuptiae.....	1866
Vozes sem eco.....	1867
Baptismo de amor.....	1868
A Vitória da França.....	1870
A Espanha livre.....	1873
A Morte de D. João.....	1874
O Crime.....	1875
Tragédia infantil.....	1877
Contos para a Infância.....	1877
Aos Veteranos da Liberdade.....	1878
O melro.....	1879
A Musa em férias.....	1880
A Velhice do Padre Eterno.....	1885
Finis Patriæ.....	1890
Canção do Ódio.....	1890
Os Simples.....	1892
Pátria.....	1896
Oração ao Pão.....	1902
Oração à Luz.....	1903

Artigo em francês sôbre «O rádio e a radiação universal», publicado em <i>La Revue</i> . . . . .	1904
Théorie de certaines actions radio-biologiques	1910
<i>A execução de uma quadrilha</i> , longo artigo de defesa pessoal e política publicado no jornal portuense <i>A Pátria</i> , de 23 de abril de . . .	1910
«Poesias dispersas» . . . . .	1920

•

•   •

Não conhecemos nenhuma tradução integral em língua estranha de qualquer livro de Guerra Junqueiro; foram porém vertidas muitas poesias suas, em espanhol por Curros Henriques e Leopoldo Dias; em inglês por Edgardo Prestage; em italiano por Tomás Cannizaro; em alemão por D. Luísa Ey; em francês por Máximo Fromont.

## V

### Guerra Junqueira entre os Clássicos

**T**EMOS aqui à mão meia dúzia de definições de *autor clássico*, que são as seguintes:

A de BLUTEAU: «*Autor clássico vale o mesmo que autor de bom nome, de boa nota*».

A de MORAIS E SILVA: «*Clássico é o autor abalisado pelo bem que trata o assunto e pela excelência do estilo*».

A de JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO: «*Para nós são clássicos os mestres práticos da língua: aqueles que, embora nem sempre apresentem inteira correcção ou absoluta perfeição da frase; embora por vezes afraquem em estilo e linguagem, tal garbo e louçania, tal vigor e audácia semeiam por todo o seu dizer, que o cobrem de um resplendente verniz, desafiando a imitação*».

Já antes de José de Castilho tinha dito o excelente ANTÓNIO DAS NEVES PEREIRA:

«Os que temos por autores clássicos são só aqueles que com o seu talento contribuíram mais para o progresso da língua, e sua maior perfeição, ampliando os limites da analogia; e a melhoraram, emendando alguma coisa da sua antiga rudeza e irregularidade. Cujos benefícios resulta de que qualquer escritor insigne, além do carácter predominante do idioma em que escreve as suas obras, exprime o seu carácter próprio, que fica sendo subalterno ao da língua, e que se mistura como uma espécie de tintura; de maneira que os termos e frases da língua, debaixo da pena do autor, tomam tanto de significações novas e várias, quanto o seu espirito é menos vulgar e mais original».

José VERÍSSIMO, o famoso crítico brasileiro, escreveu algures: «Em que pese ao bom Moraes, clássico é, para nós, o escritor vernáculo dos séculos XVI e XVII. Qualifica-os antes a época em que escreveram. Os que escreveram posteriormente, apenas por extensão e favor são alguma vez considerados clássicos, quando anacrónica e desarraçadamente lhes reproduzem o feitio».

Outro crítico brasileiro, o sr. ERNESTO CARNEIRO RIBEIRO, dá uma definição mais longa e mais complicada:

«Entre outros deve o autor clássico reunir os se-

guintes caracteres: ter conhecimento perfeito da língua em que escreve, conhecer-lhe bem a índole, a fisionomia particular, todos os seus modismos e nativos ademanos, todos os seus segredos, os recônditos tesouros das suas minas preciosas;—falá-la e escrevê-la com pureza e exacção, evitando adorná-la e adulterá-la com construções que tendam a desvirtuá-la e abastardá-la;—ser claro, fugindo a êsses torneios viciosos e obscuros que tornam o discurso difuso, frouxo, arrevesado e embaraçoso;—ser elegante, pintando e representando as ideias e os pensamentos com beleza, distinção e certo saizete de graça, que tanto aviva, anima e robustece a elocução;—adaptar e apropriar sempre as palavras e o estilo à natureza das ideias e dos pensamentos enunciados;—de modo que todos os sentimentos nobres ou vulgares, tôdas as paixões violentas, tôdas as grandes comoções, todos os conceitos elevados ou obscuros, tenham na língua, que os traduz e fotografa, sua adequada e verdadeira expressão.»

Salvo a definição restritiva de José Veríssimo, em tôdas as outras cabe indubitavelmente uma personalidade literária como a de Guerra Junqueiro. E

não é preciso passarem duzentos anos sôbre as suas obras, para se ver que há nelas muitas e muitas páginas em que o autor se elevou à categoria de clássico.

Não há dúvida que ãle ampliou, com o arrôjo por vezes genial das suas imagens, os *limites da analogia*; não há dúvida que contribuiu para o *progresso da lingua*, tornando-a, por exemplo, capaz de exprimir a *imprecação* e o *sarcasmo* com uma efficacia, uma energia, e portanto uma beleza, nunca atingidas antes.

Guerra Junqueirò está perfeitamente dentro da definição de Neves Pereira, a nosso ver a melhor de tôdas, com aquella sua tão fina observação de que o carácter do estilo dos escritores insignes, isto é, dos escritores que tem carácter, se sobrepõe ou mistura ao da lingua, como uma espécie de verniz.

Chamou José Veríssimo à lingua portuguesa *admirável instrumento de poesia, pelo muito que foi trabalhada por poetas do mais rico estro*. Não é só por isto que a lingua portuguesa é um admirável instrumento de poesia, senão também, em primeiro lugar, porque é a lingua de um povo dos mais sensíveis à poesia; e em segundo lugar, porque é das línguas cultas de mais variada sonoridade.

Dadas estas duas condições, foi-lhe fácil tornar-se, a partir do século xvi, com Camões e os outros grandes poetas que se lhe seguiram, um admirável instru-

mento de poesia épica e de poesia lírica, tão admirável, que na epopeia nenhuma das suas irmãs a igualou, e que nenhuma a excedeu no lirismo.

Enriquecer uma língua destas com novos acentos, novas possibilidades, novas energias poéticas — ¿ que maior glória literária poderá imaginar-se e desejar-se ?

Eu não sei de outra, e creio que esta é a grande glória de Junqueiro, não só como poeta, mas também como metrificador.



Não o entendem porêm outros assim, e entre estes estão os que lhe chamam *o poeta da Raça*, de-certo na ideia de lhe chamarem coisa muito grande, sem se importarem que a grande coisa seja apenas um balão de vento.

Note-se, antes de mais nada, que a palavra *Raça* é empregada assim no sentido de *Nação*, e que *poeta da Raça* é sinónimo, sómente mais enfunado ou mais berrante, de *poeta nacional*.

Chamar a Guerra Junqueiro *o poeta nacional*, não sei o que significa, e receio que não signifique absolutamente nada. Se com esse título se quisesse dizer que êle é *a maior* ou *o único* poeta português de todos os tempos, não se diria bem, porque seria preciso, para isso, esquecer pelo menos Camões, Gil Vicente,

Bernardim Ribeiro, Sá de Miranda, Bocage, João de Deus, Antero de Quental. Se se pretendesse classificá-lo assim como *o mais português* dos poetas portugueses, também não se diria bem; porque, estando provado em cinco ou seis séculos de vida da nossa língua e de existência da nossa literatura, que o carácter predominante da poesia nacional é o lirismo amoroso—tôda a produção poética de Junqueiro está aí para demonstrar matematicamente—matemática elementar de contagem pelos dedos—que as páginas de lirismo amoroso constituem, em tantos milhares de versos seus, uma insignificante minoria. Se porêem se entende, com esta fórmula de *o poeta da Raça*, intitular o autor dos *Simples* como o maior dos nossos poetas hoje vivos, então êsse título sonoro não passa de um pobre pleonasma, pois nunca se poderia dizer menos do único sobrevivente actual da pléiade de gigantes, que encheram de glória as letras portuguezas no último quartel do século XIX.

\*

\* \*

Guerra Junqueiro escreveu, na dedicatória dos *Simples*:

— *E êste, por em-quanto, o meu melhor livro.*

Mas, como tantas vezes acontece aos autores que

se lembram de criticar a sua própria obra, Guerra Junqueiro enganou-se.

Os *Simplex* documentam admiravelmente a admirável maleabilidade d'êste poeta, que, ao primeiro contacto com as produções do Simbolismo francês, imediatamente compreendeu ou sentiu o que havia de sólido e razoável na nova evolução literária: estreitamento do campo da poesia ao que é realmente poético, e, no tocante à forma, enriquecimento da metrifcação com novos ritmos e novas combinações musicais.

Fundindo estas novas tendências literárias exteriores com as novas condições íntimas do seu próprio espirito, o poeta do *Finis Patriae* e da *Velhice*, que até aí vivera quasi sempre em permanente simpatia com o ambiente político e desde muito mantivera o seu espirito na fermentação de sistemas religiosos e sociais, deu-nos com os *Simplex* um hinário panteista, onde o lutador cansado de lutar e de esperar as soluções desejadas (o advento da República demorou-se ainda dezoito anos e parecia em 1892 mais afastado que nunca) punha de parte a sua lira panfletária, revolucionária, oratória e política, para cantar com novas formas estróficas e novos compassos métricos os temas eternamente humanos, e portanto eternamente poéticos, da inutilidade do esforço, da simplicidade campestre e da serena mansidão da natureza.

Era naturalissimo que o génio literário de Junqueiro, abundante em riquezas de inspiração e de

técnica, produziu com os *Simplex* uma obra encantadora e comunicativa. Mas não é menos certo e menos evidente que o Poeta desatou da sua lira, para realizar esse poema de mudança de ares e de cura de repouso, as três cordas que nela soaram sempre mais afinadas e mais fortes: a do sarcasmo, a da reforma religiosa e a do combate político.

Em conversa comigo repetia Junqueiro há tempos que os seus melhores livros eram a *Pátria* e *Os Simplex*; e que a *Velhice do Padre Eterno*, livro de mocidade, constituia um acto de *cristianismo exacerbado*.

A *Velhice do Padre Eterno* é um panfleto contra a Igreja, excessivo e injusto como todos os panfletos.

— Se a escrevesse hoje, disse-me então Guerra Junqueiro, ter-lhe-ia dado outro carácter. Hoje sei mais, e bastou-me, por exemplo, conhecer melhor a vida de S. Francisco de Assis, super-homem admirável, para ver e sentir o valor de uma instituição capaz de possuir e merecer uma tão extraordinária figura.

Seja como fôr, o certo é que na *Velhice do Padre Eterno* fêz o Poeta vibrar mais sistematicamente que em nenhum outro livro seu a corda do sarcasmo, dominante na sua lira, pondo-a ao serviço da preocupação religiosa, dominante no seu sentimento ou no seu cérebro. E esta convergência da sua maior aptidão com a sua mais funda e mais permanente preocupação, é que a nosso ver fêz da *Velhice*, por emquanto, o seu melhor livro.

Para nosso gôsto, é na *Velhice*, assim como também na *Pátria*, que se encontram as páginas mais inspiradas de lirismo panteista e humanitário que Junqueiro escreveu (*Veja-se Aos Simples, O doido*, etc.); e é talvez para formar o salto do mais felino sarcasmo que êle atinge essas altas cumiadas de inspiração lírica.

Junqueiro não ficará na literatura portuguesa como o maior lírico ou o maior épico, pois não devemos por em-quanto desalojar Camões dos dois lugares que ocupa. Mas ficará certamente na literatura universal como um dos maiores poetas sarcásticos que o mundo tem visto, pois não creio que possa haver em qualquer outra língua sátiras e imprecações de tão formidável energia como *Á Inglaterra, A Vala Comum, Como se faz um monstro*, etc.

\*

\* \* \*

Na sua definição de *clássico* disse José Feliciano, como vimos, que se devem considerar *mestres práticos da língua* aqueles escritores que semeiam garbo e louçania, vigor e audácia por todo o seu dizer, *embora nem sempre apresentem inteira correcção ou absoluta perfeição da frase; embora por vezes afraquem em estilo e linguagem.*

A êste respeito observaremos, em primeiro lugar, que o estilo e a linguagem de Junqueiro são de grande simplicidade e de clareza cristalina, duas virtudes que costumamos considerar inseparáveis da beleza clássica.

Quanto à correcção da frase, não há que perdoar a êste poeta, cuja eloquência fácil, impetuosa e vibrante, nem por isso faz tropeçar o seu estilo correctíssimo.

Guerra Junqueiro não é um artista cinzelador; muito pelo contrário, em todos os seus livros se sente que a execução se seguiu imediatamente à concepção e que a corrente da inspiração caudalosa não foi retrospectivamente da foz á fonte, para voltar polida e encanada entre os cais da Rétorica, da Gramática, ou do Parnasianismo repintado. Espontânea, torrencial, improvisada, a sua frase é correcta de nascença, como é simples e clara de nascença.

Por último, devemos também notar que os versos de Junqueiro denunciam a cada passo uma boa educação portuguesa clássica, e que não se enxerga nêles, tanto pela sintaxe como pelo vocabulário, reflexo indiscreto e irritante da muita leitura francesa. Ao en-vés disto, pode dizer-se que dos grandes escritores do *Grupo dos Cinco* foi Guerra Junqueiro um dos menos atreitos à francesia.

Nevogilde (Porto), Outubro de 1920.

A. de C.

# GUERRA JUNQUEIRO

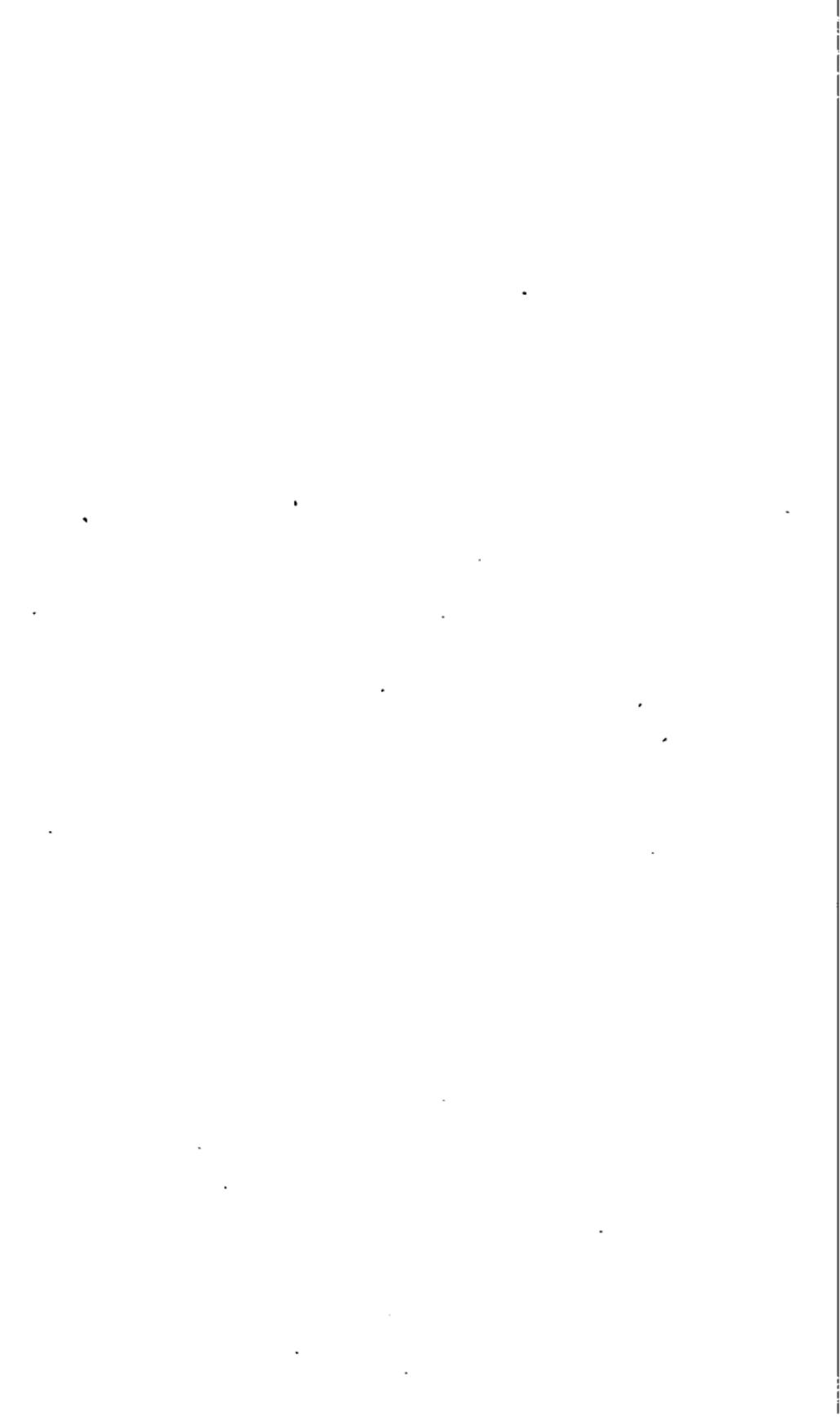
(VERSO E PROSA)



I

A MORTE DE D. JOÃO

1874



## O PENSAMENTO E O MAR

Eu era mudo e só na rocha de granito.

Por sôbre a minha frente, a sombra do infinito,  
Em volta a solidão, e o mar junto a meus pés,  
Cantando um hino igual aos hinos de Moisés.  
Vinha tombando a noite. Escuridão sem fim,  
Negra como o terror, triste como Caim.  
A abóbada celeste, ameaçadora e bruta,  
Tinha o ar concentrado, o ar de quem escuta.  
A treva, espião de Deus, imensa, indefinida,  
Vinha apagar a luz para espreitar a vida.  
Sentia-se um olhar naquelas sombras mudas:  
O olhar da consciência interrogando Judas.  
!Silêncio sepulcral! mudez profunda e calma!...

Fechavam-se, tremendo, as pétalas da alma.

Corria pelo espaço um negro magnetismo  
E os vagalhões do mar, no monstruoso abismo,  
Contavam entre si, frementes, soluçantes,  
As mortes dos heróis e as lutas dos gigantes.  
E eu, triste, contemplava os pélagos medonhos,  
O surdo revolver dos monstros e dos sonhos.

Ó murmuoso Oceano, ó vivo cemitério,  
És a noite do assombro, a noite do mistério.  
Ao crebro (1) latejar das tuas pulsações  
Abrasam-se de fogo as bôcas dos vulcões.  
A vaga redemoinha, e surge um continente  
Quando arrancas do peito algum soluço ingente.  
¡Que fôrças colossais, magnéticas, estranhas!  
¿Quem gera dentro em ti as ilhas e as montanhas?  
Teu ventre maternal a trasbordar d'amor  
¿Quem é que o fecundou, teu ventre abrasador?  
¿Que povo misterioso, indómito, infinito,  
Transforma a tua água em rochas de granito?  
¿Onde reside, ó mar, teu vasto coração?  
¿Quais são as tuas leis? ¿quem deu a inspiração  
Às correntes febris, ao turbilhão profundo  
Que vai de polo a polo e vai de mundo a mundo?  
¡Tens uma alma, tens, negro leão convulso!  
Que eu bem sinto bater o sangue do teu pulso,  
Bem sinto murmurar no abismo subterrâneo  
As vozes do teu peito e as lutas do teu crânio ...

Scismava eu assim. Meus doidos pensamentos,  
Mais negros do que o mar, mais livres do que os ventos,  
Lançavam-se febris, como animais selvagens,  
Nos sonhos, no terror, nas pálidas voragens  
Do círculo fatal chamado a morte e a vida —  
Floresta sem entrada e mundo sem saída.

.....

---

(1) = repetido, freqüente.

E nisto o céu tornou-se aberto e transparente,  
E a lua, a lua triste, envolta num sudário,  
Aparece a tremer silenciosamente,  
Branca como Jesus na noite do Calvário.

E o mar, o vasto mar, profundo e soluçante,  
Vendo fulgir da lua o pálido fulgor,  
Arqueia enormemente o dorso triunfante,  
Como um leão raivoso em convulsões d'amor.

Arqueia o dorso enorme, eleva-se às montanhas,  
Tomba sôbre si mesmo em rude cataclismo,  
Arranca mil trovões das rábidas entranhas,  
Levanta-se outra vez, cai outra vez no abismo.

Eu disse dentro em mim: — ¿Que portentosas mágoas  
Te fazem levantar a túnica das águas,  
Ciclópico gigante? A branca luz do luar  
¿Que influência terá sôbre o teu peito, ó mar,  
Que andas como o rei Lear (1), pálido, desgrenhado,  
Nas tristes solidões do abismo ilimitado,  
Rugindo, soluçando um chôro doido, enorme;  
Emquanto o teu amor silencioso dorme  
No firmamento azul! ¿Que atlética paixão  
Te arde no crânio? diz. Teu rude coração  
¿Porque brame d'amor, se despedaça, estoira,  
Quando um raio de luz acaricia e doira

---

(1) Personagem principal da tragédia de Shakespeare *King Lear*. É um velho rei que enlouquece de indignação e dor, quando expulso do próprio palácio pelas filhas a quem doara quanto tinha.

A tua juba, ó monstro? ...

Ah! Ideal, Ideal!

És a concentração da fôrça universal  
Irradiando o trabalho, a vida, o movimento.  
Ó abismo do mar: o mar do pensamento  
Também tem como tu a mesma tempestade:  
As três luas do Bem, do Belo e da Verdade  
Também fazem rugir seus vagalhões profundos,  
Levantam-nos ao céu, êsses três grandes mundos,  
Para os deixar cair como tu caís, oceano!  
E, apesar disso tudo, o pensamento humano  
Nem nunca descansou, nem há-de descansar;  
Há uma voz que lhe diz: — Lutar! lutar! lutar!  
Por mais que alguém te brade:

— «Aquático gigante,

Tu não podes beijar a face à tua amante;  
Não revolvas no leito os teus heroicos flancos,  
Não estoires na praia os teus soluços brancos,  
Não queiras atingir a luminosa flor;  
Dorme! ...»

— Não dormirás, ó velho lutador.

## INFERNO SOCIAL

... No em-tanto ainda existe o inferno social.

Há debaixo de nós um mundo original,  
Assombroso país de negros labirintos:  
E' a fermentação de todos os instintos,  
Dos ódios, das paixões, das lepras, da vingança.  
Ali começa a morte e ali termina a esp'rança.  
Sentem-se germinar nas trevas os pecados.  
As almas são covis de monstros ignorados,  
Que rugem nò silêncio ... Os crimes tentadores  
Rompem da escuridão como sinistras flores.

.....  
Os crânios não têm luz e os ventres não têm pão,  
Forçados, histriões, vadios, concubinas,  
É a gente infeliz que habita essas latrinas  
Onde a fome produz mil coisas assombrosas,  
Chagas fenomenais, sangrentas como as rosas,  
Abortos, aleijões, vermes, hipocondrias ...  
E tudo isto germina em espirais sombrias,  
Numa aglomeração horrível, bestial.  
De quando em quando, treme a sociedade. O Mal

Ruge como um leão nas tenebrosas furnas;  
E trinta gerações de mágoas taciturnas,  
De mágoas colossais, grandes como montanhas,  
Retorcem-se na treva e lançam das entranhas  
Um soluço que faz desabrochar crateras!

Cai então sôbre o mundo uma explosão de feras.

São tigres e leões, abutres e chacais.  
Aparecem à luz ângulos faciais,  
Duma bestialidade espessa que horroriza.  
A canalha arregança as mangas da camisa,  
Empunha o bacamarte, e quebram-se as algemas.  
Fazem detonação as cóleras supremas.  
Tremem da sociedade os velhos fundamentos.  
Cadeias, arsenais, palácios, monumentos,  
Tudo se desmorona. Andam as colarejas  
Famintas a roubar. Saqueiam-se as igrejas,  
Arma-se a guilhotina em cima dos altares,  
Riem na escuridão monstros patibulares,  
E o ódio, o incêndio, a peste, a fome, os extermínios,  
Implacáveis, brutais, coléricos, sangüíneos,  
Em negro turbilhão rompem dos seus covis.

•Foi assim que a miséria incendiou Paris.

## D. JOÃO

O infame D. João é o torpe aventureiro  
Que dirige do amor as sórdidas roletas,  
Fazendo tilintar a bolsa do dinheiro  
Quando passam na rua, à noite, as Julietas.

E' o rico burguês pançudo, escalavrado,  
E que, apesar de ter os dentes já corrutos,  
Sibarita cruel, fareja no mercado  
Da branca virgindade os mais soberbos frutos.

E' o bardo scismador, linfático, plangente,  
Doce como o luar, negro como um abismo,  
O poeta que traz no coração doente  
A velha flor azul do sentimentalismo.

São os grandes *leões* (1) devassos, petulantes,  
Manfredos (2) imbecis, eróticos Mussets (3),  
Que expõem de madrugada as cartas das amantes  
Aos risos triviais nas mesas dos cafés.

---

(1) *leões* = homens que dão nas vistas pela elegância excessiva e luxo pretensioso. Com este sentido andou a palavra *leão* na voga

E' o sátiro Tartufo (4), o D. João viscoso  
 O lóbo sensual que habita a sacristia,  
 E cujo olhar faminto e cujo olhar guloso  
 E' feito de luxúria, e treva, e covardia.

Tem tôdas as feições, ainda as mais vulgares ;  
 Usa indistintamente os fraques e as batinas ;  
 Anda por todo o mundo, em todos os lugares,  
 Desde o melhor palácio às ultimas sentinas.

Penetra brandamente as vossas consciências,  
 Aguilhoa, domina os vossos corações !  
 E' o verme do amor, subtil como as essências  
 E forte como a garra adunca dos leões.

---

em Portugal pelo tempo da mocidade do Poeta. Foi importada da França, onde se chamava *leões* aos mancebos ricos e exageradamente bem-trajados. (*les lions de la mode*). Por sua vez a tinham os Franceses imitado da linguagem familiar de Inglaterra, a qual designava do mesmo modo (*lions*) as pessoas que atraíam o espanto ou curiosidade alheia, à semelhança dos leões de carne e osso guardados na Torre de Londres, e que todos os provincianos iam ver e admirar.

(2) *Manfredo* é o herói de um poema de Lord Byron: um homem que malbarata a mocidade em criminoso devassidão e morre sem querer penitenciar-se religiosamente, alegando ter explado bastante os seus crimes com as torturas morais que sofreu em consequência dêles.

(3) Alfredo de Musset, célebre poeta romântico francês (1810-1857). Com a designação de *eróticos Mussets* fulmina o Poeta os ultra-românticos e o seu lirismo sensual, por êle considerado como causa importante de desmoralização.

(4) *Tartufo*, personagem central da comédia de Molière que tem o mesmo nome, é o prototipo da hipocrisia, aqui evocado para designar o sacerdote que peca contra a castidade.

---

E' o monstro que faz perder a côr às rosas  
Que sonham ao luar nevrálgicos amores ;  
E é êle que produz chagas escrofulosas  
No mimoso setim das delicadas flores.

Como a ferrugem morde as espelhadas lanças,  
Assim êle conspurca os nobres caracteres ;  
E à tarde, ao pôr do sol, muitíssimas crianças  
Desfolham só por êle os brancos malmequeres...

E o destino cruel dessas visões inermes  
Resume-se afinal, pobres visões celestes !  
Em irem engordar os libertinos vermes,  
E fazerem crescer a rama dos ciprestes.

## O VELHO JEOVÁ

O outro é o Jeová das Santas Escrituras,  
O déspota sagrado,  
O Júpiter cruel, o César das alturas,  
O dogma feito carne e o Deus feito soldado.

Foi um Deus sempre velho, um Deus sem mocidade ;  
Surgiu da natureza armado para a luta.  
Quando nasceu já tinha aquela mesma idade  
E o mesmo olhar feroz, e a mesma barba hirsuta.

Odeia a liberdade e odeia os raciocínios,  
E, para convencer as ímpias multidões,  
Tem o incêndio, a peste, a fome, os extermínios,  
Os ímpetos do mar e os roncões dos trovões.

Inda hoje fabrica os códigos das leis  
E sustenta do escravo as duras gargalheiras,  
Oferecendo as nações para banquete aos reis,  
Como um corpo sem vida às águias carniceiras.

.....

E' preciso lançar por terra esse espantalho  
Que há seis mil anos quasi assombra a humanidade,  
E não deixa comer os frutos do trabalho,  
Os frutos do direito e os frutos da verdade.

Sublevai, revoltai as almas indignadas,  
E atirai contra êle as rubras ironias,  
Depois de as aquecer como um montão de espadas  
No braseiro fatal das cóleras sombrias.

Proclamai a Justiça, eliminai o inferno.  
Escusais de têr mêdo ao velho Mastai (1).  
Ide ao azul, ao céu; matai o Padre Eterno:  
Basta levar convosco um simples bisturi.

Depois, ide dizer ao pálido Jesus  
Que não vos basta a fé católica-romana  
E que o mundo precisa um vendaval de luz  
E que precisa um Deus a consciêcia humana;

Que venha fulminar o abutre Tirania,  
O abutre colossal, feroz, ensagüentado,  
Que há seis mil anos já, devora noite e dia  
O Prometeu antigo, o heróico sublevado.

---

(1) O Papa Pio IX, que regia a Igreja ao tempo em que foram escritos estes versos, chamava-se João Maria *Mastai-Ferretti*. Para obedecer à exigência da rima e da medida, a palavra *Mastai* deve ser lida à francesa, como vai acentuada no texto e como o Poeta a empregou.

Prometeu e Jesus, a liberdade e a crença,  
Unidos num abraço estreito e fraternal.  
Farão da natureza uma harmonia imensa,  
Farão do velho Deus um Deus universal.

## A HISTÓRIA

¿Sabes o que é a Historia? uma mulher sombria,  
Gigante, colossal, que anda de noite e dia  
A cavar sôbre o chão dos vastos cemitérios,  
Tirando do sepulcro a ossada dos impérios,  
Erguendo panteons e derrocando altares.  
Rasgam-se terra e céu, abrem-se os grande mares,  
E então não há fugir. A Historia vai achar  
A alma do infame ao céu, à terra, ao mar,  
Onde quer que ela durma, onde quer que ela esteja;  
Não reconhece reis, nem reconhece igreja :  
Reconhece a justiça, o grande dogma austero,  
Glorifica Jesus e cospe sôbre Nero.  
Ela desce a espiral do turbilhão maldito,  
Vai buscar os Cains às tôrres de granito,  
Aos antros infernais, cheios de pesadelos;  
Arrasta-os para a luz, prende-os pelos cabelos,  
E espalma-lhes no rosto a grande mão pesada,  
Para ver se ainda chega a côr da madrugada  
Àquelas facês vis. Implacável, fatal,  
Conhece todo o bem e sabe todo o mal;  
Atira com a luz às solidões escuras,  
Abre o crânio aos heróis e o ventre às sepulturas.

E' justiça final, justiça rectilínea:  
Ou enche de alvorada, ou cobre de ignomínia.  
No sítio dum trofeu põe ela uma sentina,  
E onde um braço tirano, um braço-guilhotina,  
Tinha erguido uma cruz como castigo e exemplo,  
Ela, tirando a cruz, põe-lhe por cima um templo.  
Despedaça os grilhões e despedaça os jugos,  
Atira para a força o colo dos verdugos.  
A vítima é juiz; pena de talião:  
O negro inquisidor, mete-o na inquisição.  
Faz falar do sepulcro as grandes bôcas mudas.  
Na Cruz de Jesus Cristo está pregado Judas.  
O carcereiro infame, o hipócrita Luís onze  
Ruge como um chacal numa prisão de bronze.  
Quem venceu é vencido, e quem matou é morto.  
O Bórgia, o assassino, o monstruoso abôrto,  
Surge da sua tumba, imperial, augusta,  
E deita-se outra vez na tumba de Locusta.  
César levanta a fronte em meio do senado  
E arrancando os punhais do flanco ensangüentado,  
Atira para longe a arma parricida;  
Mas quando de repente ia voltar à vida  
A História levantou-se e disse à Expição:  
—Vai matá-lo— E entregou-lhe a espada de Catão.

## CONSCIÊNCIA E REMORSO

A noite do remorso andá espreitando a vida  
Pela porta da alma ; e a alma espavorida  
Vacila, quer fugir, tem mêdo, está confusa.  
O infinito esmaga, a solidão acusa...  
Dormir, não pode ser ; a alma nesse instante,  
E' como um olho aberto, immóvel, flamejante,  
A quem alguêm cortasse a pálpebra sombria.  
Escuta pelo ar uma risada fria...  
Vê génios infernais, ocultos no arvoredo,  
Que estão falando dela e rindo-se em segrêdo...  
Vê olhos a fitá-la, ardentes como brasas,  
E monstros que ao passar vão sacudindo as asas...  
Fica febricitante, alucinada, exangue,  
Vai a beber na fonte, ei-la mudada em sangue.  
Passa por um vergel ; exausta de canseira,  
Foi a colhêr um fruto e sai-lhe uma caveira!  
Transida de terror, foge pelas montanhas,  
E põe-se a cantar alto umas canções estranhas,  
Grotescas, joviais, doidas, alucinadas,  
Como alguêm que tem mêdo ao ir pelas estradas...

! Mas tudo, tudo em vão! Não pára, não descansa!  
E' pantera que leva o ferro numa lança  
Encravado no peito: estorce-se, procura  
Um refúgio, um atalho, uma caverna escura,  
Mas sempre adiante dela o caçador feroz,  
O espia que Deus traz em cada um de nós,  
! A consciência!... Cai; fica a tremer de susto;  
O canto dum ave, a sombra dum arbusto,  
O murmúrio do mar, o soluçar do vento,  
Um eco, um som, a noite, a luz, o pensamento,  
! Tudo lhe causa medo! E' como a criancinha  
Que despertou na treva e que se viu sózinha.  
Mergulham no infinito as espirais dos sonhos!  
Passam-lhe pelo corpo uns frémitos medonhos...  
! Quer dormir, quer morrer! Atira-se aos abismos:  
Tomba, revolteia em doidos paroxismos,  
Vai descendo, descendo... O imenso não tem fundo...  
De quando em quando encontra um grão d'areia — um mu  
E quanto mais mergulha, e se despenha, e desce,  
Mais aumenta o pavor, mais a distância cresce!  
O nada não existe! Horror, horror sublime!  
! Não poder descansar o coração do crime!  
Diz ela; "não poder em tôda a eternidade  
Aniquilar-me um dia! O espírito, a vontade,  
Nunca poder dormir... Sempre a memória àlerta!  
A memória, a memória, ! essa janela aberta,  
Por onde a alma vê todo o passado escuro!  
Fugir? mas para onde? a sombra do futuro  
E' mar que não tem praia, é noite sem guarida!...  
Morrer! que serve? a morte é o prólogo da vida!..

a lívida immortal, a eterna condenada,  
loida, vesga, feroz, convulsa, alucinada,  
debate-se febril nos turbilhões da insónia!

## CRIANÇA EXPOSTA

A noite do remorso é um tenebroso prisma.

Encontram-se a dormir junto aos umbrais das portas,  
Mendigos quasi nus, crianças quási mortas.

O pai ensina ao filho, antes de êle ir à escola,  
Como é que se abre a mão para pedir esmola.  
Rastejam pela treva os vícios mais secretos.  
Dormem os hospitais como dragões repletos.

.....  
A sentinela passa. A névoa é condensada.

Um galo que acordou soluça uma risada.

Um ébrio que caiu ao pé da catedral

Dorme pesadamente um sono bestial :

Ressona ali no chão, podre como um farrapo,

O homem feito ventre, a alma feita sapo . . .

Duma viela escura

Sai um gemido, um grito, uma palavra impura,

Um chôro de criança, um rouquejar profundo

De tosse aguardentada . . .

E a imperatriz do mundo

A Lei, a sentinela, anda como um Cerbero,

Lançando o olhar feroz, minucioso, austero,  
Para que a podridão universal fermente  
Sem perturbar a paz : silenciosamente.

No em-tanto uma mulher, no sítio mais escuro,  
Como um negro reptil, desconfiada, incerta,  
Corre, desliza, vai, sempre encostada ao muro,  
Lançando o olhar oblíquo... A rua está deserta.  
Pára, examina, escuta: as solidões são calmas;  
Sente apenas bater o coração medroso...  
O mais, silêncio... À roda, um cemitério de almas.  
Com gesto convulsivo, um gesto criminoso,  
D'entre as dobras do manto arranca uma criança;  
Põe-lhe ao seio uma cruz, qual lacrimosa amante  
Que oferece ao namorado a última lembrança,  
Vendo-o partir talvez para um país distante;  
E o doce pequenino, o lírio da orfandade,  
Sorriu fitando a mãe... E a mãe ficou scismando  
Como quem vê, Senhor, em luminoso bando  
Os rouxinóis do outono, as aves da saúde  
Irem além cantando,  
; A fugir, a fugir, no azul da imensidade!  
Lembrou-se dos irmãos, dos loiros irmãozinhos,  
Junto dos quais no berço ela escutava outr'ora  
As lípidas canções que só as mães e a aurora  
Sabem cantar aos ninhos.  
Lembrou-se de seu pai, aquela fronte austera,  
O bom trabalhador,  
O forte coração para quem ela era  
Contínua primavera,  
Roseira sempre em flor.

¡ E o leito verginal, cheio de pura essência,  
 Cheio de tanta luz, como um festivo altar !  
 O leito sôbre o qual o arcanjo da inocência  
 Á noite desdobrava as asas de luar !  
 E os contos de criança, os contos perfumados,  
 Ouvidos em silêncio à volta dos eirados,

Naquelas noites claras

Em que andam pelo ar suspiros e cantigas,  
 E em-quanto o lavrador descansa das fadigas  
 A lua vai sorrindo às trémulas searas !

Angustiada, aflita,

Como para fugir aos sonhos tenebrosos,  
 Ergueu o seu olhar à abóbada infinita,  
 Esse refúgio azul dos corações piedosos.  
 Da lúgubre amplidão no imenso descampado  
 Brilhava um astro só, qual loira criancinha  
 Que um peito sem amor houvesse abandonado.  
 Quem sabe se tal luz não era porventura  
 A alma de sua mãe, da trémula velhinha,

Que ao ver lá dos espaços

No abismo a resvalar aquela filha impura,  
 Abandonava o céu para entender-lhe os braços ! . . .  
 Ficou scismando absorta em vago, etéreo encanto . . .  
 E ao ver a doce luz do trémulo planeta,  
 Seus olhos ideais encheram-se de pranto,  
 Como se enchem de orvalho as fôlhas da violeta.

. . . . .  
 Nem um rumor sequer pela amplidão tranqüila  
 O espírito da mãe naquele agudo instante  
 Hesitava, a tremer, qual pêndula que oscila  
 Na aresta dum diamante.

---

Nisto perpassa um vulto ... Ela ficou tremente ...  
Roçara-lhe do crime a tentadora asa:  
Põe no chão a criança e foge doidamente,  
Como quem vai pisando uma fornalha em brasa

## O ÓRFÃO

¡Não ter mãe, nem ter amada!  
Ai, que tristeza tamanha,  
¡Que dura sorte funesta!  
¡Nem a urze da montanha,  
E é cousa bem desgraçada,  
Teve sorte igual a esta!

¡Vir ao mundo e não ter mãe!  
Percorrer o mundo inteiro  
Sem um lábio maternal  
Que nos diga — filho, vem! . . .  
É como ser forasteiro  
Na própria terra natal.

¡E dizer que, havendo Deus,  
Fonte de imensa piedade,  
Há criancinhas sem berço  
E almas sem caridade!

Ver os lírios das campinas  
Todos cheios de alegria,

E tantas mãos pequeninas  
Sem o pão de cada dia!

Senhor, Senhor! quando scismo  
Que há muitas almas que nascem  
Sôbre o cairel de um abismo,  
E que basta um sôpro apenas  
Das tempestades do mundo  
Para as lançar lá no fundo,  
Se têm fundo essas geenas... (1)  
Ah! Perdoa-me, Senhor!  
Mas por dentro do meu crânio  
Passa a dúvida sombria,  
Como larva imunda e fria  
Nas trevas de um subterrâneo.

Teu filho, o próprio Jesus,  
Emblema do sofrimento,  
Que morreu pregado à cruz  
Sem um único lamento,  
Sem um grito, sem um ai,  
; Teu próprio filho, Senhor,  
Teve mãe e teve pai!

---

(1) Sinónimo de *infernus*. *Gehenna* é a transcrição grega de três palavras hebraicas, que significavam o *Vale do Filho de Hennom*. Era nêsse vale que os Cananeus, e mais tarde os Israelitas idólatras sacrificavam crianças ao deus *Moloch*. Daí o designar-se o inferno, na linguagem bíblica, pelo nome dêsse lugar, situado a SW. de Jerusalém.

Ser órfão! não ter na vida  
Aquilo que todos têm!  
É como a ave sem ninho ...  
É qual semente perdida  
Que ao voltar do seu eirado  
O lavrador descuidado  
Deixou tombar no caminho.

! E quando vem a tormenta  
Arrancá-la sem piedade,  
A triste não se lamenta  
Da sua triste desgraça!  
Erva da rua ... quem passa  
Pode esmagá-la à vontade.

Assim vivera também  
A criança desditosa  
Que em noite má, tenebrosa,  
Ficara sem pai nem mãe.

Filho da treva e do vício,  
Despontara à luz da vida  
Como pomba dolorida  
Já votada ao sacrifício.

Não lhe bastava o desgosto  
Do seu martírio profundo,  
Do seu tristíssimo fado:  
O mundo voltou-lhe o rosto  
Porque entre as festas do mundo  
É crime o ser desgraçado.

## VITA NUOVA

*(Poema do amor)*

O amor é cascada sublime  
Vasta, imensa, luminosa,  
Que prende o filho do crime  
Ao doce olhar de Jesus ;  
É língua de fogo eterno  
Que ascende vertiginosa  
Dos sorvedouros do inferno  
Aos sorvedouros da luz.

Se o fogo de mil crateras  
Tombasse sobre o universo  
E mar e homens e feras  
Ficasse tudo submerso,  
Embora ! Passado um dia,  
Nalgum ângulo de rocha,  
Onde a urze desabrocha,  
O amor desabrocharia.

*(Dum poeta desconhecido).*

1

Ao ver-te o lânguido rosto,  
O olhar suavíssimo e brando,  
Como quem anda scismando  
Nalgum íntimo desgosto;

Ao ver-te aquela expressão  
Dos olhos negros, profundos,  
Que a gente pensa que estão  
Pregados lá noutros mundos,

Como o olhar dum querubim  
Se enlaça no olhar de mãe:  
Ao ver-te scismar assim,  
Fiquei scismando também.

.....

Eu era a flor que nasceu  
Escondida entre os abrolhos:  
Chegou-me a luz dos teus olhos  
E vi logo a luz do céu.

Como a andorinha ligeira  
Leva no bico uma flor,  
Levaste-me a vida inteira  
Na asa do teu amor.

Quem tivera mil amores  
Para todos tos mandar,  
Como um punhado de flores  
Que andam dispersas no ar ...

Que martírio inda não visto,  
Ai! que martírio sem fim! ...  
¡Se eu pudera ser o Cristo  
E tua a cruz de marfim!

Passei-te rente ao mirante,  
E dei de cara contigo,  
E tu lançaste ao mendigo  
O teu olhar — um diamante.

E eu, levantando do chão  
A esmola, o cândido aljofre,  
Meti-o dentro dum cofre,  
Meti-o no coração.

Meu coração é quadrante,  
Quadrante do meu desejo:  
Nas horas em que te vejo  
Não marca mais que um instante.

Como alâmpada sombria  
Balouçando a frouxa luz  
Por defronte duma cruz  
Tôda a noite e todo o dia:

Assim paira esta minha alma  
Diante da alma tua...  
Como paira incerta e calma  
Pelos céus a luz da lua...

.....

Quando a lua se alevanta  
Cheia de pálida luz,  
Como o rosto duma santa,  
Como a face de Jesus;

Também eu, num vôo imenso,  
Remonto ao céu dos amores,  
Como o perfume das flores,  
Ou como nuvem de incenso.

Quando dorme a branca lua  
Num clarão incerto e vago,  
Como um cisne que flutua  
Nas águas mansas dum lago,

Também est'alma languescer  
Ao ver-te, rosa de luz,  
Como virgem que adormece  
No supedâneo da cruz...

Quando a lua vai medindo  
No céu a curva do amor,  
Como lágrima caindo  
Pela face do Senhor,

Também minh'alma dolente  
Busca teu seio de arminho,  
Como a ave busca o ninho,  
Como Ofélia na corrente.

## DEFINIÇÃO

**Abóbada infinita,  
Não és senão a tampa  
Desta sombria campá  
Que a humanidade habita.**

## O CÔRO DAS VÍTIMAS

Nós somos, D. João, as pálidas amantes  
Que tu assassinaste a rir e a cantar.  
Não temos sepultura, andamos suplicantes,  
Expondo pela noite aos ventos soluçantes  
Os nossos corações mais frios do que o mar.  
Nas campas virginais, batidas do luar  
Não deixa Deus dormir as pálidas amantes . . .

A terra, a boa mãe que produziu as flores  
E que escondeu a luz na rocha dura e fria,  
Ela, que abre igualmente os peitos criadores  
Aos homens e aos leões, aos tigres e aos condores,  
Ao lírio assetinado e à imunda larva escura,  
Ai de ti, D. João ! nega-nos sepultura  
A terra, a boa mãe que produziu as flores.

Desde que à noite canta a voz do rouxinol,  
Manda-nos Deus lavar com nosso pranto ardente  
Os beijos que nos deste, os beijos côr de sol . . .  
Quando vem despontando o fúlgido arrebol,  
Tornamo-nos então em névoa transparente.  
Ái ! que melancolia o coração não sente,  
Quando ouvimos cantar à noite o rouxinol !

Não iremos dormir ao pé das Beatrizes,  
Sem primeiro curar com nossas mãos piedosas  
Do teu perverso amor as fundas cicatrizes;  
E ao depois sôbre nós hão-de criar raízes  
Os belos vegetais de fôlhas lagrimosas,  
Por debaixo do azul das noites silenciosas,  
Quando formos dormir ao pé das Beatrizes.

¡E por ti, D. João, abandonámos tudo!  
A flor da primavera, as graças matinais,  
Alegrias do amor, doces como o veludo . . .  
Partiu-se-nos da fé o cristalino escudo;  
Deixámos para sempre os leitos virginais,  
Deixámos nossas mães, deixámos nossos pais,  
¡Por ti, ó D. João, abandonámos tudo!

Dos teus olhos febris as doces punhaladas  
Mataram-nos da alma os sonhos cristalinos;  
Andámos pelo mundo exaustas, desgrenhadas,  
Lançando no abandono, à margem das estradas  
Do teu lúbrico amor os frutos pequeninos.  
Inda aqui podes ver nos seios diamantinos  
Dos teus olhos febris as doces punhaladas.

¡Maldito sejas tu por tôda a eternidade!  
¡E não possa jamais na tua consciência  
Entrar um raio só de graça e claridade!  
Em nome da justiça, em nome da orfandade,  
Em nome da miséria, em nome da inocência,  
Em nome de Jesus, do Céu, da Providência,  
¡Maldito sejas tu por tôda a eternidade!

## DEPOIS DA TEMPESTADE

Parou a ventania.

As estrêlas dormentes, fatigadas,  
Cerram à luz do dia  
As misteriosas pálpebras doiradas.  
Vai despontando o rosicler (1) da aurora;  
O azul sereno e vasto  
Empalidece e cora,  
Como se Deus lhe desse  
Um grande beijo luminoso e casto.  
A estrêla da manhã  
Na altura resplandece;  
E a cotovia, a sua linda irmã,  
Vai pelo azul um cântico vibrando,  
Tão límpido, tão alto, que parece  
Que é a estrêla no céu que está cantando ...

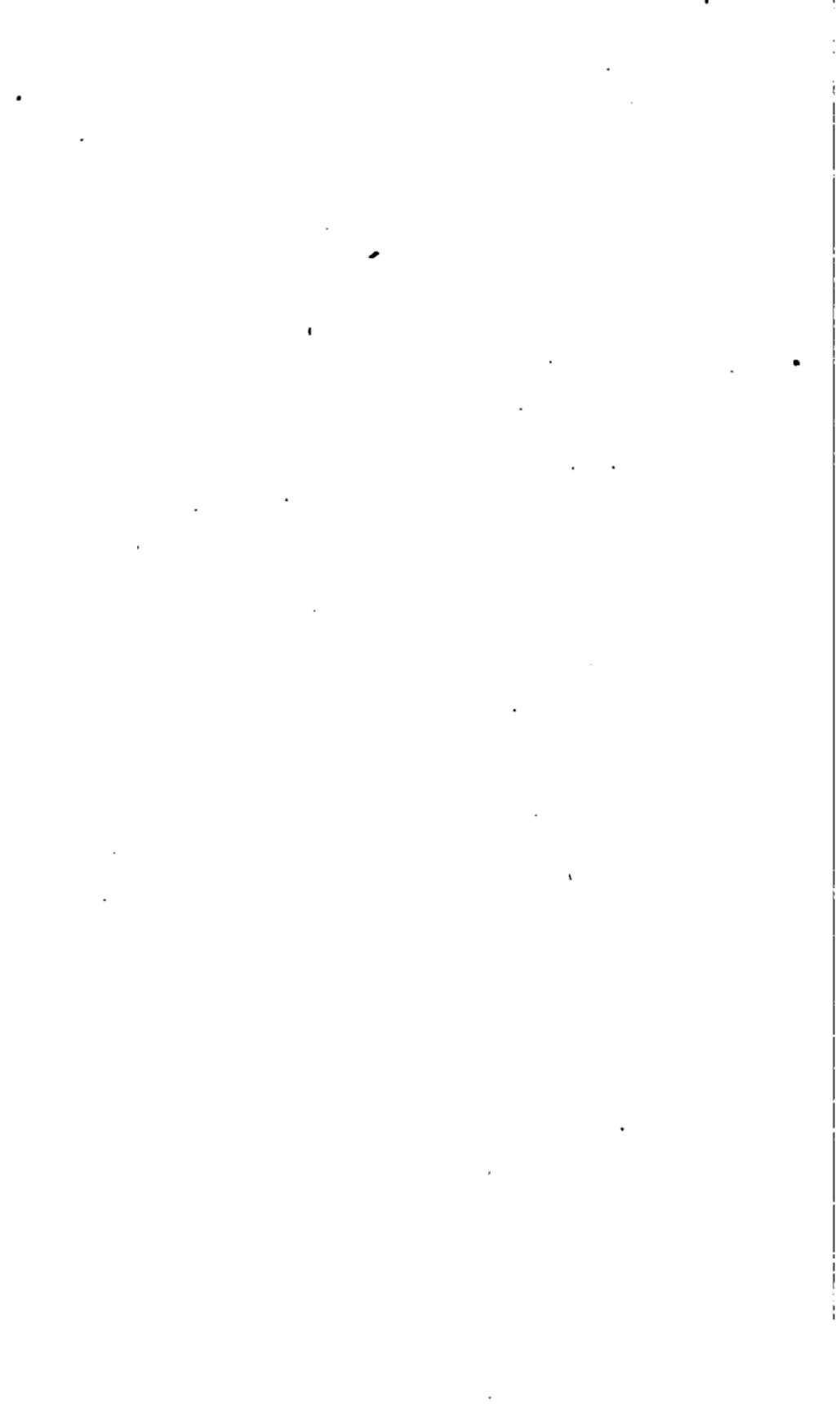
---

(1) *Rosicler* (ou *rosicler*) = côr rósea.

II

A MUSA EM FÉRIAS

1879



## DEDICATÓRIA

Recordam-se vocês do bom tempo d'outrora,  
Dum tempo que passou e que não volta mais,  
Quando íamos a rir pela existência fora  
Alegres como em Junho os bandos dos pardais?  
C'roava-nos a fronte um diadema d'aurora,  
E o nosso coração, vestido de esplendor,  
Era um divino Abril radiante, onde as abelhas  
Vinham sugar o mel na balsamina em flor.  
Que doiradas canções nossas bôcas vermelhas  
Não lançaram então, perdidas pelo ar!...  
Mil quimeras de glória e mil sonhos dispersos,  
    ; Canções feitas sem versos,  
E que nós nunca mais havemos de cantar!  
; Nunca mais! nunca mais! Os sonhos e as esp'ranças  
São áureos colibris das regiões da alvorada,  
Que buscam para ninho os peitos das crianças.  
E quando a neve cai já sôbre a nossa estrada,  
E quando o inverno chega à nossa alma, então  
Os pobres colibris, coitados, sentem frio,  
E deixam-nos a nós o coração vazio,  
Para fazer o ninho em outro coração.  
Meus amigos, a vida é um sol que chega ao cúmulo

Quando cantam em nós essas canções celestes ;  
A sua aurora é o berço, e o seu ocaso é o túmulo :  
Ergue-se entre os rosais e expira entre os ciprestes.  
Por isso, quando o sol da vida já declina,  
Mostrando-nos ao longe as sombras do poente,  
É-nos doce parar na encosta da colina  
E volver para trás o nosso olhar plangente,  
Para trás, para trás, para os tempos remotos  
Tão cheios de canções, tão cheios de embriaguez,  
Porque, ai ! a juventude é como a flor do lótus,  
Que em cem anos floresce apenas uma vez.

É como o noivo triste a quem morreu a amante,  
E que ao sepulcro vai, com suas mãos piedosas,  
Sôbre um amor eterno — o amor dum só instante —  
Deixar uma saúdade e uma c'roa de rosas.  
Assim, amigos meus, eu vou sôbre um tesouro,  
Sôbre o estreito caixão, pequenino, infantil,  
Da nossa mocidade — j a cotovia d'ouro  
Que nasceu e morreu numa manhã d'Abril ! —  
Desprender, desfolhar estas canções sem nexo,  
Estas pobres canções, tão simples, tão banais,  
Mas onde existe ainda um pálido reflexo  
Do tempo que passou, e que não volta mais.

## A MUSA

### I

Das suas tranças doiradas  
Nem uma só é postiça ;  
É casta como as espadas,  
É recta como a justiça.

.....

Às comendas diamantinas  
Prefere os lírios nevados,  
E as *blouses* garibaldinas  
Às becas dos advogados.

.....

Não procura o beneplácito  
Da Côrte ou da Santa-sé ;  
Depois de jantar com Tácito,  
Vai cear com Rabelais.

.....

Cultiva de noite e dia,  
Da melhor forma que pode,  
As ortigas da Ironia  
Junto aos plátanos da Ode.

Às vezes, mesmo por graça,  
Ela atropela sem pena  
Filinto Elísio que passa  
De braço dado a Lucena.

.....

Corre pelo mundo fora  
No seu divino alazão :  
É como se fôsse a aurora  
Montada sôbre um trovão !

Quando uma barreira é alta,  
Vai num galope desfeito,  
Enterra-lhe a espora, e salta  
O muro do preconceito.

.....

## II

Se vê a fôrça, o amor,  
Que lavra na terra inteira,  
E faz saír uma flor  
De dentro duma caveira ;

Se lhe lembra a morte odjiosa  
Velha trapeira homicida,  
Que na cesta tenebrosa  
Junta os farrapos da vida ;

Se pergunta quem nos ares  
Pôs a terra, êsse mosquito,

E faz jogos malabares  
Com astros pelo infinito ;

.....  
Se em rocha erma e sombria  
Escuta o mar formidável,  
Batendo de noite e dia,  
Como um remorso implacável ;

Se a mesma semente, o grão  
Da humanidade (mistério !)  
Num dia produz Platão  
E no outro dia Tibério ;

Se a retorta, a velha bruxa,  
Lhe diz que o êrro e a verdade  
São *marionnettes*, que puxa  
O bobo Fatalidade ;

E que o homem, ser divino,  
Vai na funda escuridão  
Marchando atrás do Destino,  
Como um cego atrás dum cão ;

Se a Musa em-fim quer entrar,  
Do Mistério a porta escurá,  
Diz à Ciência : — Vai buscar  
A chave da fechadura.

## III

E a Ciência, erguendo ao-espaço  
Os claros olhos profundos,  
Co'a exactidão do compasso  
Mede as órbitas dos mundos.

Rasga com milhões de arados,  
Fura com milhões de sondas,  
Os campos verdes, pastados  
Pelos rebanhos das ondas.

Prevê a hora, o segundo  
Em que o temporal frenético  
Há-de tombar sôbre o mundo  
Como um ataque epiléptico.

Para que a onda não torça  
O rumo do couraçado,  
Veste camisas de fôrça  
Ao mar — o grande alienado.

Os nevoeiros alvacentos  
Corta-os co'a luz dos faróis;  
Publica regulamentos  
Para-o trânsito dos sóis.

Faz poços artesanios  
Sem vara sacerdotal,  
E lança entre dois oceanos  
Um cordão umbilical.

Faz esta cousa quimérica :  
Londres, surgindo a alvorada,  
Dizer : — Bons dias! E a América  
Responder logo : — Obrigada

Interroga a luz e a treva,  
Os vermes e os Prometeus,  
Desde Locusta até Eva,  
Desde o infusório até Deus.

## IV

Deus! o terrível problema!  
Quando a sciência chega aqui,  
Ou emmudece ou blasfema  
A língua do bisturi :

E a Idea mortíça e vaga  
Expira dentro do crânio,  
Como uma luz que se apaga  
Nas trevas dum subterrâneo.

E a Musa, vendo-se então  
Sózinha na noite imensa  
Entre um naufrágio — a Razão,  
E um salva-vidas — a Crença,

Procura, fugindo à morte,  
O doce olhar de Jesus,  
Como o íman procura o norte  
E o cego procura a luz.

## TRAGÉDIA INFANTIL

I

ELA

Dos irmãos: a pequenita  
Tem quatro anos sómente;  
É duma graça infinita,  
Dum mimo surpreendente.

.....

Naquela bôca graciosa  
Não pousa de-certo a abelha,  
Por saber que não há rosa  
Tão fresca, nem tão vermelha.

.....

Há tempos, oh, maravilha!  
;Que precocidade aquela!  
Nasce a Bebê uma filha  
Já quási da altura dela.

Quando a foram baptizar  
Houve alegria estrondosa;

Serviu um banco de altar,  
Serviu de hissope uma rosa.

Bebé levava o anjinho  
Com maternal comoção;  
O pequeno foi padrinho,  
Foi cura e foi sacristão.

Mimi – eis como se chama  
Essa criança inocente:  
Uma pequenina dama,  
Que não tem cara de gente.

Oh, que exquísita pessoa!  
Triste boneca aleijada!  
Pois se Bébé fabricou-a  
Duns farrapitos, coitada!

Não tem pernas, não tem braços,  
É uma criança infeliz;  
No rosto deram-lhe uns traços  
Com pretensões a nariz.

Não tem cabelos doirados,  
Nem bôca para comer;  
Seus olhos sempre fechados  
São de tinta de escrever.

No em-tanto a Bébé, que a adora,  
Parece-lhe um querubim;

Acha-a linda como a aurora ...  
É mãe: as mães são assim!

.....

## II

## ÊLE

O pequerrucho, três anos:  
Não há nada mais gracioso  
Do que os seus gestos ufanos  
E o seu andar orgulhoso.

.....

Persegue as lesmas viscosas  
Que dormem dentro das celas;  
Despreza as fôlhas das rosas,  
E faz navios com elas.

Detesta officios tranqüillos,  
Ama o clangor das trombetas:  
É o Atila dos grilos,  
O Nemrod das borboletas.

Se acaso no tanque observa  
A boiar, oh maravilha!  
Um pau, um trapo, uma erva,  
Em-fim — um mundo, uma ilha,

Vai logo, bravo almirante,  
À conquista do inimigo  
Com uma frota brilhante,  
Feita dum jornal antigo.

Guarda em dois cofres estreitos  
Um magnífico rebanho  
E um grande exército, feitos  
De meio arrátel de estanho.

Às vezes forma em batalha  
O seu exército inteiro:  
Rompe o clarim e a metralha  
Dum *krupp* (1) de sabugueiro.

As fortalezas modernas  
Caem ali aos pedaços;  
Ficam ginetes sem pernas  
E granadeiros sem braços.

E à luz da batalha ardente  
Éle o herói imperturbável,  
Galopa, soberbamente  
Numa vassoira indomável!

---

(1) *Krupp*, apelido de um célebre fabricante alemão de material de guerra, empregado aqui como sinónimo de *canhão*.

Depois, já farto da guerra,  
Despe a farda de soldado,  
E rasga os seios da terra  
Dentro dum palmo quadrado.

.....

Acolá, dum modo vago;  
Marca o lugar dum quiosque;  
Duma concha faz um lago,  
E com três ervas um bosque.

.....

Ergue palácios, bazares,  
Pontes, muralhas, viadutos.  
As florestas seculares  
Arranja-as em dois minutos.

Ora inventa, ora destrói,  
É um arquitecto e um guerreiro;  
Brilhante como um herói  
E sujo como um pedreiro.

.....

Nenhum obstáculo o afronta;  
Não vacila, não desmaia;  
Com um lápis, já sem ponta,  
Abre um túnel no Himalaia.

- Alinha, mede, gradua  
Valados para sementes:

Os alviões e a charrua  
São três palitos dos dentes.

.....

Sôbre um rochedo improvisa  
Uma tôrre entrincheirada,  
Mais baixa do que a de Pisa,  
Mas muito mais inclinada.

Faltavam-lhe inda nos mastros  
As vitoriosas bandeiras,  
Desfraldadas pelos astros  
Ao som das marchas guerreiras.

Procura com frenesi  
Bandeiras por tôda a parte.  
— “¿E o vestido de Mimi?”  
¡Que esplendoroso estandarte!

“Mas ¡que demônio! Bebé  
Desata logo a chorar! . . .  
É o mesmo! . . .” E pé ante-pé,  
Como um ladrão, devagar,

Chega-se ao leito, o selvagem!  
¡Como ela dorme tranqüila! . . .  
Sente remorsos . . . Coragem!  
Tremem-lhe as pernas, vacila . . .

Bem sabe o grande malvado  
Que vai tornar-se um ladrão;

Entrou em casa, assombrado,  
Lívido, exangue, impotente. . .  
Um gato sôbre um telhado  
Miava agoireiramente.

E no azul esplendoroso  
Via-se a lua suspensa,  
Como o disco monstrososo  
Duma palmatória imensa!

.....!

## A ESCOLA PORTUGUESA

Eis as crianças vermelhas  
Na sua hedionda prisão:  
Doirado enxame de abelhas!  
O mestre-escola é o zangão.

Em duros bancos de pinho  
Senta-se a turba sonora  
Dos corpos feitos de arminho,  
Das almas feitas d'auroa.

Soletram versos e prosas  
Horríveis; contudo, ao lê-las,  
Daquelas bôcas de rosas  
Saem murmúrios de estrêlas.

Contemplam de quando em quando,  
E com que inveja, Senhor!  
As andorinhas passando  
Do azul no livre esplendor.

! Oh, que existência doirada  
Lá cima, no azul, na glória,  
Sem cartilhas, sem tabuada,  
Sem mestre e sem palmatória!

! E como os dias são longos  
Nestas prisões sepulcrais!  
Abrem a bôca os ditongos,  
E as cifras tristes dão ais!

Desgraçadas toutinegras,  
Que insuportáveis martírios!  
João Félix (1) co'as unhas negras,  
Mostrando as vogais aos lírios!

Como querem que despontem  
Os frutos na escola aldeã,  
Se o nome do mestre é — Ontem  
E o do discí'plo — Amanhã!

Como é que há-de na campina  
Surgir o trigal maduro,  
Se é o passado que ensina  
O *b a ba* ao Futuro!

Entregar a um tarimbeiro  
Um coração infantil!  
Fazer o calvo Janeiro  
Preceptor do loiro Abril!

Barbaridade irrisória  
Estúpido despotismo!

---

(1) João Félix Pereira, autor de compêndios de civilidade. O seu nome é aqui empregado sarcásticamente para fustigar a má educação do educador.

Meter uma palmatória  
Nas mãos dum anaeronismo !

A palmatória, o açoite,  
A estupidez decretada !  
A lei incumbindo a Noite  
Da educação da Alvorada !

Gravai na vossa lembrança,  
E meditai com horror,  
Que o homem sai da criança,  
Como o fruto sai da flor.

Da pequenina semente,  
Que a escola régia destrói  
Pode fazer-se igualmente  
Ou o assassino ou o herói.

Desta escola a uma prisão  
Vai um caminho agoireiro :  
A escola produz o grão  
De que a enxovia é o celeiro.

Deixem ver o sol doirado  
A' infância, eis o que eu vos peço.  
Esta escola é um atentado,  
Um roubo feito ao progresso.

Vamos, arrancai a infância  
Da lama dêste paúl ;  
Rasgai no muro Ignorância  
Trezentas portas de azul !

O professor asinino,  
Segundo entre nós éle é,  
Dum anjo extrai um cretino,  
Dum cretino um chimpanzé.

Empunhando as rijas férulas  
Vós esmagais e partis  
As crianças — essas pérolas  
Na escola — êsse almofariz.

Isto, escolas! . . . que indecência!  
¡Escolas, esta farçada!  
São açougues de inocência,  
São talhos d'anjos, mais nada.

## MORENA

Não negues, confessa  
Que tens certa pena  
Que as mais raparigas  
Te chamem morena.

Pois eu não gostava,  
Parece-me a mim,  
De ver o teu rosto  
Da côr do jasinim.

Eu não... mas em-fim  
É fraca a razão,  
Pois pouco te importa  
Que eu goste ou que não.

Mas olha as violetas  
Que, sendo umas pretas,  
O cheiro que têm!  
Vê lá que seria,  
Se Deus as fizesse  
Morenas também!

Tu és a mais rara  
De tôdas as rosas;  
E as coisas mais raras  
São mais preciosas.

Há rosas dobradas  
E há-as singelas;  
Mas são tôdas elas  
Azuis, amarelas,

Da côr de açucenas,  
De muita outra côr;  
Mas, rosas morenas,  
Só tu, linda flor.

E olha que foram  
Morenas e bem  
As moças mais lindas  
De Jerusalém.  
E a virgem Maria  
Não sei . . . mas seria  
Morena também.

Moreno era Cristo.  
Vê lá, depois disto,  
Se ainda tens pena  
Que as mais raparigas  
Te chamem morena!

## O CRIME E A CONSCIÊNCIA

.....

Liga-se à idea crime a idea expiação.  
Expição é o remorso. A consciência tem  
Castigo para o mal e prémio para o bem.  
Dentro dela reside o júri universal.  
Um facínora evita o código penal,  
Evitam-se as galés, evita-se a prisão,  
Mas não pode evitar-se este imortal clarão  
Da nossa consciência, alâmpada sagrada.

Pegai num criminoso, um saltador de estrada:  
Assassinou, matou; é um bandoleiro infrene;  
Contudo, não há prova alguma que o condene;  
¿ Quem é que o viu roubar, apunhalar? ninguém.  
Não há uma suspeita única. Pois bem:  
Ficará livre? não: A consciência diz  
A este homem:

— Eu sou ao mesmo tempo o juiz

E a prova; eu sou a lei e sou a acusação;  
O suborno, acredita, é impossível; então  
Escusas de mentir e escusas de negar.  
Procuraste, é verdade, um óptimo lugar.  
À beira dum caminho; a noite era sombria;

Testemunhas, nenhuma ; o vendaval gemia  
Com soluços brutais nas rochas, no arvoredado ...  
E tu disseste : « Bem ; há-de guardar segredo  
A treva ... ». Nesse instante a vítima passara ;  
Ergueste-te do chão, puseste a arma à cara  
E desfechaste : ouviu-se um grito e nada mais ...  
A vítima cafu banhada em sangue ; os ais  
Foram morrendo ... Pronto ! A estrada era deserta ;  
Testemunha, ninguém ; impunidade certa.  
Magnífico ! puseste a tua arma ao ombro  
E começaste a andar. Mas uma voz ( ¡ assombro  
Horível ! ) uma voz de timbre diamantino .  
Chegou-se ao pé de ti e disse-te : « Assassino ! »  
E tu ficaste a olhar, mudo, transido, absorto.  
¿ Quem é que estava ali ? quem te falava ? o morto,  
Impossível ... Talvez uma ilusão, mais nada ...  
Coragem ! caminhaste em direcção à estrada,  
Ao sítio onde cafu por terra o viandante ;  
E, depois de o roubar, fugiste ; e nesse instante  
Inda outra vez, horror ! naquela escuridão .  
Ouviu-se a mesma voz, e disse-te : « Ladrão ! »  
E olhando em tórno a ti surgiu-te de repente  
Alguém que te fitou inexoravelmente ...  
Com um olhar cruel, recto, sereno, agudo.  
Êsse alguém era eu — a consciência ! Tudo  
Aquilo que pensaste e aquilo que fizeste  
Sem testemunha, ali, quasi num ermo agreste,  
Escondido na treva, occulto pelo mato,  
— Hora, noite, lugar, o roubo, o assassinato,  
Oh ! tudo, tudo eu vi perfeitamente bem !  
Tinhas dentro de ti um espião : ninguém

Pode evitá-lo, crê. Ficaste mudo e quêdo ;  
Com a arma na mão, covarde, tinhas mêdo  
Do impalpável. Então uma criança inerte  
Podia-te esmagar como se esmaga um verme,  
Podia-te bater, podia-te insultar  
Sem resistência alguma: a luz do meu olhar  
Varava-te ; era o sapo em frente da doninha.  
E eu peguei-te no braço e disse-te : « Caminha ! »  
E começaste a andar involuntariamente.  
Não dizias palavra ; às vezes, de repente,  
Olhavas de soslaio e vias-me na treva ;  
Continuavas a andar assim como quem leva  
Ou um lóbo ou um crime atrás, a persegui-lo.  
Tu não podias ver o meu olhar tranqüilo,  
Desataste a fugir, correndo alucinado ;  
Pelo monte ; paraste, e viste-me a teu lado.  
Quiseste-me cansar : fôste galgando muros,  
Penetraste a tremer nos antros mais escuros,  
Ensanguentaste as mãos, dilaceraste as pernas  
E eu entrava contigo às bocas das cavernas,  
Trepava como tu às rochas mais esguias,  
Cortava os vendavais, corria, se corrias,  
E se paravas tu, parava eu. Em-fim,  
Não tinhas salvação possível. Para mim  
Não existe fadiga e não existe sono ;  
Eu ia como vai o cão atrás do dono  
E o corpo atrás da sombra. Aniquilado, então,  
Caíste sôbre a terra, e disseste:

« Perdão ! »

« Consciência, minha amiga, a luz do teu olhar

E levei-te de rasto, alucinado, exangue,  
Mesmo ao sítio do crime. Havia um mar de sangue  
E um mar de escuridão. Ao ver-te aproximar,  
O morto silencioso ergueu-se devagar  
E começou a rir. Falavam em segredo  
Na treva os espíões. Os braços do arvoredo  
Apontavam-te. E a face escura da montanha  
Olhava para ti duma maneira estranha...  
Contorcias-te em balde em convulsões mortais;  
Bradavas, e a tua voz — gritos, gemidos, ais —  
Morria na amplidão caliginosa e trágica.  
A noite do remorso é uma lanterna mágica  
Cheia de aparições febris, ensangüentadas.  
O morto continuava a rir às gargalhadas.  
Caía sôbre ti, dura como o granito;  
A terrível mudez opaca do Infinito.  
Tentando um grande esforço hercúleo, sôbre-humano,  
Despertaste; e ao sair do turbilhão insano  
Viste-me junto a ti como me vês agora.  
Nunca mais te larguei desde êsse tempo. Embora  
Tu procures o vinho, o esquecimento, a orgia,  
Na maior embriaguez, na noite mais sombria,  
Eu vejo claramente o sangue da inocência...

É como o olhar dum tigre, o olhar da consciência.

## DIA DE INVERNO

Mefistofélico, esguio,  
Trota o frio  
Na égua vesga, endiabrada  
— A nortada.

O *Sagittário* (1) feroz  
Crava em nós  
As setas e os bisturis  
Do pleuris.

Dos troncos dos arvoredos,  
Nos rochedos,  
O vento, o grande organista,  
Fantasista,

Toca tremendos galopes  
De ciclopes  
E valsas doidas, macabras,  
Para cabras.

---

(1) Pela constelação zodiacal do *Sagittário* (do lat. *sagittarius*, de *sagitta*, seta) passa o sol de 22 de novembro a 22 de dezembro. O Poeta aproveitou o nome de *sagittário* (*arqueiro*, *frêcheiro*) para comparar às *setas*, ou *frechas*, as ventanias agrestes e perigosas do mês de dezembro.

Os velhos escriturários,  
Salafrários,  
Gelam dentro das alpacas,  
Como facas.

Não sei que trémula harpia  
Assobia  
Danadas canções funestas,  
Pelas frestas.

Dos vagalhões — ursos brancos —  
Sôbre os flancos  
Estoira o chicote agreste  
Do nordeste.

As crianças, expirando,  
Vão em bando,  
Mortas, da côr das opalas,  
Para as valas.

E do cónego feliz  
No nariz  
Dezembro arvora a bandeira  
Petroleira. (1)

---

(1) Revolucionária. O nariz rubro, de beberrão, é comparado aqui à bandeira vermelha dos revolucionários. O adjetivo *petroleira* recorda a comuna de Paris (1871) e os incêndios de vários edifícios por meio do petróleo, antecessor da dinamite nos laboratórios de química... social.

## AS PRAIAS

O rude coração do amargo oceano  
Tem virtudes enérgicas, austeras:  
Dá um heróico lampejo ao corpo humano,  
Um sadio florir de primaveras.  
Essas almas dolentes, requebradas,  
Tristes como o cantar de um rouxinol,  
Fá-las fortes, viris, iluminadas:  
    Brilhantes como o sol,  
    E rijas como espadas.  
Um corpo frouxo, e mórbido, e franzino,  
Cheio de palidez etérea e doce,  
    Torna-o como se fôsse  
    De bronze cristalino.  
Depois, o aroma acre dos pinheiros,  
A borrascosa voz dos marinheiros,  
E a vastidão da esplêndida paisagem  
Tudo faz rebentar em nossos peitos  
O bronze inabalável da coragem.

\*

\*   \*   \*

¡ Deixai os plúmeos leitos  
Onde o espírito lânguido desmaia!  
Vinde viver na praia

Entre as coisas sadias, triunfantes  
Do belo mundo antigo!  
E despi esses vícios irritantes  
Como quem despe uns trapos de mendigo !

\*

\* \*

Viver numa casita à beira-mar  
Feita no gosto inglês,  
Casa de um só andar  
E sem balcão chinês;  
Ler páginas vibrantes, luminosas,  
Ricas de coisas sãs e duradoiras;  
Beijar crianças puras, vigorosas,  
Ainda mesmo que não sejam loiras;  
Junto a isto um amigo verdadeiro,  
Saúde e algum dinheiro,  
Eis a vida melhor, mais pintoresca  
Que existe à luz do dia ...  
A vida assim é uma roseira fresca,  
Inundada de orvalhos de alegria !

Fui há dias à praia, e Deus me ajude  
A castigar a miserável gente  
Que vai gastando a alma inutilmente,  
Sem honra, sem trabalho e sem virtude.

.....

Como um bando ligeiro de andorinhas,  
Sôbre a húmida areia reluzente  
Brincam alegremente  
As loiras Inglesinhas.

Montados sôbre rápidos fouveiros, (1)  
Galopam três morgados,  
Rijos como sobreiros,  
Brutos como soldados.

.....

Além sôbre um balcão, sem ser florido,  
Uma Ofélia, com vistas sensuais,  
Sonha coisas ideais  
Em que entra tudo, menos o marido.  
Ela pensa nos céus, arrebatada  
Num espasmo romântico, nervoso...  
Adora Lamartine... e é casada  
Com um burguês de ventre majestoso.

Um tolo de um janota,  
De mão maior que a luva  
E pé maior que a bota,  
Com olhos desgraçados  
Namora uma viúva  
Que tem cem mil cruzados.

---

(1) Cavalos malhados de branco.

Um triste desses mártires sandeus  
Crava a febril luneta  
Numa linda, irritante Julieta  
Que teve já uns poucos de Romeus.  
No em-tanto adora-a com paixão ardente!  
Chama-lhe amor perfeito,  
E vai casar com ela simplesmente  
Por ter o pé bem feito.

Pôrto, 1872.

## CONSELHOS ACADÉMICOS

Procurai com todo o esmero  
A sobriedade, o aticismo:  
Um gigante é um exagêro,  
E um vulcão é um gongorismo.

O' águias, para sofrerdes  
Do sol o rubro clarão,  
Deveis pôr lunetas verdes,  
Como o meu tabelião.

A luz demais causa dano:  
Emmudece o rouxinol;  
Vá lá cima Quintiliano (1)  
Pôr um *abat-jour* no sol.

---

(1) *Mareus Fabius Quintilianus*, célebre advogado, orador e professor de rêtórica, viveu e floresceu em Roma, no século I da nossa era. Colligiu as suas lições num livro intitulado *Institutio Oratoria*, onde o assunto é tratado com elegância, embora sem grande profundidade. Quintiliano aparece aqui como tipo do académico que pretende abafar a livre inspiração poética e literária com as regras clássicas da rêtórica, cujo despotismo é fustigado a golpes de ironia nestas seis quadras.

O estilo rico e brilhante,  
Feito de alvoradas d'oiro,  
E' como as mãos dum marchante  
Tintas no sangue dum toiro.

Não mergulheis a paleta  
No arco da aliança, artistas ;  
Fêz Deus essa taboleta  
Como reclame aos droguistas.

A doida orquestra — a procela  
Rebenta, estoira, assobia ;  
Venha um mestre de capela  
Dar-lhe lições de harmonia.

.....

III

A VELHICE DO PADRE ETERNO

1885



## AOS SIMPLES

Ó almas que viveis puras, imaculadas  
Na torre de luar da graça e da illusão,  
Lós que inda conservais, intactas, perfumadas,  
As rosas para nós há tanto desfolhadas  
Na aridez sepulcral do nosso coração;  
Almas, filhas da luz das manhãs harmoniosas,  
Da luz que acorda o berço e que entreabre as rosas,  
Da luz, olhar de Deus, da luz, bênção d'amor,  
Que faz rir um nectário ao pé de cada abelha,  
E faz cantar um ninho ao pé de cada flor ;  
Almas, onde resplende, almas onde se espelha  
A candura inocente e a bondade cristã,  
Como num céu d'Abril o arco da aliança,  
Como num lago azul a estrêla da manhã ;  
Almas, urnas de fé, de caridade, e esp'rança,  
Cafos d'oiro contendo aberto um lírio santo,  
Um lírio imorredoiro, um lírio alabastrino,  
Que os anjos do Senhor veem orvalhar com pranto,  
E a piedade florir com seu clarão divino ;  
Almas que atravessais o lôdo da existência,  
Este lôdo perverso, iníquo, envenenado,

Levando sôbre a fronte o esplendor da inocência,  
Calcando sob os pés o dragão do pecado;  
Bem-ditas sejais, vós, almas que est'alma adora,  
Almas cheias de paz, humildade e alegria,  
Para quem a consciência é o sol de tôda a hora,  
Para quem a virtude é o pão de cada dia!  
Sois como a luz que doira as trevas dum monturo,  
Ficando sempre branca a sorrir e a cantar;  
E tudo quanto em mim há de belo ou de puro,  
— Desde a esmola que eu dou à prece que eu murmuro  
É vosso: fostes vós o meu primeiro altar.  
Lá da minha distante e encantadora infância,  
Dêsse ninho d'amor e saúdade sem fim,  
Chega-me ainda a vossa angélica fragrância  
Como uma harpa eólia a cantar a distância,  
Como um véu branco ao longe inda a acenar por mim!

Minha mãe, minha mãe! ai que saúdade imensa,  
Do tempo em que ajoelhava, orando, ao pé de ti.  
Casa mansa a noite; e andorinhas aos pares  
Cruzavam-se, voando em tórno dos seus lares,  
Suspensas do beiral da casa onde eu nasci.  
Era a hora em que já sôbre o feno das eiras  
Dormia quieto e manso o impávido lebrêu.  
Vinham-nos da montanha as canções das ceifeiras,  
E a lua branca, além, por entre as oliveiras,  
Como a alma dum justo, ia em triunfo ao céu! . . .  
E, mãos postas, ao pé do altar do teu regaço,  
Vendo a lua subir, muda, alumando o espaço,

Eu balbuciava a minha infantil oração,  
Pedindo ao Deus que está no azul do firmamento  
Que mandasse um alívio a cada sofrimento,  
Que mandasse uma estrela a cada escuridão.  
Por todos eu orava e por todos pedia:  
Pelos mortos no horror da terra negra e fria,  
Por tôdas as paixões e por tôdas as mágoas;  
Pelos míseros que entre os uivos das procelas  
Vão em noite sem lua e num barco sem velas,  
Errantes através do turbilhão das águas...  
O meu coração puro, imaculado e santo  
Ia ao trono de Deus pedir, como inda vai,  
Para tôda a nudez um pano do seu manto,  
Para tôda a miséria o orvalho do seu pranto  
E para todo o crime o seu perdão de Pai!...

A minha mãe faltou-me, era eu pequenino;  
Mas da sua piedade o fulgor diamantino  
Ficou sempre abençoando a minha vida inteira,  
Como junto dum leão um sorriso divino,  
Como sôbre uma fôrca um ramo d'oliveira!

Ó crentes, como vós, no íntimo do peito  
Abrigo a mesma crença e guardo o mesmo ideal.  
O horizonte é infinito e o olhar humano é estreito:  
Creio que Deus é eterno e que a alma é imortal.

Tôda a alma é clarão e todo o corpo é lama.  
Quando a lama apodrece inda o clarão scintila:  
Tirai o corpo – e fica uma língua de chama ...  
Tirai a alma – e resta um fragmento d'argila ...

¿E para onde vai êsse clarão? Mistério ...  
Não sei ... Mas sei que sempre há-de arder e brilhar,  
Quer tivesse incendiado o crânio de Tibério,  
Quer tivesse aureolado a fronte a Joana d'Arc.

Sim, creio que depois do derradeiro sono  
Há-de haver uma treva e há-de haver uma luz  
Para o vício que morre ovante sôbre um trono,  
Para o santo que expira inerme numa cruz.

Tenho uma crença firme, uma crença robusta  
Num Deus que há-de guardar por sua própria mão  
Numa jaula de ferro a alma de Locusta,  
Num relicário d'ouro a alma de Platão.

Mas também acredito, embora isso vos pese,  
E me julgueis talvez o maior dos ateus,  
Que no universo inteiro há uma só diocese  
E uma só catedral com um só bispo – Deus.

E muito embora a vossa igreja se contriste  
E a excomunhão papal nos abraze e destrua,  
A análise é feroz como uma lança em riste  
E a verdade, cruel como uma espada nua.

Cultos, religiões, bíblias, dogmas, assombros,  
vão como a cinza vã que sepultou Pompeia.  
Exumemos a fé desse montão de escombros,  
Desentulhemos Deus dessa aluvião de arcia.

É um dia a humanidade inteira, oceano em calma,  
fá-de fazer, na mesma aspiração retinida,  
Da razão e da fé os dois olhos da alma,  
Da verdade e da crença os dois polos da vida.

A crença é como o luar que nas trevas flutua ;  
A razão é do céu o esplêndido farol :  
Para a noite da morte é que Deus nos deu lua ...  
Para o dia da vida é que Deus fez o sol.

Mas, ai ! eu compreendo os martírios secretos  
Do pobre camponês, já quasi secular,  
Que vê tombar por terra o seu ninho de affectos,  
A casa onde nasceu seu pai, e onde os seus netos  
Se fechariam, morto, o escurecido olhar.  
Compreendo o pavor e a lividez tremente  
De quem em noite má, caliginosa e fria  
Atravessa a montanha à luz dum facho ardente  
E uma rajada vem alucinadamente  
Apagar-lho co'a asa atlética e sombria,  
Deixando-o fulminado e quasi sem sentidos,  
A ouvir o ulular das feras e os bramidos  
Do ciclone que explti, rouco, do sorvedeiro.

E se enrosca furioso aos plátanos partidos,  
A estrangulá-los, como uma gibóia um toiro.  
Compreendo a agonia, o desespero insano  
Do naufrago na rocha, entre o abismo do oceano,  
Vendo-o rolar, rugir os glaucos vagalhões  
Como uma cordilheira hercúlea de montanhas,  
Com jaulas colossais de bronze nas entranhas,  
E um domador lá dentro a chicotear trovões.

O vosso facho, o vosso abrigo, o vosso pôrto,  
É um Deus que para nós há muito que está morto,  
E que inda imaginais no entretanto imortal.  
Vivei e adormecei nessa crença ilusória,  
Já não podeis transpor os mil anos da história  
Que vão do vosso credo absurdo ao nosso ideal.  
Vivei e adormecei nessa ilusão sagrada,  
Fitando até morrer os olhos de Jesus,  
Como o efémero vão que dura um quási nada,  
Que nasce de manhã num raio d'alvorada  
E expira ao pôr do sol noutro raio de luz.  
Eu bem sei que essa crença ignorante e sincera  
Não é a que ilumina as bandas do Porvir;  
Mas vós sois o Passado, e a crença é como a hera  
Que sustenta e dá inda um tom de primavera  
Aos velhos torreões góticos a cair.  
Sim, essa crença é um êrro, uma ilusão, é certo:  
Mas triste de quem vai pelo areal deserto  
Vagabundo, esfaimado e nu como Caim,

Sem nunca ver ao longe os palácios radiantes  
Duma cidade d'ouro e mármore e diamantes  
No quimérico azul dessa amplidão sem fim !  
¿ Quem há-de arrancar pois, do seu piedoso engaste  
O vosso ingénuo ideal, ó trémulos velhinhos,  
Se a quimera é uma rosa e a existência uma haste,  
Rosa cheia d'aroma e haste cheia de espinhos ?  
¿ Quem vos há-de cortar a flôr da vossa esp'rança,  
¿ Quem vos há-de apagar a angélica visão,  
Se essa luz para vós é como uma criança  
Que guia numa estrada um cego pela mão ?  
¿ Quem vos há-de acordar dêsse sonho encantado ? !  
¿ Quem vos há-de mostrar a evidência cruel ? !  
Ah ! deixemos a ave ao ramo já quebrado,  
E deixemos fazer ao enxame doirado  
No tronco que está morto o seu favo de mel !  
Ó velhos aldeões, exaustos de fadiga,  
Que andais de sol a sol na terra a moirejar,  
Roubar-vos da voss'alma a vossa crença antiga  
Seria como quem roubasse a uma mendiga  
As três achas que leva à noite para o lar !  
Oh, não ! guardai-a bem, essa crença d'outrora ;  
É ela quem vos dá a paz benigna e santa,  
Como a paz d'um vergel inundado d'aurora,  
Onde o trabalho ri e onde a miséria canta.  
Guardai-a sim, guardai ! E quando a morte em breve  
Vos entre na choupana, esquálida e feroz,  
A agonia será bem rápida e bem leve,  
Porque um anjo de Deus mais alvo do que a neve  
Há-de estender, sorrindo, as asas sôbre vós.  
E vós conhecereis em seu olhar materno

Que é o anjo que embalou vosso sono infantil,  
E que hoje vem do céu mandado pelo Eterno...  
Para sorrir na morte ao vosso branco inverno,  
Como sorriu no berço ao vosso claro Abril.  
E ao pender-vos gelada a fonte alabastrina  
Irá levar a Deus o vosso coração,  
Tam manso e virginal, tam novo e tam perfeito,  
Que Deus há-de beijá-lo e aquecê-lo no peito,  
Como se acaso fôsse uma pomba divina,  
Que viesse cair-lhe exânime na mão!

## A ÁRVORE DO MAL

Por debaixo do azul sereno, entre a fragrância  
Dos mirtos, dos rosais,  
Viviam numa doce e numa eterna infância  
Nossos primeiros pais.

Seus corpos juvenis, mais alvos do que a lua,  
Mais puros que os diamantes,  
Conservavam ainda a virgindade nua  
Das coisas ignorantes.

Pôs Deus nesse jardim com sua mão astuta,  
Ao lado da inocência,  
A Árvore do Mal, que produzia a fruta  
Venenosa da ciência.

E, apesar de conter venenos homicidas  
E o germe do pecado,  
Era Deus quem conuia à noite, às escondidas,  
Esse fruto vedado.

Por isso Jeová tinha ciência infinda,  
Tinha um poder secreto,  
E Adão, que não provara os frutos, era ainda  
Um anjo analfabeto.

Eva colheu um dia o belo fruto impuro,  
O fruto da Razão.  
Nesse instante sublime Eva tinha o Futuro  
Na palma da sua mão!

O homem, abandonando a submissão covarde,  
Viu o fruto, e comeu.  
Êsse fruto é a Luz que a Júpiter mais tarde  
Roubará Prometeu.

E ao ver igual a si a estátua que criara,  
O homem réprobo e nu,  
Jeová exclamou: "¡ Maldita seja a seara  
Cuja semente és tu ! „

Veio depois a Igreja e repetiu aos crentes  
De tôda a humanidade:  
"¡ Maldito seja sempre o que enterrar os dentes  
Nos frutos da verdade ! „

A Igreja permitia êsse vedado pomo  
Sómente aos sacerdotes!  
Da árvore do mal fugia o mundo, como  
Os lóbos dos archotes.

Se o sábio que buscava o oiro nas retortas  
Ia como um ladrão  
Roubar tímidamente, à noite, às horas mortas,  
Algum fruto do chão,

Tiravam-lhe da bôca esse fruto daninho  
Duma maneira suave:  
Atando-lhe à garganta uma corda de linho  
Suspensa duma trave.

Um dia um visionário, alma vertiginosa,  
Espírito imortal,  
Foi deitar-se, que horror! à sombra temerosa  
Da Árvore do mal.

A Igreja, ao ver aquela intrépida heresia,  
Lança-lhe excomunhões;  
Tomba por terra um fruto... e Newton descobria  
A lei das atracções!

Sacudi, sacudi a árvore maldita,  
Que os astros tombarão,  
Como se sacudisse a abóbada infinita  
Deus, com a própria mão!

E quando o mundo inteiro em-fim houver comido  
Até à saciedade  
O fruto que lhe estava há tanto proibido,  
O fruto da Verdade,

Homens, dizei então a Jeová: — “; Tirano,

“Vai-te embora daqui!

“Construímos de novo o paraíso humano;

“Fizémo-lo sem ti.

“Expulsaste do Olimpo a humanidade outrora,

“Ó déspota feroz;

“Pois bem, o Olimpo é nosso, e, Jeová, agora

“Expulsamos-te nós!.”

## COMO SE FAZ UM MONSTRO

Èle era nesse tempo uma criança loira,  
Vivendo na abundância agreste da lavoura,  
Ao vento, à chuva, ao sol, pastoreando os gados,  
Deitando-se ao luar nas pedras dos eirados,  
Atravessando à noite os solitários montes,  
Dormindo a boa sesta ao pé das claras fontes,  
Trepando aos pinheirais, às fragas, aos barrancos,  
No rijo e negro pão cravando os dentes brancos,  
Radioso como a aurora e bom como a alegria.  
Quando no azul do céu cantava a cotovia,  
Aos primeiros clarões vibrantes da alvorada  
Transportava ao casebre o leite da manada,  
Acordando, a assobiar e a rir pelos caminhos,  
Os lebréus nos portais e as aves nos seus ninhos;  
E à tarde, quando o sol, extraordinário Rubens,  
Na fantasmagoria esplêndida das nuvens,  
Colorista febril, lança, desfaz, derrama  
O topásio, o rubi, a prata, o oiro, a chama,  
Èle ia então sozinho, alegre, intemerato,  
Conduzindo a beber ao trémulo regato,  
A golpes de verdasca e gritos estridentes,  
Num ruidoso tropel, os grandes bois pacientes.

O seu olhar azul de limpidez virtuosa,  
 Onde brilhava a audácia heróica e valorosa,  
 A candura infantil e a inteligência rara;  
 O timbre da sua voz imperiosa e clara,  
 A linha do seu corpo altivamente recta,  
 Tudo lhe dava o ar soberbo dum atleta  
 Em miniatura.

## II

Um dia o pai, um bravo aldeão,  
 Chamou-o ao pé de si, e disse-lhe:

“João:

A' fôrça de trabalho e à fôrça de canseiras,  
 A moirejar no monte e a levar gado às feiras,  
 Consegui ajuntar ao canto do baú  
 Alguns pintos. Vocês são dois rapazes; tu,  
 Além de ser mais novo, és mais inteligente.  
 Vou botar-te ao latim; quero fazer-te gente.  
 Hás-de-me dar ainda um grande prègador.  
 Hoje, padre é melhor talvez que ser doutor.  
 ; Aquilo é grande vida; é vida regalada.  
 Olha, ¿sabes que mais? manda ao diabo a enxada.  
 Aquilo é que é vidinha! aquilo é que é descanso!  
 Arrecada-se a cõngrua, engrola-se o ripanço,  
 Arranja-se um sermão afi com quatro tretas,  
 Vai-se escorropichando o vinho das galhetas,  
 E a missa, seis vintêns e doze os baptizados.

6

13

Depois, independente e sem nenhuns cuidados !  
 Olha, João, vê tu o nosso padre-cura :  
 E', sem tirar nem pôr, uma cavalgada.  
 Vi-o chegar aqui mais rôto que os ciganos ;  
 Pois tem feito um casão em meia dúzia d'anos.  
 Isto é desenganar ; padres, sabem-na tôda ...  
 É o sermão, é a missa, é o entêrro, é a bôda,  
 É pinga da melhor, é tudo quanto há !  
 Quando o abade morrer hás-de vir tu p'ra cá.  
 Despacha-te o doutor nas côrtes ; quando não,  
 Votamos contra êle, e foi-se-lhe a eleição.  
 Mas ¿ que é isso, rapaz ? Nada de choradeira !  
 É tratar da merenda, e quinta ou sexta-feira  
 Toca pr'o seminário. Eu quero ir para a cova  
 Só depois de te ouvir cantar a missa nova. »

## III

Numa tarde d'outono, a sonolento trote,  
 Um macho conduzia em cima do albardão,  
 Já coluna da igreja, o novo sacerdote,  
 O muitíssimo illustre e digno padre João.  
 Ao entrarem na aldeia os dois irracionais,  
 Dos foguetes ao grande e jubiloso estrépito,  
 Um velho recebeu nos braços paternais,  
 Em vez do alegre filho, um monstro já decrepito  
 Que acabava de vir das jaulas clericais.  
 ¡Que transfiguração! que radical mudança !  
 Em lugar da inocente, angélica criança,

Voltava um chimpanzé estúpido e bisonho,  
Com o ar de quem anda alucinadamente  
Preso nas espirais diabólicas dum sonho.  
Seu corpo juvenil, robusto e florescente,  
Vergava para o chão exausto de cansaço:  
Os dogmas são de bronze, e a Jã duma batina  
Já vai pesando mais que as armaduras d'aço.  
A ignorância profunda, a estupidez suína,  
A luxúria d'Igreja, ardente, clandestina,  
O remorso, o terror, o fanatismo inquieto,  
Tudo isto perpassava em turbilhão confuso  
Na atonia cruel daquele hediondo aspecto,  
Na morna fixidez daquele olhar obtuso.  
Metida nas prisões escuras de Loyola  
A sua alma infantil, não tendo luz nem ar,  
Foi como os rouxinóis que dentro da gaiola  
Perdem tôda a alegria e morrem sem cantar.

## IV

Como ninguém ignora, os sórdidos palhaços  
Compram, roubam às mães as loiras criancinhas,  
Torcem-lhes o pescoço, as mãos, os pés, os braços,  
Transformam-lhes num junco elástico as espinhas,  
E exibem-nas depois nos palcos das barracas,  
Dando saltos mortais e devorando facas  
Ante o espanto imbecil da ingénua multidão;  
E para lhes cobrir a lividez plangente  
Costumam-lhes pintar carnavalescamente

Na face de alvaiade um rir de vermelhão.  
Também o jesuitismo hipócrita-romano,  
Palhaço clerical, anda pelos caminhos  
A comprar, a furta, assim como um cigano,  
As crianças às mães, os rouxinóis aos ninhos.  
Vão levá-las depois ao negro seminário,  
A's terríveis galés, ao sacro matadouro,  
E escondem-nas da luz, assim como o usurário  
Esconde também dela os seus punhados d'oiro.  
Dentro da estupidez e da superstição,  
Casamata da fé, guardam-lhes a razão,  
A análise, êsse forte e venenoso fluido,  
Que, andando em liberdade, ao mínimo descuido  
Poderia estoirar com trágica explosão.  
O que o palhaço faz ao corpo da criança  
Fazem-lho à alma, até que dela reste em-fim,  
Em lugar do histrião que nas barracas dança,  
O pobre missionário, o inútil manequim,  
O histrião que nos prega a bem-aventurança  
A murros de missal e a roncões de latim.  
As almas infantis são brandas como a neve,  
São pérolas de leite em urnas virginais:  
Tudo quanto se grava e quanto ali se escreve  
Cristaliza em seguida e não se apaga mais.  
Desta forma consegue o astucioso clero  
Transformar de repente uma criança loira  
Num pássaro nocturno, estúpido e sincero,  
E abrir-lhe na cabeça, a golpes de tesoura,  
A marca industrial do fabricante — um-zero!

## O MELRO

O melro, eu conheci-o:  
Era negro, vibrante, luzídio,  
Madrugador, jovial.  
Logo de manhã cedo  
Começava a soltar d'entre o arvoredó  
Verdadeiras risadas de cristal;  
E assim que o padre cura abria a porta  
Que dá para o passal,  
Repicando umas finas ironias,  
O melro, d'entre a horta,  
Dizia-lhe: «Bons dias!»  
E o velho padre cura  
Não gostava daquelas cortesias.

O cura era um velhote conservado,  
Malicioso, alegre, prazenteiro;  
Não tinha pombas brancas no telhado,  
Nem rosas no canteiro:  
Andava às lebres pelo monte, a pé,  
Livre de reumatismos,  
Graças a Deus, e graças a Noé.

O melro desprezava os exorcismos  
Que o padre lhe dizia;  
Cantava, assobiava alegremente;  
Até que últimamente  
O velho disse um dia:

«j Nada, já não tem jeito! êste ladrão  
Dá cabo dos trigais!  
¿ Qual seria a razão  
Porque Deus fêz os melros e os pardais?!»

E o melro no entretanto,  
Honesto como um santo,  
Mal vinha no oriente  
A madrugada clara,  
Já êle andava jovial, inquieto,  
Comendo alegremente, honradamente,  
Todos os parasitas da seara,  
Desde a formiga ao mais pequeno insecto.  
E apesar disto o rude proletário,  
O bom trabalhador,  
Nunca exigiu aumento de salário.

¡ Que grande tolo, o padre confessor!

Foi para a eira o trigo;  
E armando uns espantalhos  
Disse o abade consigo:  
«Acabaram-se as penas e os trabalhos.»  
Mas logo de manhã, ¡ maldito espanto!  
O abade, inda na cama,

Ouviu do melro o costumado canto.  
 Ficou ardendo em chama;  
 Pega na caçadeira,  
 Levanta-se dum salto,  
 E vê o melro a assobiar na eira  
 Em cima do seu velho chapéu alto!

Chegou a coisa a termo  
 Que o bom do padre cura andava enfêrmo,  
 Não falava nem ria,  
 Minado por tão íntimo desgosto;  
 E o vermelho oleoso do seu rosto  
 Tornava-se amarelo dia a dia.  
 E foi tal a paixão, a desventura,  
 (Muito embora o leitor não me acredite)  
 Que o bom do padre cura  
 Perdera... o apetite!

\*  
\*   \*  
\*

Andando no quintal um certo dia  
 Lendo em voz alta o *Velho Testamento*  
 Enxergou por acaso (que alegria!  
 Que ditoso momento!)  
 Um ninho com seis melros, escondido  
 Entre uma carvalheira.

E ao vê-los, exclamou enfurecido:

«A mãe comeu o fruto proibido;  
Esse fruto era a ~~vinha~~ sementeira:  
Era o pão, e era o milho.  
Transmitiu-se o pecado;  
E, se a mãe não pagou, que pague o filho.  
É doutrina da Igreja. Estou vingado!

E engaiolando os pobres passaritos,  
Soltava exclamações:  
«É uma praga. Malditos!  
Dão-me cabo de tudo estes ladrões!

Raios os partam! andai lá, que em-fim ...»

E deixando a gaiola pendurada,  
Continuou a ler o seu latim,  
Fungando uma pitada.

\* \* \*

Vinha tombando a noite silenciosa;  
E caía por sôbre a natureza:  
Uma serena paz religiosa,  
Uma bela tristeza  
Harmónica, viril, indefinida.  
A luz crepuscular  
Infiltra-nos na alma dolorida  
Um misticismo heróico e salutar.  
As árvores, de luz inda doiradas,  
Sôbre os montes longínquos, solitários.

Tinham tomado as formas rendilhadas  
 Das plantas dos herbários.  
 Recolham-se a casa os lavradores.  
 Dormiam virginais as coisas mansas:  
 Os rebanhos e as flores,  
 As aves e as crianças.

la subindo a escada o velho abade;  
 A sua negra, atlética figura  
 Destacava na frouxa claridade,  
 Como uma nódoa escura.  
 E introduzindo a chave no portal  
 Murmurou entre dentes:

«Tal e qual... tal e qual!...  
 Quisados com arroz são excelentes.»

.....

\*  
\*   \*  
\*

E nisto o melro foi direito ao ninho.  
 Para o agasalhar andou buscando  
 Um penugens doces como arminho,  
 Um feltrozinho assetinado e brando.  
 Chegou lá, e viu tudo;  
 Partiu como uma frecha; e louco e mudo  
 Correu por todo o matagal; em vão!  
 Mas eis que solta de repente um grito  
 Indo encontrar os filhos na prisão.

«¿Quem vos meteu aqui?» O mais velhito  
Todo tremente, murmurou então:

«Foi aquele homem negro... Quando veio,  
Chamei, chamei... Andavas tu na horta...  
Ai que susto, que susto! êle é tam feio!...  
Tive-lhe tanto mêdo!... Abre esta porta  
E esconde-nos debaixo da tua asa!  
Olha, já vão florindo as açucenas;  
Vamos a construir a nossa casa  
Num bonito lugar...  
Ai! quem me dera, minha mãe, ter penas  
Para voar, voar!»

E o melro alucinado  
Clamou:

.....

«A culpa tive-a eu! quási à noitinha  
Parti, deixei-os sós...  
A culpa tive-a eu, a culpa é minha,  
De mais ninguém!... Que atroz!  
E eu devia sabê-lo!  
Eu tinha obrigação de adivinhar...  
Remorso eterno! eterno pesadelo!...

Falta-me a luz e o ar!... Oh, quem me dera  
Ser abutre ou ser fera  
Para partir o cárcere maldito!...  
E como a noite é límpida e formosa!

Nem um ai, nem um grito ...  
Que noite triste! oh noite silenciosa! ...»

\*  
\*   \*  
\*

E a natureza fresca, onipotente,  
Sorria castamente  
Com o sorriso alegre dos heróis.  
Nas sebes orvalhadas,  
Entre fôlhas luzentes como espadas,  
Cantavam rouxinóis.

Os vegetais felizes  
Mergulhavam as sôfregas raízes  
A procurar na terra as seivas boas,  
Com a avidez e as raivas tenebrosas  
Das pequeninas feras vigorosas  
Sugando à noite os peitos das leoas.  
A lua triste, a lua merencórea,  
Desdémona marmórea,  
Rolava pelo azul da imensidade,  
Imersa numa luz serena e fria,  
Branca como a harmonia,  
Pura como a verdade.  
E entre a luz do luar, e os sons, e as flores,  
Na atonia cruel das grandes dôres,  
O melro solitário  
Jazia inerte, exânime, serêno,  
Bem como outrora a mãe do Nazareno  
Na noite do calvário! ...

Segundo o seu costume habitual,  
Logo de madrugada  
O padre-cura foi para o quintal,  
Levando a Bíblia e sobraçando a enxada.  
Antes de dizer missa,  
O velho abade, inevitavelmente  
Tratava da hortaliça  
E rezava a Deus Padre Onipotente  
Vários trechos latinos,  
Salvando desta forma juntamente  
As ervilhas, as almas e os pepinos.

E já de longe ia bradando:

— Olé!

Dormiram bem? ... Estimo ...  
Eu lhes darei o mimo,  
Canalha vil, grandíssima ralé!  
¿Então vocês, seus almas do diabo,  
Julgavam que isto que era só dar cabo  
Da horta e do pomar,  
E bico alegre, e estômago contente?  
E o camelo do cura que se agüente,  
Que engrole o seu latim e vá bugiar! ...  
Grandes larápios! ... Era o que faltava:  
Vocês irem ao milho,  
E a mim ... mandar-me à fava!

.....  
Mas nisto o padre cura, titubeante,

Quási desfalecendo,  
Atónito de horror, parou diante  
Dêste drama estupendo:

O melro, ao ver aproximar o abade,  
Despertou da atonia,  
Lançando-se furioso contra a grade  
Do cárcere. Torcia,  
Para os partir, os ferros da prisão,  
Crispando as unhas convulsivamente  
Com a fúria dum leão.  
Batalha inútil, desespero ardente!  
Quebrou as garras, depenou as asas  
E alucinado, exangue,  
Os olhos como brasas,  
Herói febril, a gotejar em sangue,  
Partiu num vôo arrebatado e louco,  
Trazendo dentro em pouco  
Preso no bico um ramo de veneno...

E belo, e grande, e trágico, e sereno,  
Disse:

«Meus filhos, a existência é boa  
Só quando é livre. A liberdade é a lei!  
Prende-se a asa, mas a alma voa...  
Ó filhos, voemos pelo azul!... Comei!» —

E mais sublime do que Cristo, quando  
Morreu na cruz; maior do que Catão,

Matou os quatro filhos, trespassando  
Quatro vezes o próprio coração!  
Soltou, fitando o abade, uma pungente  
Gargalhada de lágrimas, de dôr,  
E partiu pelo espaço heróicamente,  
Indo cair, já morto, de repente,  
Num carcavão com silveirais em flôr.

.....

## A VALA COMUM

### I

Vala comum — tasca nojenta,  
Mesa redonda sepulcral,  
Onde a toalha crapulenta  
É um lençol roto do hospital,

E onde as larvas proletárias  
Devoram — lúgubres festins! —  
Crânios de herois, ventres de párias,  
Carcassas podres de arlequins.

.....

Em teu estômago de hiena  
Vão-se abismar, monstro cruel,  
Rios de sangue com gangrêna  
E ondas de lágrimas com fel.

Cloaca pútrida e funérea,  
Feira da Ladra hedionda e vil,  
És o saguão onde a miséria  
Despeja à noite o seu barril.

.....

Anjos que vêm do paraíso,  
Candura etérea e perfumada,  
Feitos dum beijo e dum sorriso,  
Nalgum jardim, de madrugada,

Vão confundir-se nessa gùela,  
Nessa pestífera anarquia,  
Com quantas lepras uma viela  
Possa escarrar numa enxovia!

As guilhotinas homicidas,  
Pelo carrasco, o fiel criado  
Mandam-te o lanche (1) às escondidas  
No seu *panier* (1) ensangüentado.

E o cadafalso, um salteador,  
Na noite lívida estrangula  
Feras que arroja, no estertor,  
Aos antros podres da tua gula.

Nada que te encha ou te sufoque.  
Monstro, absorver é o teu destino.  
Depois da ceia de Moloch, (2)  
Ruges co'a fome de Hugolino! (3)

---

(1) *Lanche*, grafia nacional do inglês *lunch*, barbarismo desnecessariamente introduzido e instalado na nossa língua, onde existia, com sentido igual ou aproximado, a velha palavra *merenda*. *Panier* é o cesto, acessório da guilhotina, para dentro do qual roia a cabeça do executado.

(2) *Moloch*, divindade falada na Bíblia e apresentada pela lenda

Sempre a comer, monstro insensato,  
 E a bôca sempre escancarada!  
 O esquife, harpia, eis o teu prato!  
 E o teu talher — a pá e a enxada!

Vala comum, despenhadeiro  
 De lírios brancos e de sapos,  
 Furna onde o Nada, êsse trapeiro,  
 Faz o armazém dos seus farrapos,

Quantos heróis — oh raiva, oh ódio!  
 Teu lôdo amargo apodreceu  
 Desde Aristógiton e Harmódio  
 Até Camões e Galileu!

Deus, que te fêz sempre esfaimada,  
 Deu-te também, pança gigante,  
 Por cozinheiro Torquemada, (4)  
 E Bonaparte por marchante.

---

sob a figura monstruosa de um homem com cabeça de touro. Dentro da sua estátua ardia uma fogueira que abrasava as vítimas humanas, em geral crianças, colocadas, para o medonho sacrifício, sobre os seus braços enormes.

(3) *Ugolino della Gherardesco*, tirano de Pisa, viveu no século XIII e distinguiu-se pela implacável crueldade. Vencido, encerraram-no os seus inimigos na torre de Gualandi com dois filhos que tinha, não lhes dando de comer e atirando ao rio Arno as chaves da prisão. Ali morreram de fome todos três, dizendo a lenda que o tirano tentara, para evitar a morte, alimentar-se com a carne dos próprios filhos. Dante immortalizou esta tragédia na sua *Divina Comédia* (Canto xxxiii).

(4) *Torquemada*, cruel inquisidor espanhol (1420-1498).

Átila e Nero — o tigre e o lobo,  
Noventa e três, Saint-Barth'lemy (1),  
Eis hecatombes para o globo  
Que são banquetes para ti.

Quando famélica te nutres  
Dum Waterloo, grandiosa presa,  
Sustentas todos os abutres  
Só co'as migalhas da tua mesa!

Para o teu último festim (2),  
Gargântua (3) sórdido e voraz,  
Foi aos açougues de Berlim  
A Morte, a encher o seu cabaz.

És magro e fúnebre molosso  
Há milhões d'anos sempre a uivar:  
«Ó Guerra, traz-me o meu almoço!  
«Ó Peste, traz-me o meu jantar!»

.....

---

(1) *Noventa e três* (1793) é o ano do *Terror*, período da Revolução Francesa, em que muita gente foi assassinada por motivos políticos. Por *Saint Barthelemy* (noite de S. Bartolomeu, 24 de agosto de 1572) designa-se abreviadamente a matança de protestantes instigada por Catarina de Médicis.

(2) O último festim da Vala era, ao tempo em que foram escritos estes versos, a guerra franco-prussiana de 1870-1871.

(3) *Gargântua*, personagem importante do romance de Rabelais *La vie de Gargantua et de Pantagruel*, è um gigante cujo nome se vulgarizou como sinónimo de *comilão*.

## II

Por isso a vala é um alçapão  
De d'onde rui a todo o instante  
Um tremedal de podridão  
Num mar de enxôfre flamejante.

Castigo bárbaro e nefando!  
Em monstruosos caldeirões  
Ondas de pez tonitroando,  
Roucas, uivando, aos borbotões,

E dentro vós, pobres cativos,  
Em sangue, em chagas, todos nus,  
A morrer sempre e sempre vivos,  
Sempre a cozer e sempre crus!

Em lagos rútilos de estanho,  
Bramindo pragas em latim,  
Milhões de herejes tomam banho ...  
Olhai, que espiga! (1) um banho assim! ...

Êstes, frigidados em certãs,  
Dentro dó azeite que extravasa;  
Outros perneando, como rãs,  
Na empalação dum raio em brasa!

---

(1) Chulismo, correspondente a *que man negócio!*, *que desastre!*, e semelhantes.

Uns são torrados sôbre grelhas,  
E os diabos vêm continuamente  
Naquelas nádegas vermelhas  
Cravar com fúria o seu tridente!

Muitos estoira-lhes a pança  
Entre os coléricos anéis  
De vinte cilhas (que lembrança!...)  
Feitas de cobras cascavéis!

.....:.....  
E, em-quanto Deus lhes (1) fritas os untos  
E o coração numa panela,  
Que vida airada os bons defuntos  
Passam no céu!... que vida aquela!

Pois cá por baixo, aos maganões  
Nunca também lhes faltou nada!  
Tiveram crenças e milhões...  
Deus gosta assim de gente honrada...

Comeram óptimos jantares,  
Perfeitamente digeridos;  
Foram cristãos e titulares,  
Bons pais, bons filhos, bons maridos.

.....  

---

(1) Permitimo-nos aqui a substituição de *te* por *lhes*, para ligar o  
entido de dois excerpts da poesia.

E quando, ao cabo da função,  
— Velhos sem dentes, já na espinha, —  
A Morte, de chapéu na mão,  
Lhes foi tocar à campainha,

Para espicharem dignamente,  
Agasalhados na sua cama  
O Papa enviou-lhes de presente  
A bênção, neste telegrama:

«Remeto bênção Divindade.  
Legado Pedro quinze contos.  
Escrevi céu, Hotel Trindade,  
Tenham chegada quartos prontos.»

E após um grande funeral,  
A que assistiu o *high-life* inteiro,  
Desde o arcebispo ao general  
E desde o príncipe ao banqueiro,

Seus corpos, onde não remexe  
O verme vil que trinca os párias,  
Embalsamados de escabeche  
Em grandes latas funerárias,

No palacete duma campa  
Foram guardados, qual tesoiro,  
Dentro dum cofre em cuja tampa  
Há versos maus em letras d'oiro.

E as almas, prontas para a festa  
Do seu olímpico noivado,  
Com uma auréola na testa  
E asas soberbas no costado,

Partiram leves, subreptícias,  
Entre o esplendor de cem auroras,  
Lá para o Reino das Delícias,  
Onde estarão a estas horas . . .

## POST-SCRIPTUM

### DA «VALA COMUM»

Quando eu morrer, abram-me o peito,  
E desta jaula, onde houve um leão,  
Tirem (o cárcere era estreito)  
Meu velho e altivo coração.

Depois, sem dó e sem respeito,  
Sem um murmúrio de oração,  
Lancem-no assim, vai satisfeito,  
À vala obscura, à podridão,

Para que durma e se desfaça  
No lódo amargo da Desgraça,  
Por quem bateu continuamente,

Como um tambor que entre a metralha  
Estoira ao fim duma batalha,  
Rouco, furioso, ansioso, ardente!

IV

FIEL

## NOTA

Por erro de paginação não foi incluído este poema na coleção dos excerptos do livro A MUSA EM FÉRIAS, a que pertence.

## FIEL

Na luz do seu olhar tão lânguido, tão dôce,  
Havia o quer que fôsse  
Dum íntimo desgôsto:  
Era um cão ordinário, um pobre cão vadio,  
Que não tinha coleira e não pagava imposto.

Acostumado ao vento e acostumado ao frio,  
Percorria de noite os bairros da miséria  
Á busca d'um jantar.  
È ao ver surgir da lua a palidez etérea  
O velho cão uivava uma canção funérea,  
Triste como a tristeza ossiânica (1) do mar.

---

(1) Adjectivo formado de *Ossian*, nome de um bardo escocês do século III, a quem mataram um filho e que, velho e cego, mitigava seu desespero cantando em verso os feitos dos Caledónios e as lórias da sua própria família, nas lutas contra as invasões romanas de Severo e Caracala. Os seus poemas, parafraseados no século XVIII por Macpherson, exerceram sensível influência na literatura romântica, especialmente em Lamartine.

Quando a chuva era grande e o frio era inclemente,  
Êle ia-se abrigar ás vezes nos portais;  
E, mandando-o partir, partia humildemente,  
Com a resignação nos olhos virginais.  
Era tranquilo e bom como as pombinhas mansas;  
Nunca ladrrou dum pobre à capa esfarrapada:  
E, como não mordia as tímidas crianças,  
As crianças então corriam-no à pedrada.

Uma vez, casualmente, um mísero pintor  
Um boémio, um sonhador,  
Encontrara na rua o solitário cão;  
O artista era uma alma heróica e desgraçada,  
Vivendo numa escura e pobre água-furtada,  
Onde sobrava o génio e onde faltava o pão.  
Era dêsses que têm o rubro amor da glória,  
O grande amor fatal,  
Que umas vezes conduz ás pompas da vitória,  
E que outras vezes leva ao quarto do hospital.

E ao ver por sôbre o lodo o magro cão plebeu,  
Disse-lhe: — «O teu destino é quasi igual ao meu:  
Eu sou, como tu és, um proletário roto,  
Sem família, sem mãe, sem casa, sem abrigo;  
E quem sabe se em ti, o velho cão do esgôto,  
Eu não irei achar o meu primeiro amigo!...»

No céu azul brilhava a lua etérea e calma;  
E do rafeiro vil no misterioso olhar

Via-se o desespero e a ânsia duma alma,  
Que está encarcerada, e sem poder falar.  
O artista soube ler naquele olhar em brasa  
A eloquente mudez dum grande coração;  
E disse-lhe: — «Fiel, partamos para casa;  
Tu és o meu amigo, e eu sou o teu irmão. —»

E viveram depois assim por largos anos,  
Companheiros liais, heróicos, puritanos,  
Dividindo igualmente as privações e as dôres.  
Quando o artista infeliz, exausto e miserável,  
Sentia esmorecer o génio inquebrantável

Dos fortes lutadores;

Quando até lhe acudia ás vezes à lembrança  
Partir com uma bala a derradeira esp'rança,  
Pôr um ponto final no seu destino atroz:  
Nêsse instante do cão os olhos bons, serenos,  
Murmuravam-lhe: — Eu sofro, e a gente sofre menos,  
Quando se vê sofrer também alguém por nós. —

Mas um dia a Fortuna, a deusa milionária:  
Entrou-lhe pelo quarto e disse alegremente:  
«Um génio como tu, vivendo como um pária,  
Agnilhoado da fome á lúgubre corrente!  
Eu devia fazer-te há muito esta surpresa,  
Eu devia ter vindo aqui p'ra te buscar ...  
Mas moravas tão alto! e digo-o com franqueza  
Custava-me a subir até ao sexto andar ...  
Acompanha-me; a glória há-de ajoelhar-te aos pés!...»

E foi; e ao outro dia as bôcas das Frinés (1)  
Abriram para êle um riso encantador;  
A glória deslumbrante iluminou-lhe a vida,  
Como bela alvorada esplêndida, nascida  
A toques de clarim e a rufos de tambor!

Era feliz. O cão  
Dormia na alcatifa à borda do seu leito,  
E logo de manhã vinha beijar-lhe a mão,  
Ganindo, com um ar alegre e satisfeito.  
Mas ai! o dono ingrato, o ingrato companheiro,  
Mergulhado em paixões, em gozos, em delícias,  
Já pouco tolerava as festivas carícias  
Do seu lial rafeiro.

Passou-se mais um tempo; o cão, o desgraçado,  
Já velho e no abandôno,  
Muitas vezes se viu batido e castigado  
Pela simples razão de acompanhar seu dono.  
Como andava nojento e lhe caíra o pêlo,  
Por fim o dono até sentia nojo ao vê-lo,

---

(1) *Friné (Phryné)*, cortesã grega do século IV antes de Cristo. Diz uma tradição, mencionada por Quintiliano, que a bela Friné foi um dia acusada de impiedade e defendida perante o tribunal pelo advogado Hipérides. Vendo que a sua cliente ia ser condenada, defensor tirou-lhe em pleno tribunal as vestes que a cobriam, e a beleza da mulher encantou e converteu os juizes.

E mandava fechar-lhe a porta do salão.  
Meteram-no depois num frio quarto escuro,  
E davam-lhe a jantar um osso branco e duro,  
Cuja carne servira aos dentes de outro cão.

E êle era como um roto, ignóbil assassino,  
Condenado á enxovia, aos ferros, ás galés:  
Se se punha a ganir, chorando o seu destino,  
Os criados brutais davam-lhe pontapés.  
Corroera-lhe o corpo a negra lepra infame.  
Quando exhibia ao sol as podridões obscenas,  
Poisava-lhe no dorso o causticante enxame  
Das moscas das gangrênas.

Até que um dia, em-fim, sentindo-se morrer,  
Disse: «Não morrerei ainda sem o ver;  
A seus pés quero dar meu último gemido...»  
E arrastando-se quási exausto, moribundo,  
Meteu-se-lhe no quarto, assim como um bandido.

E o artista, ao entrar, viu o rafeiro imundo  
E bradou com violência:  
«Ainda por aqui o sórdido animal!  
É preciso acabar com tanta impertinência,  
Que esta besta está podre, e vae cheirando mal!»  
E, pousando-lhe a mão cariciosamente,  
Disse-lhe com um ar de muito bom amigo:

«O meu pobre Fiel, tão velho e tão doente...  
Ainda que te custe, anda daí comigo.»

E partiram os dois. Tudo estava deserto  
A noite era sombria; o cais ficava perto;  
E o velho condenado, o pobre lazarento,  
Cheio de imensas mágoas  
Sentiu junto de si, como um pressentimento,  
O fundo soluçar monótono das águas.

Compreendeu em-fim! Tinha chegado à beira  
Da corrente. E o pintor,  
Agarrando uma pedra atou-lha na coleira,  
Friamente, cantando uma canção de amor.

E o rafeiro sublime, impassível, sereno,  
Lançava o grande olhar ás negras trevas mudas  
Com aquela amargura ideal do Nazareno  
Recebendo na face o ósculo de Judas.  
Dizia para si: «É o mesmo; pouco importa.  
Cumprir o seu desejo é êsse o meu dever;  
Foi êle que me abriu um dia a sua porta;  
Morrerei, se lhe dou com isso algum prazer.»

Depois, súbitamente,  
O artista arremessou o cão na água fria.  
E ao dar-lhe o pontapé caíu-lhe na corrente

O gorro que trazia.

Era uma saúdosa, adorada lembrança

Outrora concedida

Pela mais caprichosa e mais gentil criança,

Que amara, como se ama uma só vez na vida.

E ao recolher a casa, êle exclamava irado :

«E por causa do cão perdi o meu tesouro!

Andava bem melhor se o tenho envenenado!...

Maldito seja o cão!... Dava montanhas de ouro,

Dava a riqueza, a glória, a existência, o futuro,

Para tornar a ver o precioso objecto,

Dôce recordação daquele amor tão puro.»

E deitou-se nervoso, alucinado, inquieto.

Não podia dormir.

Ao nascer da manhã o vívido clarão

Sentiu bater à porta! Ergueu-se e foi abrir.

Recuou cheio de espanto: era o Fiel, o cão,

Que voltava arquejante, exânime, encharcado,

A tremer e a uivar, no último estertor,

Caindo-lhe da bôca, ao tombar fulminado,

O gorro do pintor!



V

A LÁGRIMA

1888



## A LÁGRIMA

Manhã de junho ardente. Uma encosta escavada,  
Sêca, deserta e nua, à beira d'uma estrada.

Terra ingrata, onde a urze a custo desabrocha,  
Bebendo o sol, comendo o pó, mordendo a rocha.

Sôbre uma fôlha hostil duma figueira brava,  
Mendiga que se nutre a pedregulho e lava,

A aurora desprende, compassiva e divina,  
Uma lágrima etérea, enorme e cristalina.

Lágrima tão ideal, tão límpida, que ao vê-la,  
De perto era um diamante e de longe uma estrêla.

Passa um rei com o seu cortejo de espavento,  
Elmos, lanças, clarins, trinta pendões ao vento.

— «No meu diadema, disse o rei, quedando a olhar,  
Há safiras sem conta e brilhantes sem par.

«Há rubins orientais, sangrentos e doirados,  
Como beijos d'amor, a arder, cristalizados.

«Há pérolas que são gotas de mágua imensa,  
Que a lua chora e verte, e o mar gela e condensa.

«Pois, brilhantes, rubins e pérolas de Ofir  
Tudo isso eu dou, e vem, ó lágrima, fulgir

«Nesta c'roa orgulhosa, olímpica, suprema,  
Vendo o Globo a teus pés do alto do teu diadema!»

E a lágrima celeste, ingénua e luminosa,  
Ouviu, sorriu, tremeu, e ficou silenciosa.



Couraçado de ferro, épico e deslumbrante,  
Passa no seu ginete um cavaleiro andante.

E o cavaleiro diz á lágrima irisada :

«Vem brilhar por Jesus, na cruz da minha espada!

«Far-te hei relampejar, de vitória em vitória,  
Na terra Santa, à luz da Fé, ao sol da Glória!

«E à volta há-de guardar-te a minha noiva, ó astro.  
Em seu colo auroreal de rosa e de alabastro.

«E assim alumiarás com teu vivo esplendor  
Mil combates de heróis e mil sonhos d'amor!»

E a lágrima celeste, ingénua e luminosa,  
Ouviu, sorriu, tremeu e ficou silenciosa.



Montado numa mula escura, de caminho,  
Passa um velho judeu, avarento e mesquinho.

Mulas de carga atrás levavam-lhe o tesouro:  
Grandes arcas de cedro, abarrotadas d'ouro.

E o velhinho andrajoso e magro como um junco,  
O crânio calvo, o olhar febril, o bico adunco,

Vendo a estrela, exclamou: «Oh Deus, que maravilha!  
Como ela resplandece, e tremeluz, e brilha!

«Com meu ouro em montão podiam-se comprar  
Os impérios dos reis e os navios do mar,

«E por esse diamante esplêndido trocara  
Todo o meu ouro imenso a minha mão avara!»

E a lágrima celeste, ingénua e luminosa,  
Ouviu, sorriu, tremeu, e ficou silenciosa.



Debaixo da figueira, então, um cardo agreste,  
Já ressequido, disse à lágrima celeste:

«A terra onde o lilaz e a balsamina medra  
Para mim teve sempre um coração de pedra.

«Se a queixar-me, ergo ao céu os braços por acaso,  
O céu manda-me em paga o fogo em que me abraso.

«Nunca junto de mim, ulcerado de espinhos,  
Ouvi trinar, gorjear a música dos ninhos.

«Nunca junto de mim ranchos de namoradas  
Debandaram, cantando, em noites estreladas...

«Voa a ave no azul e passa longe o amor,  
Porque aí! Nunca dei sombra e nunca tive flor!...

Ó lágrima de Deus, ó astro, ó gota d'água,  
Cai na desolação desta infinita mágoa!»

E a lágrima celeste, ingénua e luminosa,  
Tremeu, tremeu, tremeu... e caiu silenciosa!...



E algum tempo depois o triste cardo exangue,  
Reverdecendo, dava uma flor côr de sangue,

Dum roxo macerado, e dorido, e desfeito,  
Como as chagas que tem Nosso Senhor no peito...

E ao cálix virginal da pobre flor vermelha  
Ia buscar, zumbindo, o mel doirado a abelha!...

25 de Março de 1888.

VI

FINIS PATRIAE

1890



## FALAM CHOU PANAS DE CAMPONESES

Pulula a infância na pobreza! ...  
Campos maninhos! ...  
E os berços cheios... Que tristeza!  
¿ Como é que Deus seca a devesa,  
Fazendo os ninhos?!

Vento, ¿ porque é que nos arrasas  
Num turbilhão?!  
Na enxerga fria tremem asas,  
No lar extinto faltam brasas,  
Nas arcas negras não há pão!

O gado é morto, a seara é morta,  
Morta a alegria.  
O sol requeima, a geada corta ...  
Anda um fantasma à nossa porta  
De noite e dia ...

Cadela tísica, sem dentes,  
Vesgo animal,  
A fome d'olhos reluzentes

Uiva, chorando como os doentes  
Num hospital...

Dobram os sinos, dobram os sinos...  
Luto agoireiro!...  
Enterram velhos e meninos...  
Dobram os sinos, dobram os sinos...  
Canta o coveiro!

Canta o coveiro e canta o cura...  
Canto funéreo!  
Pobres! dormi na sepultura,  
Que a vossa cama é menos dura  
No cemitério!

Dormi, dormi!... sono d'arminho,  
Reparador!  
O catre é bom: tábuas de pinho...  
Não precisais lençóis de linho,  
Nem cobertor!...

Dormi, ó mortos de cansaço,  
Dormi, dormi na cama nova!  
Os astros choram pelo espaço...  
Bem-dita a enxada, mais o braço  
Que ao cavador abriu a cova!

Olhai, olhai, vão em manadas  
Os emigrantes...  
Uivos de dó pelas estradas,  
Junto dos cais, nas amuradas  
Das naus distantes...

Velhinhas, noivas e crianças,  
    Senhor! Senhor!  
Ao voar das últimas esp'ranças  
Crispam as mãos, mordendo as tranças,  
    Loucas de dôr!

Lá vão levados, vão levados,  
    Pelo alto mar ...  
Adeus, ó noites nos eirados ...  
Adeus, ó beijos perfumados,  
Beijos d'Agosto à luz do luar! ...

Adeus, divinos horizontes,  
Inda a cantar nos olhos seus!  
Adeus, manhãs doirando os montes!  
Erva do campo, água das fontes,  
    P'ra sempre ... adeus!

Lá vão levados, mar sem fundo,  
Longe das noivas e dos pais! ...  
Terras, Jesus! nos fins do mundo ...  
¿ Voltarão? ... ¿ Quando, mar profundo?  
    Jàmais! Jàmais!

Morreu a vinha, não dá uvas ...  
É morto o velho camponês ...  
Pedras levadas pelas chuvas ...  
Teto a cair ... Órfãs e viúvas,  
    Luto e nudez!

## FALAM POCILGAS DE OPERÁRIOS

Crianças rôtas, sem abrigo ...  
A enxêrga é pobre e a roupa é leve ...  
Quarto sem luz, mesa sem trigo ...  
¿ Quem é que bate ao meu postigo?  
- A Neve!

A usura rouba a luz e o ar  
E o negro pão que a gente come ...  
Inverno vil ... Parou o tear ...  
¿ Quem vem sentar-se no meu lar?  
- A Fome!

Lume apagado e o berço em pranto  
Na terra húmida, Senhor!  
A mãe sem leite ... o pai a um canto ...  
¿ Quem vem além, torva de espanto?  
- A Dor!

Alcool! Veneno que conforta,  
Monstro satânico e sublime! ...

Beber! beber... e a mágoa é morta!...

¿ Quem é que espreita à nossa porta?

— O Crime!

Doze anos já, e semi-nua!

A mãe, ¿ que é dela?... O pai no officio...!

Corpo em botão de aurora e lua!...

¿ Quem canta além naquela rua?

— O Vício!

A fome e o frio, a dor e a usura,

O vício e o crime... ignóbil sorte!

Oh vida negra! Oh vida dura!...

Deus! ¿ quem consola a Desventura?

— A Morte!

## FALAM CASEBRES DE PESCADORES

Mar pavoroso, mar tenebroso,  
Profundo mar!  
Fúrias eternas, fúrias eternas...  
Nas ondas negras há cavernas  
Com monstros verdes a ulular...

Mar soluçante, mar trovejante,  
Nocturno mar!  
Ventos e frios, ventos e frios...  
Nas ondas torvas há navios  
Com marinheiros a cantar...

Mar de tormenta, mar que rebenta,  
Convulso mar!  
Noites inteiras, noites inteiras  
Nas praias tristes há lareiras  
Com mães e noivas a rezar...

Mar vagabundo, mar furibundo,  
Soturno mar!  
Ais e tumultos, ais e tumultos...

---

Nas ondas roucas andam vultos  
De marinheiros a boiar...

Mar infinito, mar infinito,  
Maldito mar!  
Noite e procelas, noite e procelas...  
Entre lençóis, restos de velas,  
Há órfãozinhos a chorar!...

## FALAM CONDENADOS

Faminto, nú, sem mãe, sem leito.

Roubei um pão.

¿ Quem vai além de farda e de gran-cruz ao peito?

— Um ladrão!

Todos os crimes da Desgraça

Em mim reúno.

¿ Quem vai além, tirado a parelhas de raça?

— Um gatuno!

Pela miséria crapulosa,

Eu fui traído.

Que esplêndido palácio em festa! ¿ Quem o goza?

— Um bandido!

Viola, seduz, furta, assassina,

Milhão! És rei!

¿ Que prostituta está cantando àquela esquina?

— A Lei!

## FALAM AS ESCOLAS EM RUÍNAS

A alma da infância é um passarinho ...  
Gorgeia o ninho e a escola chora:  
Na infância cai a noite; e o ninho  
Tem sôbre as plúmulas d'arminho  
A aurora.

A alma da infância é flor mimosa ...  
A escola é triste e a flor vermelha:  
Na escola paira a c'ruja odiosa;  
E sôbre o cálice da rosa  
A abelha.

Tu fazes, Pátria, as almas cegas,  
Prendendo a infância num covil.  
Aves não cantam nas adegas;  
Se a infância é flor, ¿porque lhe negas  
Abril?!

## A' MOCIDADE DAS ESCOLAS

Por terra, a túnica em pedaços,  
Agonizando a Pátria está.  
Ó Mocidade, oiço os teus passos! ...  
Beija-a na frente, ergue-a nos braços,  
Não morrerá!

Com sete lanças os traidores  
A trespassaram, vêde lá! ...  
Ó Mocidade! unge-lhe as dores,  
Beija-a nas mãos, cobre-a de flores,  
Não morrerá!

Turba de escravos libertina  
Nem ouve os gritos que ela dá ...  
Ó Mocidade, ó louca heroína,  
Pega na espada, arma a clavina,  
Não morrerá!

Já desfalece, já descora,  
Já balbucia ... é morta já ...  
Não! Mocidade, sem demora!  
Dá-lhe o teu sangue ébrio d'aurora,  
    Não morrerá!

Rasga o teu peito sem cautela,  
Dá-lhe o teu sangue todo, vá!  
Ó Mocidade heróica e bela,  
Morre a cantar! ... morre ... Porque ela  
    Reviverá!

## A' INGLATERRA

Ó cínica Inglaterra, ó bêbeda impudente.  
¿Que tens levado, tu, ao negro e à escravidão?  
Chitas e hipocrisia, evangelho e aguardente,  
Repartindo por todo o Escuro Continente  
A mortalha de Cristo em tangas d'algodão.

Vendes o amor ao metro e a caridade às jardas,  
E trocas o teu Deus a borracha e marfim,  
Reduzindo-lhe o lenho a cronhas d'espingardas,  
Convertendo-lhe o corpo em pólvora e bombardas,  
Transformando-lhe o sangue em água-raz e em gim! (1)

Teus apóstolos vão, prostituta devassa,  
Com o fim de levar os negros para o céu,

---

(1) Grafia nacionalizada do vocábulo inglês *gin*, abreviatura de *gineva* = *genebra*, aguardente de cereais, perfumada com *símbo* ou *junípero* (Lat. *juniperus*).

Desde o Zaire ao Zambeze e desde o Cabo ao Niassa,  
apertando a Impiedade em Jordões de cachaça,  
mostrando-lhe o teu Deus na tua hóstia — o guinéu!

honra para ti é inútil bugiganga.  
O teu pudor é como um Matabel sem tanga,  
monstruoso ladrão, bárbaro traficante;  
compras a alma ao negro a genebra e missanga,  
vendendo-lhe a tua bíblia a queixais de elefante.

tu bíblia! o teu Cristo!... A tua bíblia é uma agenda  
em que a virtude heróica a cifras se reduz.  
O teu Cristo londrino é um Deus de compra e venda,  
deus que ressuscitou para abrir uma tenda  
de cortiça, carvão, álcool e panos crus!

Na estrada da História, ó milhafre daninho,  
vai um povo seguindo o seu norte polar,  
tu és o ladrão que lhe sais ao caminho,  
com a manha do lobo e a coragem do vinho,  
roubar-lhe os anéis para o deixar passar!

Quando espreitas o fraco, apontas a clavina;  
quando avistas o forte envergas a libré...  
tu tua mão ora pede esmola, ora assassina...  
O teu orgulho covarde é, meu Bayard d'esquina,  
como um tigre de rasto e um capacho de pé!



vê a luz do sol este atentado imenso!  
fica o monstro impune! e o bandoleiro a rir!  
não estala um ai de dôr em cada peito!  
não submerge o monstro a cólera do mar!  
a terra continua em seu giro perfeito! ...  
quimera, ó tristeza, ó Justiça, ó Direito! ...  
Providência! ¿ onde estás? ... que te quero insultar!

\* \* \*

vão-de um dia as nações, como hienas dementes,  
teu império rasgar em feroz convulsão ...  
no torvo halali, dando saltos ardentes,  
com a baba da raiva esfervendo entre os dentes,  
bramir, levará cada qual seu quinhão!

tu ficarás só na tua ilha normanda  
com teus barões feudais e teus mendigos nus:  
devorará teu peito um cancro aceso, a Irlanda,  
a tua carne has-de vê-la, ó meretriz nefanda,  
odo amassado em sangue, oiro amassado em pus!

assim como brutais monstros de pesadelo,  
do soturno porão duma nau sem ninguém,  
entre nuvens de fogo e temporais de gelo,  
de bombordo a estibordo a rolar num novelo,  
desabando e rugindo, aos montões, num vaivém,

Se estrangulam febris, roucos, dilacerantes,  
As pupilas a arder em brasas infernais,  
Panteras contra leões, ursos contra elefantes,  
Cobras em redemoinho, a silvar dardejantes,  
Búfalos escornando os tigres e os chacais:

Assim vós, assim vós, dura raça assassina,  
Sobre essa nau de pedra onde o mar vai bater,  
Vos estrangulareis, numa carnificina  
De que só ficará, sob a densa neblina,  
Num pântano de sangue uma Gomorra a arder! . . .

Milhões, milhões, milhões de bôcas esfaimadas  
Hão-de dilacerar-te o corpo com furor,  
E a pedra a dinamite, e a carne a punhaladas,  
Hão-de tombar no mesmo escombros ensangüentadas,  
Em baques de hecatombe e blasfêmias de dôr! . . .

Hão-de os lordes rolar em postas no Tamisa!  
Há-de o corpo de um rei dar um banquete a um cão!  
Teu solo há-de tremer como uma pitonisa,  
E a canalha sem lei, sem Deus e sem camisa  
Abrirá teu bandulho infecto, ó Deus Milhão!

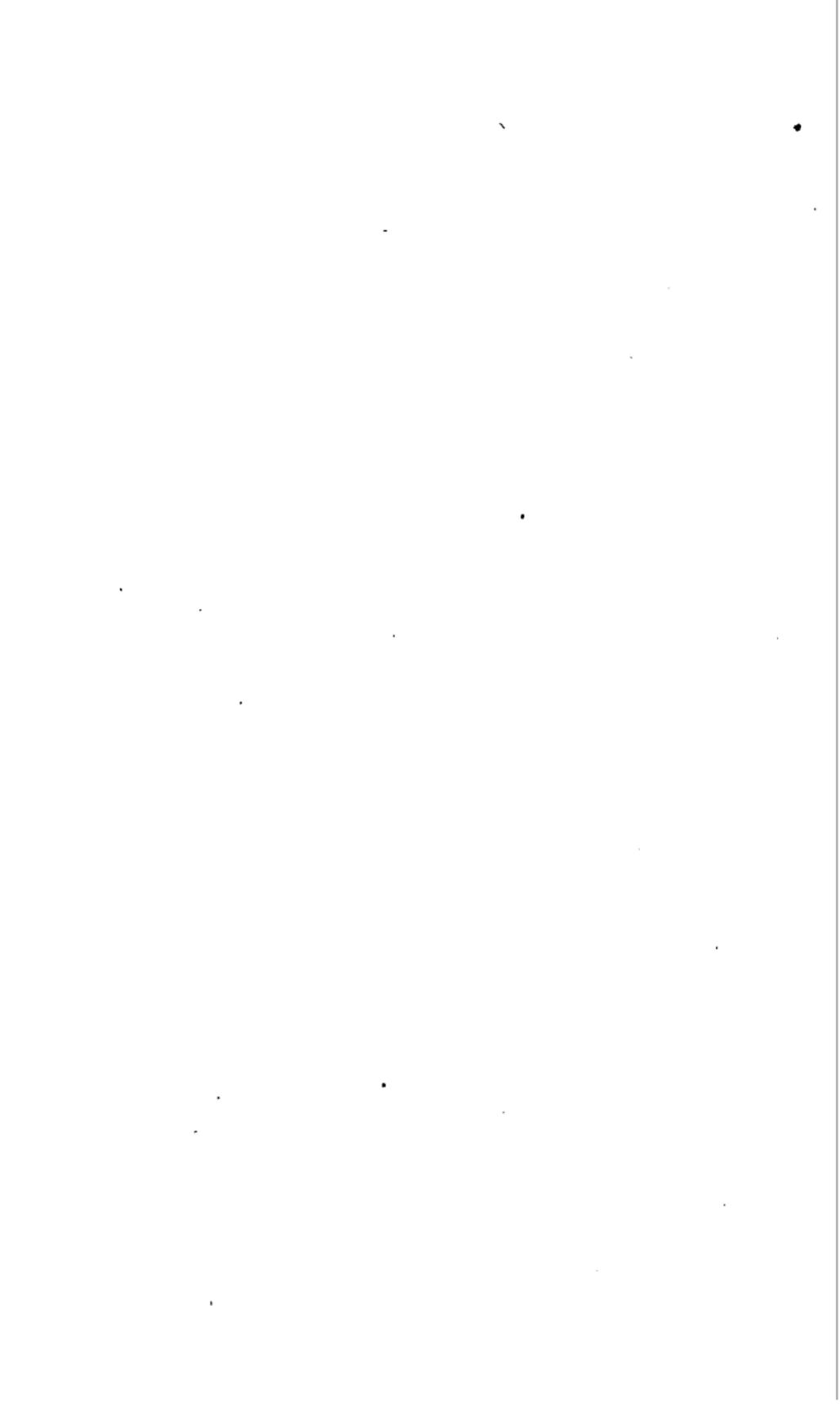
Bancos, docas, prisões, arsenais, monumentos,  
Tudo rebentará em cacos pelo ar! . . .  
E ao soturno fragor de teus finais lamentos  
Responderão — ladrando! — as cóleras dos ventos!  
Responderão — cuspindo! — os vagalhões do mar!

Fevereiro de 1890.

VII

PÁTRIA

1891



## O DOIDO

Um doido, personificação de Portugal decadente, aparece às noites a cantar baladas sem nexo junto às janelas do Paço. *Astrologus*, o ministro, explica ao rei quem é esse fantasma que o assusta:

A. G.

Não perdi a razão, nem gracejo...

¿Acaso, meu Senhor, não vêdes, como eu vejo,  
Neste gigante, em seu aspecto e seu fadário,  
O quer que seja de extra-humano e de lendário?  
Maior que nós, simples mortais, este gigante  
Foi da glória dum povo o semideus radiante.  
Cavaleiro e pastor, lavrador e soldado,  
Seu torrão dilatou, inóspito montado,  
Numa Pátria... E que Pátria! a mais formosa e linda  
Que ondas do mar e luz do luar viram ainda!  
Campos claros de milho moço e trigo loiro,  
Hortas a rir, vergéis noivando em frutos d'ouro,  
Trilos de rouxinóis, revoadas de andorinhas,

Nos vinhedos, pombais; nos montes, ermidinhas;  
Gados nédios, colinas brancas, olorosas,  
Cheiro de sol, cheiro de mel, cheiro de rosas,  
Selvas fundas, nevados píncaros, outeiros  
D'olivais, por nogais frutas de pegureiros,  
Rios, noras gemendo, azenhas nas levadas,  
Eiras de sonho, grutas de génios e de fadas.  
Riso, abundância, amor, concórdia, juventude,  
E entre a harmonia vergiliana um povo rude,  
Um povo montanhês e heróico à beira-mar,  
Sob a graça de Deus a cantar e a lavar! . . .  
Pátria feita lavrando e batalhando: Aldeias  
Conchegadinhas sempre ao torreão de ameias.  
Cada vila um castelo. As cidades, defesas  
Por muralhas, bastiões, barbacãs, fortalezas.  
E a dar a fé, a dar vigor, a dar o alento,  
Grimpas de catedrais, zimbórios de convento,  
Campanários de igreja humilde, erguendo à luz,  
Num abraço infinito, os dois braços da cruz!  
E êle, o herói imortal duma empresa tamanha,  
Em seu tugúriozinho alegre na montanha  
Simples vivia, — paz grandiosa, augusta e mansa,  
Sob o burel, o arnês; junto do arado, a lança.  
Ao pálido esplendor do Ocaso na arribana,  
Di-lo-feis, sentado à porta da choupana,  
Ermitão misterioso, extático vidente,  
Olhos no mar, a olhar sonambúlicamente . . .

— «Águas sem fim! ondas sem fim! . . . Que mundos novos  
«De estranhas plantas e animais, de estranhos povos,  
«Ilhas verdes além . . . para além dessa bruma,

«Diademadas de aurora, embaladas de espuma!...  
«Oh, quem fôra, através de ventos e procelas,  
«Numa barca ligeira, ao vento abrindo as velas,  
«A demandar as ilhas d'oiro fulgurantes,  
«Onde sonham anões, onde vivem gigantes,  
«Onde há topázios e esmeraldas a granel;  
«Noites de Olimpo e beijos d'âmbar e de mel!»

E scismava e scismava... As nuvens eram frotas,  
Navegando em silêncio a paragens ignotas...  
- «Ir com elas... fugir... fugir!...» - *Ūa* (1) *manhã*,  
Louco, machado em punho, a golpes de titã,  
Abateu impiedoso o roble familiar,  
Há mil anos guardando o colmo do seu lar.  
Fêz do tronco num dia uma barca veleira,  
Um anjo à proa, a cruz de Cristo na bandeira...  
Manhã d'heróis... levantou ferro... e, visionário,  
Sôbre as águas de Deus foi cumprir seu fadário.  
Multidões, acudindo, ululavam de espanto.  
Velhos de barbas centenárias, rosto em pranto,  
Braços hirtos de dor, chamavam-no... Jâmais!  
Não voltaria mais!... oh, jâmais... nunca mais!...  
E a barquinha, galgando a vastidão imensa,  
la como encantada e levada suspensa  
Para a quimera astral, a músicas de Orfeus...  
O seu rumo era a luz, seu piloto era Deus!

---

(1) Mantemos a grafia arcaica de *uma*, empregada talvez pelo Poeta para evitar o cacófono *UMA MANHÃ*. Quem não gostar, como nós não gostamos, poderá substituir na recitação *ũa* por *certa*.

Anos depois, volvia à mesma praia, em-fim,  
Uma galera d'oiro, e ébano, e marfim,  
Atulhando, a estoirar, o profundo porão  
Diamantes de Golconda e rubins de Ceilão.  
Náiades, e tritões, e ninfas, ao de leve,  
Moviam-na a cantar sôbre espáduas de neve.  
No estandarte, uma cruz esquartelando a esfera;  
E Vénus, voluptuosa, à proa da galera  
Com o anjo cristão, virgem risonha e nua,  
À mamar alvorada em seus peitos de lua! ...  
O argonauta imortal, quimérico gigante,  
Voltava dos confins da epopeia radiante,  
Extasiados ainda os olhos vagabundos  
D'astros de novos céus, floras de novos mundos!

Epopeia inaudita! Herói, êle a viveu,  
Sonhador, a cantou: Éschilo e Prometeu!  
Inda em hinos de bronze, em estrofes marmóreas  
Vibra eterno o clangor dessas passadas glórias ...  
Mas a glória entontece e mata ... Deslumbrado,  
Trocou por armas d'oiro as armas de soldado,  
Vestiu veludo, e sêda, e lhamas rutilantes,  
Estrelou de rubins, aljôfares, diamantes  
Sua espada de côrte e seu gibão de gala;  
E em vez do catre duro e o pão negro de rala,  
As molezas do Oriente e as orgias faustosas,  
Com baixelas de Olimpo e emanações de rosas ...  
Perdida a antiga fé, morta a virtude antiga,  
Seu ânimo d'herói, caldeado na fadiga  
De mil empresas, mil combates de titãs,

Domaram-no por fim braços de cortesãs.  
Com o ferro vencera o oiro; em desagravo,  
O oiro, que é mau, venceu-o a êl', tornando-o escravo.  
Ingrato, abandonara o teto paternal,  
Em cuja mesa, à ceia aldeã, herói frugal,  
Eram de sua estreme e rústica lavoira  
O pão moreno, o vinho claro e a fruta loira...  
Deixou morrer o armento; e campos, e vinhedos,  
Cobriram-se de tojo, ortigas e silvedos.  
Em seus castelos e palácios rendilhados,  
Sôbre leitos de arminho, e veludo, e brocados,  
Entre beijos de harém e pompas de rajá,  
Desfalecera o velho herói, caduco já.  
Mas era bravo ainda, e por vezes, nas veias,  
Acordava-lhe o sangue, alvorando epopeias...  
Num ímpeto de febre, aceso, arrebatado  
Na visão deslumbrante e fulva do passado,  
Ergueu-se um dia, louco e triste, alma quimérica,  
Olhos em brasa a arder na face cadavérica...  
Aparelhou galeões, velas brancas arfantes,  
Cavaleiros aos mil, juvenis e brilhantes,  
Galopando a cantar, descuidados e ledos,  
Lanças na mão, a pluma ao vento, anéis nos dedos,  
Cada bôca uma flor, cada arma um tesoiro,  
Rodelas d'oiro, arnezes d'oiro, espadas d'oiro,  
Pedrarias astrais em setins e em veludos,  
Drapejar de pendões, reverberos de escudos,  
E as trombetas varando o céu leve de anil  
Co'o estridente clangor do seu furor febril!...  
E, olhos em brasa a arder na face cadavérica,  
Lá partiu, lá partiu, alma errante e quimérica,

À epopeia da glória, ao sonho aventureiro,  
Ao sonho lindo . . .

Oh, sonho triste, o derradeiro! . . .

Num mar d'areia, fogo em pó turbilhando,  
Sob o vitríolo da luz redardejando,  
Entre as carnagens do combate desvairado,  
Já trucidado, espotejado, aniquilado  
Seu exército louco, — oh sonho louco e vão! —  
O calmo herói, noite no olhar, gládio na mão,  
Negro de fumo e pó, rubro de chama e sangue,  
Os ilhais estoirando ao seu corcel exangue,  
Arrojou-se, como um destino, erecto e forte,  
À sangrenta hecatombe, à paz de Deus, à morte!  
E a morte não no quis: exânime e desfeito,  
De lançadas crivado o arnez, crivado o peito,  
Sob o corcel tombou, por milagre inã vivo!  
Levaram-no depois sem acôrdo e cativo.  
Meio século preso e débil . . . De repente,  
Num assomo de fúria e de cólera ardente,  
Partiu grilhões, abriu o ergástulo fatal  
E voltou livre, livre! ao seu torrão natal! . . .

Mas então, oh tristeza, oh desonra, oh desgraça!  
Feras do mesmo sangue, homens da mesma raça  
Envenenaram-no! . . .

O REI

Deixa ouvir!

E quem foi? . . . e quem foi? . . .

ASTROLOGUS, *embaraçado e perplexo:*

Quem foi?... Mistério obscuro... enigma que se esconde..

Já li sôbre isso, não sei quando, nem sei onde,

Uma lenda qualquer...

Mas nesse ponto, meu Senhor, a história... é muda!...

Envenenaram-no, eis o facto, eis a verdade.

E às escuras, extinta a imortal claridade;

Louco autómató errante, alma cega e funérea,

Veio andando através do tempo e da miséria,

Mendigo como um cão e mártir como um Cristo,

Até chegar, meu Deus, vergonha eterna! a isto!!...

Vêde-o bem, vêde-o bem, o rude herói d'outrora:

Teve o mundo nas mãos; nos olhos d'águia, a aurora,

E hoje, oh destino atroz! sem amparo e sem lar,

Tem andrajos no corpo e escuridões no olhar!...

Não no mandeis prender, eu v'-lo peço e requeiro!

É inofensivo... é manso e bom como um cordeiro...

¿Causam-vos mêdo, porventura, umas baladas

Que anda à noite a cantar, canções d'almas penadas?...

É a doidice, hórrida e má, que tumultua

Ou nas voltas do tempo, ou nas fases da lua...

Não afronta ninguém... Deixem-no ir, coitado!

Deixem-no com seu mal e seu negro cuidado,

A trovar pelo escuro e a viver pelos montes

De luz do sol, d'erva do campo e água das fontes...

.....

Traz um livro na mão, reparai bem, Senhor:

Um livro usado, um livro gasto e sem valor...

Sem valor?!... Um tesoiro, uma história de encanto,

Que ele escreveu com sangue e hoje rega com pranto ...  
Não a larga da mão, anda-lhe tão afeito,  
Que até dorme com ela escondida no peito ...  
Mas que miséria a sua e que destino o seu!  
Quer ler ... e não soletra o livro que escreveu!  
Muitas vezes, de tarde, encontro-o a meditar  
Sobre rocha escarpada e nua à beira-mar ...  
Pega no livro então, abre-o sôfregamente,  
E fica olhando, olhando, atônito e demente,  
A epopeia d'outrora, a bíblia do passado,  
Que lágrimas de fogo em se'los tem queimado ...  
Mas ai! ¿que serve olhar, se os olhos são janelas,  
E se a alma é quem vê, quem espreita por elas? ...  
Fica a olhar ... fica a olhar, hesitante e perplexo,  
Balbucia, articula umas coisas sem nexos,  
E, por fim, taciturno e torvo, aniquilado,  
Como quem vislumbreia, horror!, o seu estado,  
Fita as nuvens do azul ... fita as ondas do mar ...  
E desata, em silêncio, a chorar! ... a chorar! ...  
E depois vem a noite ... e ali dorme ao relento,  
Desamparado, abandonado, ao frio, ao vento,  
Té que algum pescador, de manhã, pela mão  
O recolha ao seu lar e lhe dê do seu pão! ...

## PARAÍSO COSMOPOLITA

... E no em-tanto o país, meu Senhor,  
É uma beleza! uma beleza! Encantador! ...  
Trinta portos ideais, um céu azul marinho,  
A melhor fruta, a melhor caça, o melhor vinho,  
Balsâmicos vergeis, serranias frondosas,  
Clima primaveral de mandriões e rosas,  
Uma beleza! ¿Que lhe falta? Únicamente  
Diro, vida, alegria, outro povo, outra gente.  
Raça estúpida e má, que por fortuna agora  
Forna habitável êste encanto ... indo-se embora!  
Deixe morrer, deixe emigrar, deixe estostrar:  
Dois boqueirões de esgôto, — o cemitério e o mar ...  
Que precisamos nós? Libras! libras, dinheiro!  
Libras d'oiro a luzir! Onde as há? No estrangeiro?  
Muito bem; o remédio é claríssimo, é visto:  
Obrigar o estrangeiro a tomar conta d'isto.  
Impérios d'além-mar, alquilam-se, ou então,  
Sorteados, — em rifa, ou à praça, — em leilão.  
E o Continente, é dá-lo a um banqueiro judeu,  
Para um casino-monstro e um bordel europeu ...  
Fazer desta cloaca, onde a miséria habita,

Um paraíso por acções, — cosmopolita.  
Dar jôgo ao mundo, ao globo! uma banca tremenda!  
Calculo eu daí uns mil milhões de renda.  
O comércio, dez mil... O trânsito, sem conta...  
Cifras, Senhor, de pôr uma cabeça tonta!  
De minuto a minuto, expressos e vapores,  
Sempre a golfar carregações de jogadores,  
Montões de malas, sacos d'oiro, libras, luíses!  
Nuvens de cortesãs, dançarinas e actrizes,  
Equipagens, *Barnums* (1), *touristes*, saltimbancos,  
Vinte raças, — mongóis, negros, mestiços, brancos,  
Um ruidoso vaivém humano que circula,  
Todo fausto, esplendor, alta luxúria e gula,  
O mylord, o nababo, a Rússia, a Índia, a América,  
Numa promiscuidade esplêndida e quimérica!...  
E todo êste país, Éden de regabofe,  
Iluminado à noite a faróis Jablokoff!...  
Que maravilha! que surpresa! que grandeza!  
E que tesoiros nesta rica natureza,  
Cultivando-a a primor! Em lugar d'erva e searas,  
Plantas de luxo: coisas finas, coisas caras...  
Eu imagino, (dando os máximos descontos)  
Que o Reino lucrará uns trezentos mil contos,  
Sómente a produzir, ao ar livre e em estufas,  
Ananazes, faisões, ópio, champagne e trufas!

---

(1) O apelido de *Barnum* (Phineas Taylor Barnum, 1810-1891, era um célebre charlatão e empresário de circos norte-americano) tornou-se substantivo comum e serve para designar qualquer explorador da pasmaçeira humana, perito na arte de atrair multidões por meio do reclamo descabelado.

## FALA O DOIDO, NA ESCURIDÃO

Ao luzir d'alva semeiei de flores  
Uma encosta deserta ao pé do mar:  
Cravos, lírios, jasmims, goivos, amores,  
Açucenas e rosas de tocar.  
Ao redor, vinha verde e trepadeiras,  
Medronheiros, figueiras, romanzeiras...  
Lindo jardim! Lindo pomar!  
Como no monte não havia fonte,  
Desatei a chorar para o regar...  
Depois, oh meus feitiços!  
Enchi de abelhas d'oiro cem cortiços  
E dez pombais com pombas de luar...  
Olha o lindo jardim!... olha o lindo pomar!...  
E enxada ao ombro — já raiava a aurora —  
Abalei a cantar!...  
Foi há mil anos... Venho mesmo agora  
De ver a linda encosta à beira-mar...  
Lindo jardim! lindo pomar!  
As açucenas deram-me gangrênas  
E os jasmims podridões a fermentar!...  
Os cravos deram cravos... mas de cruzeis!

E as roseiras, espinhos de tocar ...  
 Sôbre as ervas no chão crepitam luzes,  
 Fogos fátuos de larvas a bailar ...  
 Só dos goivos, Senhor, brotaram goivos,  
 Destilando loucura e rosalgar ...  
 Olha o lindo jardim! olha o lindo pomar!  
 Os figos das figueiras são caveiras  
 E os medronhos são balas de matar ...  
 Oh, que lindas romãs nas romanzeiras!  
 Corações fusilados a sangrar! ...  
 Inda bem, que em vez d'uvas nas videiras  
 Há rosários de dor para eu rezar ...  
 Olha o lindo jardim! olha o lindo pomar!  
 De dentro dos cortiços, que feitiços!  
 Voam corvos e c'rujas pelo ar ...  
 E dos pombais, aos centos,  
 Nuvens de abutres agoirentos,  
 Que sôbre as romanzeiras vão poisar! ...  
 Olha o lindo jardim! olha o lindo pomar!

.....  
 .....  
 É de encantar a natureza! ... ai que beleza!  
 Quantas florinhas para a minha mesa! ...  
 Deus, quanta fruta para o meu jantar! ...  
 Lindo jardim ... lindo pomar! ...

\*  
 \* \*

· A fome e a Dor escaveiradas  
 Ululam roucas nas estradas,  
 Irmãs sinistras de mãos dadas ...

Misericórdia! Misericórdia!  
Na escuridão, entre lufadas,  
Que pavorosas debandadas  
De multidões desordenadas! ...  
Misericórdia! Misericórdia!  
Turbas gemendo esfarrapadas,  
Por ventanias e nevadas,  
Filhos ao colo, ao ombro enxadas,  
Sem luz, sem pão e sem moradas! ...  
Misericórdia! Misericórdia!  
E em salas d'oiro, iluminadas,  
Há beijos, risos, gargalhadas ...  
Misericórdia! Misericórdia!  
E, por outeiros e quebradas,  
Tombam choupanas arruinadas ...  
Mortas ... desfeitas em ossadas ...  
Misericórdia! Misericórdia! Misericórdia!

## FALA O ESPECTRO DE NUN'ÁLVARES

Oh, miseranda, lastimosa sorte,  
A dêste coração desbaratado,  
Que outrora se julgou tão puro e forte!

Deu com êle a gangrêna do pecado,  
Qual um bicho escondido, que apodrece  
Um deleitoso fruto embalsamado.

Nada valem tenções, nem vale a prece:  
E' das obras que vem à criatura  
O galardão e a pena que merece.

Não acuso de ingrata a sorte dura:  
Volvo-me contra mim unicamente,  
Em meu desassossêgo e má ventura.

Tamanino inda eu era, inda inocente,  
Alma cândida e pura, como a rosa  
Aberta junto d'água ao sol nascente,

Quando uma noite, uma visão fermosa  
Me aparece e me diz com voz divina,  
Ao mesmo tempo clara e misteriosa:

"Li numa estrêla d'oiro a vária sina  
Que a esforçadas, magnânimas emprêsas  
E a feitos não obrados te destina.

"Mas ¿ que valem altíssimas grandezas?  
Mas que valem as pompas e as vitórias,  
Se a mundano desejo andarem presas?!

"Só da fé, só do bem quedam memórias;  
Tudo mais é poeira: um vão ruído,  
Uns tumultos de sombras ilusórias...

"Cavaleiroso coração ardido  
A grande termo levará seus feitos,  
Quando ponha em Jesus alma e sentido.

"Melhor que duro arnês, defendem peitos  
Virtude adamantina e graça clara,  
Com que Deus abroquela os seus eleitos.

"Sê casto como a luz beijando a seara,  
Firme qual entre as ondas o rochedo,  
Manso como ovelhinha em pedra d'ara.

"E, como o sol d'Abril veste o arvoredos,  
D'armas resplandecentes vestirás  
O teu corpo d'herói, viçoso e ledos.

"Só pela Pátria e Deus batalharás.  
De tua larga mão caíam na terra,  
Num gesto grande, a beatitude e a paz.

"Seja neve dos píncaros da serra  
Teu limpo coração, bondoso e humano,  
Quer na tranqüilidade, quer na guerra.

"A tirania ao fim pune o tirano.  
Contra o injusto volta-se a injustiça,  
E a maldade é aos maus que faz o dano.

"Arreda para longe ódio e cobiça;  
Contra fero inimigo, um bravo alento,  
Contra amargura e dor, alma submissa.

"Viva dentro da carne o pensamento  
Na pureza da virgem, confinada  
Dentro da cela branca dum convento.

"E a carne exultará transfigurada,  
Qual a nuvem escura em céu ligeiro,  
Em lhe batendo a luz da madrugada.

"De tal guisa, vencendo-te primeiro,  
A todos vencerás como um leão,  
Formidável e nobre cavaleiro.

"E de Cristo e da Pátria em defesa  
Brilhará tua lança como um raio,  
Mandarás tua voz como um trovão!..

Assim falou (se me abalou, julgai-o!)  
A graciosa visão, que se desfez  
Pouco a pouco em suavíssimo desmaio.

\*  
\*   \*  
\*

Donzel eu era já, quando outra vez  
As mesmas falas ela, de improviso,  
Me repete co'a mesma candidez.

Todo cheio de lágrimas e riso,  
Num enlévo quedei, numa ansiedade,  
Mais que da terra já, do Paraíso.

E à celeste, benéfica deidade  
Jurei suas razões maravilhosas  
Puramente cumprir e de vontade.

Jurei que nunca minhas mãos culposas  
Mulher manceba haviam de tocar,  
Feita que fôra de luar e rosas,

Jurei, unido em Cristo à luz do altar,  
Pôr batalha de morte a meus desejos  
E meus vícios da carne assossegar.

Anos do mundo, breves ou sobejos,  
Fadigações da vida tão mesquinha,  
Com seus ais, com seu pranto, com seus beijos,

Tudo votei sem pena e bem asinha  
À cruz do Redentor e à cruz da espada,  
Ao meu Deus verdadeiro e à patria minha,

Jurando guardar sempre, e bem guardada,  
Uma alma pura em natureza pura,  
Qual em âmbula d'oiro hóstia sagrada.

\*  
\*   \*  
\*

Ai, de mim! ai, de mim! faltei à jura!  
Ai, de mim! ai, de mim! já porque uma peste  
Logo te não queimou, língua perjura?!

Ah, donosa visão, visão celeste,  
Bem devera de ter descortinado  
Naquelas altas falas que me deste,

Que eu, em vício d'amor sendo gerado,  
Remiria na carne aborrecida  
Pela grã penitência o grão pecado.

Madre senhora! ó madre estremecida!  
Antes ficaras tu noiva e donzela,  
E eu não abrisse o olhar à luz e à vida!

Ó padre carinhoso! ó madre bela!  
Vossa culpa caíu no vosso fruto,  
E, com a culpa amarga, o nojo dela!

Queixa não hei de vós: a mim imputo  
Lástima e dano, que me só provêm  
Dêste bichoso coração corrupto.

Por vós criado fui, como ninguêm;  
Vós me guiastes com suave jeito,  
Desde menino a alma para o bem.

Remidor dum pecado eu fôra eleito;  
Assim mo disse a cândida visão,  
E mo escreveu com lágrimas no peito.

Quando tu, padre meu, alto varão,  
Mulher me cometeste, logo ansioso  
Se me agastou, nublado, o coração.

E tôda a noite o arcanjo luminoso  
Repetindo: ¡ Não deixes, filho meu,  
Glória celestial por triste gôzo!

E a miséria da carne me venceu!  
Ó padres! perdoai, chorai comigo,  
Que o vosso algoz tirânico fui eu!

.....

Deus castigou-me o coração maldito:  
Pois que sôbre êle ainda vem pesando  
O carrêgo mortal do meu delito.

Ó cidadela da pureza, quando  
Um vício te faz brecha, sem tardança,  
Prestes os mais acodem galopando.

Em minha carne, um dia honesta e mansa,  
Por onde entrou luxúria malfazeja,  
Entrou ira e soberba, entrou vingança.

.....

Parti a lança; pendurei a espada;  
Com bordão de pastor ou de ceguinho,  
Bem andamos de noite esta jornada.

Fama grande do mundo tão mesquinho,  
Dando às trombetas com ardor, não voa  
Onde voa, cantando, um passarinho.

¿E onde há, ó meu Jesus, se a dor te c'roa,  
Se é teu vestido sangue e o vinho fel,  
Pena digna de nós, que bem nos doa?!

Sem escudo, sem cota, sem laudel,  
Minha triste nudez arrecolhida  
Numa samarra triste de burel,

Determinei findar miséria e vida  
Lá em partes inóspitas, distantes,  
Entre gente comum desconhecida.

.....

Lá houvera afinal benigno têrmo,  
Se em tão grande, humildosa desventura,  
Prouvera a meu Jesus de conceder-mo.

D'EI-Rei me veio o embargo; e na clausura  
D'A que, chorando estrêlas, nos conforta,  
Em silêncio, escondi minha amargura.

Vida do mundo, junto dessa porta,  
Com o rouco fragor que tudo abala,  
Aos pés, em sombra vã, me caíu morta.

.....

Dias de soledade e de mosteiro  
Eu os vivi, na temerosa esp'rança  
Da alva do meu dia derradeiro.

Esta dor, que abrandou, que se fêz mansa,  
Ali chorou aos ais, como, perdida  
Num deserto, de noite, uma criança.

E oh, alívio da alma arrependida!  
Quanto mais afincado era o tromento,  
Mais nos ombros ligeira a cruz da vida!

.....

Hora do livramento, hora bem-vinda,  
Uma noite, em um sonho d'esplendor,  
Ma predizeu, chorando, a Virgem linda.

E, abraçando e beijando o Redentor,  
Sem angústia enfadosa, sem queixume,  
Dei a alma nas mãos do Criador.

Esbulhada de vício e de azedume,  
Às regiões celestes foi voando,  
Como pálida luz sôlta do lume.

.....

Oh, descuidado alívio!... não cuidava  
Que das culpas do mundo temeroso  
Esta essência revel jazia escrava.

Deus a espertou do sono deleitoso,  
E, por mais a punir, inda um momento  
A banhou, ao de leve, em claro gôzo.

Só as estrêlas, só o firmamento  
Recontar poderiam, se quisessem,  
Meu desvairo, meu nojo e meu tromento!

Convinháveis palavras me falecem;  
As que as bôcas dos homens deitam fora  
Tribulações daquelas não conhecem.

Lá da alta estância donde venho agora,  
Lá donde o Eterno me elegeu pousada,  
Duzentos anos grandes, hora a hora,

Vi eu, alma em tromento, alma calada,  
Minha pátria, a meu sangue redimida,  
Por meu sangue afinal desbaratada!

Por sangue do meu sangue foi traída;  
Eu que alentos lhe dei, lhe dei nobreza  
Ao cabo lhe arranquei nobreza e vida!

Os filhos dos meus filhos, oh, tristeza!  
A danaram com raiva tão medonha,  
Que nem lóbos a hão contra uma presa.

Descendentes da mímica e da vergonha,  
Réprobos eram, pois é justa a lei  
Que do câncaro mau cria a peçonha.

Feze-os a sina herdeiros do meu rei,  
Por que um a um no trono dessem conta  
Dêste perdido reino, que eu livreí.

E eu lá daquela altura que amedronta,  
Sem poder abalar, correr asinha,  
Vingar com mão sanhosa a dura afronta!

.....

Deus arrasara a nobre flor da Espanha!  
Nem a Virgem do Carmo em seu mosteiro  
O defendeu de cólera tamanha!

Virgem do Carmo! vê-la num braseiro,  
Misturada com pedras e destroços,  
Vê-la eu! seu algoz, e seu coveiro!!...

A igreja, que por 'môr dos olhos vossos  
Alevantei, ó Virgem da Piedade,  
Minha infâmia a rufu contra os meus ossos!

.....

Já dois séculos idos de amargura,  
Acreditei que em-fim o Criador  
Houvera dó da triste criatura:

Do meu sangue de lástima e de horror  
Cavaleiroso príncipe foi nado,  
Qual nasce duma campa ebúrnea flor.

Ah, o nobre donzel, d'olhar fadado,  
A imagem de mim mesmo era talvez,  
Quando isento do vício e do pecado.

Risonha aurora em noite se desfez...  
Breve expirou, qual expiraram breve  
Dentro em mim a virtude e a cãndidez...

.....

Queda enlevado, extático, sôbre-humano. Irradia oiro. Descortina, súbito, numa panóplia, a velha espada de Aljubarrota. O gládio heróico entre cutelos de verdugos! Como eximi-lo à afronta, se já mãos de cleito não devem tocar em ferros homicidas! Embora! Arranca-o, beija-o, ergue-o na dextra, e, da varanda, olhando a noite, em voz soturna de trovão:

Cavaleirosa espada relumbrante!  
Se nesse lôdo amargo um braço existe  
De profeta e de herói, que te alevante!

Inda bem que na lâmina persiste,  
Em crua lembrança e galardão,  
Do sangue fraternal a nódoa triste.

Descobre o gládio a quem o houver na mão,  
Que ante a justiça recta e verdadeira,  
Não há padre, nem madre, nem irmão!

Porêm, se a pátria, já na derradeira  
Angústia e míngua onde a lançou meu dano,  
Terra d'escravos é, terra estrangeira,

Rútila espada, que brandi ufano!  
Antes um velho lavrador mendigo  
Te erga a custo do chão, piedoso e humano.

Volte à bigorna o duro aço antigo;  
E acabes, afinal, relha de arado,  
Pelos campos de Deus, a lavrar trigo.

Arrojando a espada ao abismo da noite:

Deus te acompanhe! Seja Deus louvado!



VIII

OS SIMPLES

1892



## A CAMINHO

*(Abril, ao ratar d'alva. Por uma encosta de sementejas, pastos, olivedos e amendoais em flor, vai um loiro peregrino 'adolescente, de olhos ingénuos e extasiados no alvor da estrela da manhã).*

### UM LAVRADOR

*(de noventa anos, em mangas de camisa,  
a lavrar uma terra)*

Ó Senhor tão novo, d'olhos côr de esp'rança,  
¿Ides de caminho para algum lugar?

### O PEREGRINO

Vou dar volta ao mundo...

### O LAVRADOR

¿Sem arnês ou lança?!

Ó Senhor tão novo, d'olhos côr de esp'rança,  
Penas e misérias é o que ireis achar!...

## UMA VELHINHA

*(mais adiante)*

Ó Senhor tão novo, d'olhos inocentes,  
¡ Ides com cuidados, para um tal andar !

## O PEREGRINO

Vou a prender monstros, combater serpentes ...

## A VELHINHA

Ó Senhor tão novo, d'olhos inocentes,  
Os dragões ferozes vão-no espostejar ! ...

## UMA JOVEM CAMPONESA

*(mais adiante)*

Ó Senhor tão novo, d'olhos encantados,  
¿ Ides pela fresca para algum pomar ?

## O PEREGRINO

Vou-me a ler Destinos, descobrir os Fados ...

## A CAMPONESA

Ó Senhor tão novo, d'olhos encantados,  
Feiticeiros negros vão-no enfeitiçar ! ...

## UMA PASTORINHA

*(mais adiante)*

Ó Senhor tão novo, d'olhos tão brilhantes,  
Vossos olhos dizem que ides p'ra casar ...

## O PEREGRINO

Vou fazer tesoiros, fabricar diamantes ...

## A PASTORINHA

Ó Senhor tão novo, d'olhos tão brilhantes,  
Há ladrões nos bosques, vão-no assassinar! ...

## UM MENDIGO

*(mais adiante)*

Ó Senhor tão novo, d'olhos côr de chama,  
Vossos olhos ardem como a luz solar! ...

## O PEREGRINO

Vou descobrir mundos, quero glória e fama ...

## O MENDIGO

Ó Senhor tão novo, d'olhos côr de chama,  
Sobe o pó mais alto que os trovões do mar! ...

## A ESTRÊLA D'ALVA

Ó criança d'olhos côr da flor dos linhos  
Por infernos deixas tua paz, teu lar!

## O PEREGRINO

*(desaparecendo ao longe)*

! Florirei as pedras pelos maus caminhos!  
Levo a luz dos astros e as canções dos ninhos  
A sorrir nos beijos e a tremer no olhar!

## DE VOLTA

*(Crepúsculo, Novembro. Pela encosta fria e desnudada vai andando, esfarrapado e exangue, um pobrezinho triste, arrimado ao bordão).*

### UM LAVRADOR

*(de cem anos, ainda robusto, à porta do casebre)*

Mendigo d'olhos sem esp'rança,  
Vais-te perder na escuridão ...  
Entra em meu lar; dorme, descansa ...

### O POBREZINHO

*(andando sempre)*

Quem dera a paz divina e mansa,  
Velho, que tens no coração! ...

### UMA VELHINHA

*(a rezar à porta do moinho)*

Mendigo d'olhos sem ventura,  
Dentro da azenha há um enxergão,  
Terás lençóis, terás fartura ...

## O POBREZINHO

*(andando sempre)*

Eu só quisera essa candura,  
Irmã da Graça e da Ilusão!...

## UMA CAMPONESA

*(que vem da vindima)*

Mendigo d'olhos d'enjeitado,  
Na nossa casa há vinho e pão;  
E há leite fresco; e há mel doirado ...

## O POBREZINHO

*(andando sempre)*

Tua alegria sem cuidado,  
Eis o que eu busco ... em vão! em vão!

## UMA PASTORINHA

Mendigo d'olhos de coveiro,  
Trago a merenda no surrão;  
O queijo é bom, mas é grosseiro ...

## O POBREZINHO

*(andando sempre)*

Dá-me o teu riso feiticeiro,  
Lírio do monte inda em botão!

## UM PEDINTE

Mendigo d'olhos na agonia,  
Dou-te o meu manto e o meu bordão;  
Nada mais levo ... a noite é fria ...

## O POBREZINHO

*(andando sempre)*

Apenas ai! desejaria  
Tua cristã resignação!

## A ESTRÊLA VÉSPER

Ó sonhador louco d'outrora,  
Teus sonhos lindos ¿ onde estão?!  
Ébrio de luz, rico d'aurora,  
Vi-te partir ... e vejo agora  
Um morto erguido dum caixão!

Teus olhos fulvos namorei-os  
De dia e noite, da amplidão:  
Vi-os sorrir entre gorgeios,  
Vi-os cantar, e vi-os cheios  
De pranto, e febre, e indignação!

Regressa em-fim, é teu destino,  
À paz obscura, à submissão ...  
E outra vez meigo e pequenino  
Deixa dormir, como um menino,  
Teu velho e exausto coração! ...

## O POBREZINHO

*(chorando)*

Só tu, estrêla, me conheces  
Em minha dor, minha aflição! ...  
Só tu não dormes, não esqueces ...  
Só tu ouviste as minhas preces ...  
; Bem-dito, estrêla, o teu clarão !

Setembro — 91

## A MOLEIRINHA

Pela estrada plana, toc, toc, toc,  
Guia o jumentinho uma velhinha errante,  
Como vão ligeiros, ambos a reboque,  
Antes que anoiteça, toc, toc, toc,  
A velhinha atrás, o jumentito adiante!...

Toc, toc, a velha vai para o moinho,  
Tem oitenta anos, bem bonito rol!...  
E contudo alegre como um passarinho,  
Toc, toc, e fresca como o branco linho,  
De manhã nas relvas a corar ao sol.

Vai sem cabeçada, em liberdade franca,  
O gerico russo duma linda côr;  
Nunca foi ferrado, nunca usou retranca,  
Tange-o, toc, toc, a moleirinha branca  
Com o galho verde duma giesta em flor.

Vendo esta velhita, encarquilhada e benta,  
Toc, toc, toc, que recordação!  
Minha avó ceguinha se me representa...  
Tinha eu seis anos, tinha ela oitenta,  
Quem me fêz o berço fêz-lhe o seu caixão!...

Toc, toc, toc, lindo burriquito,  
Para as minhas filhas quem mo dera a mim!  
Nada mais gracioso, nada mais bonito!  
Quando a Virgem pura foi para o Egipto,  
Com certeza ia num burrico assim.

Toc, toc, é tarde, moleirinha santa!  
Nascem as estrêlas, vivas, em cardume...  
Toc, toc, toc, e quando o galo canta,  
Logo a moleirinha, toc, se levanta,  
P'ra vestir os netos, p'ra acender o lume...

Toc, toc, toc, como se espaneja,  
Lindo o jumentinho pela estrada chã!  
Tão ingénuo e humilde, dá-me, salvo seja,  
Dá-me até vontade de o levar à igreja,  
Baptizar-lhe a alma p'ra a fazer cristã!

Toc, toc, toc, e a moleirinha antiga,  
Tôda, tôda branca, vai numa frescata...  
Foi enfarinhada, sorridente amiga,  
Pela mó da azenha com farinha triga,  
Pelos anjos loiros com luar de prata!...

Toc, toc, como o burriquito avança!  
Que prazer d'outrora para os olhos meus!  
Minha avó contou-me quando fui criança,  
Que era assim tal qual a jumentinha mansa  
Que adorou nas palhas o menino Deus.

Toc, toc, é noite... ouvem-se ao longe os sinos,  
Moleirinha branca, branca de luar!  
Toc, toc, e os astros abrem, diamantinos,  
Como estremunhados querubins divinos,  
Os olhitos meigos para a ver passar...

Toc, toc, e vendo o sideral tesoiro,  
Entre os milhões d'astros o luar sem véu,  
O burrico pensa: Quanto milho loiro!  
¿Quem será que mói estas farinhas d'oiro  
Com a mó de jaspe que anda além no céu?...

Novembro de 1888.

## CANÇÃO PERDIDA

Hálitos de lilás, de violeta e d'opala,  
Roxas macerações de dor e d'agonia,  
O campo, anoitecendo e adormecendo, exala ...

Triste, canta uma voz na síncope do dia:

Alguém de mim se não lembra  
Nas terras d'além do mar ...  
Ó Morte, dava-te a vida,  
Se tu lha fôsses levar! ...

Ó Morte, dava-te a vida,  
Se tu lha fôsses levar! ...

Com o beijo do sol na face cadavérica,  
Beijo que a morte esvai em palidez algente,  
Eis a lua a boiar sonâmbula e quimérica ...

Doce, canta uma voz melancólicamente:

O meu amor escondi-o  
Numa cova ao pé do mar ...  
Morre o amor, vive a saúde ...  
Morre o sol, olha o luar! ...

Morre o amor, vive a saúde ...  
Morre o sol, olha o luar! ...

Latescente a neblina opálica flutua,  
Diluindo, evaporando os montes de granito  
Em colossos de sonho, extasiados de lua ...

Flébil, chora uma voz no letargo infinito:

¿ Quem dá ais, ó rouxinol,  
Lá para as bandas do mar? ...  
É o meu amor que na cova  
Leva as noites a chorar! ...

É o meu amor que na cova  
Leva as noites a chorar! ...

A lua enorme, a lua argêntea, a lua calma,  
Imponderalizou a natureza inteira,  
Descondensou-a em fluido e embebeceu-a em alma ...

Triste expira uma voz na canção derradeira:

Ó meu amor, dorme, dorme  
Na areia fina do mar,  
Que em antes da estrêla d'alva  
Contigo me irei deitar!...

Que em antes da estrêla d'alva  
Contigo me irei deitar!...

## O PASTOR

Sinos a defuntos! ai, é quem morreria?  
Olha, foi o pobre do Ti Zé-Senhor!...  
Velho tão velhinho nenhum outro havia...  
P'ra cumprir cem anos lhe faltava um diá,  
Há noventa e quatro que era já pastor.

Zagalzinho alegre, desde tenra infância  
Já de surrãozito cheio a tiracol,  
A escalar montanhas com ardor, com ânsia,  
Por pastagens bravas d'auroral fragrância,  
Branqueadinho a neve e doiradinho a sol!...

A deserta, imensa, rústica paisagem,  
Cordilheiras, campos, astros d'oiro, luar,  
Tudo se invertera, por contínua imagem,  
Em heróica, em livre candidez selvagem,  
Na extasiada flor do seu ingénuo olhar.

Ordenhado o leite, cantarinho cheio,  
Ala para a aldeia, por manhãs sonoras,  
Mordiscando a côdea do seu pão centeio,  
Arrancando à fruta um pastoril gorgueio,  
Rapinando às sebes chupa-méis e amoras.

Fêz-se moço e grande pelas serras brutas,  
Onde as águias pairam, onde o roble medra,  
E onde os fragaredos bárbaros, com grutas,  
Se encastelam crespos, infernais, em lutas,  
Tal como tormentas de trovões de pedras!

Cada serrania alcantilada e brava,  
Sob o azul d'Agôsto, côr de fogo e pó,  
Recozida a febre e atordoada em lava,  
Lagrimreja apenas duma rocha cava  
Pranto, que o bebera uma ovelhinha só!

E por essas fulvas, íngremes ladeiras  
Pastoreava o gado, quási morto já:  
Só rochedos tristes, nus como caveiras,  
E zambulhos, zimbros, tojos, cornalheiras,  
Acres como pragas duma bôca má!

E depois as torvas, negras invernadas,  
Noites formidandas, lôbos a ulular,  
Desmoronamentos, temporais, nevadas,  
Carcavões abertos pelas enxurradas,  
Troncos de sobreiros de raiz ao ar! ...

Oh, as noites tristes, alapado e quêdo,  
Num covil de feras, ou algar deserto!...  
E dormia ao lume sem temor, sem mêdo,  
Pois Nossa Senhora, Virgem do Degrêdo,  
Na ermadinha branca lhe ficava perto...

Mas no mês de Março píncaros maninhos,  
Montes cenobitas, d'ossos e burel,  
Vestem-se de trevos e de rosmaninhos,  
Com sorrisos d'oiro que alvoroçam ninhos,  
E destilam favos de inocência e mel!...

Era então alegre como o sol nascente,  
Mais feliz nos campos do que Deus no altar!  
Anhos e cabritos, leite rescendente,  
Pastos tão mimosos, que quisera a gente  
Transformar-se em ave para os não calcar!

Tanto Abril florido, tanta calma adusta,  
Tantas inverneiras, sem pesar ou dor,  
Tinham-lhe gravado na expressão robusta  
Como que uma sombra de grandeza augusta,  
Junta a uma inocência matinal de flor.

¿ Que importavam gelos, ventanias, feras?  
Peito nu, aberto; construção de toiro!  
Quási me admirava que, nas primaveras,  
Dêsse peito rude não brotassem heras,  
Margaridas, lírios com abelhas d'oiro!

Ao relento a cama no orvalhado pasto,  
Cêrca dos carneiros e dos bons lebreus;  
¡Que divino leito primitivo e casto,  
Todo embalsamado de serpol, mentrasto,  
Sob a paz imensa do perdão de Deus!...

E êsse gigantesco latagão corado  
Era, como os santos ermitões, frugal:  
Duas azeitonas, queijo do seu gado,  
E de rala escura meio pão migado  
Num caldeiro d'água com azeite e sal.

Não jantava morte, assassinato, dores,  
Hecatombes tristes que jantamos nós;  
E por isso ria como riem flores,  
Atraindo em bandos aves de mil côres,  
Feiticeiro simples, com o olhar e a voz!...

Sua rude fruta de pastor ouvindo  
Na misteriosa luz crepuscular,  
Iam-se as estrêlas uma a uma abrindo,  
E desabrochava pelo azul infindo  
Soluçante a lua como um nenufar!...

Que trinados vivos, d'argentino encanto  
Ai, missa do galo, lhe inspiravas tu,  
Nessa fruta, quando de cajado e manto  
la deitar loas ao menino santo  
No altar-mor da igreja sorridente e nu!

Fôra lá criança, mágica ventura!  
Centenário quási a derradeira vez...  
E gorgeava a fruta com igual candura,  
Pois a alma virgem, luminosa e pura,  
Conservara-a sempre como Deus a fêz.

Nela penetrava, nela se embebia  
Tudo que é inocência, riso, amor, clarão:  
Frémido de pomba, voz de cotovia,  
Cânticos dos montes ao nascer do dia,  
Lágrimas dos astros pela escuridão!...

Longe dos pecados de raivosas presas,  
Belzebus famintos d'olhos de metal,  
Longe das horríveis tentações acesas  
No torpor dos leitos, na embriaguez das mesas,  
Pululantes larvas, vibriões do Mal,

O pastor ditoso envelheceu ridente  
Por despenhadeiros, alcantis, calvários,  
E na frente augusta de ermitão, de crente,  
Lhe geavam anos luminosamente,  
Como as pombas brancas sôbre os campanários!

Das ovelhas meigas, — íntimas heranças! —  
Recolhera tôda a abnegação cristã:  
Oh, sejais bemditas, ovelhinhas mansas,  
Que com vosso leite sustentais crianças,  
E vestis os pobres com a vossa lã!

Aos noventa anos, festival, risonho,  
Álamo gigante d'água viva ao pé;  
Sim! inda na bôca risos de medronho  
E nos olhos lentos, a tremer em sonho,  
Dois miosótis virgens de candura e fé!

Com seu manto branco de burel grosseiro,  
Cãs de puro arminho, báculo na mão,  
Alebrava um santo feito pegureiro,  
Que eu desejaria sôbre o altar cruzeiro  
Duma ogiva d'astros, em adoração!

Centenário quási, recordava aspectos  
De lendário tronco num feliz vergel,  
Moribundo em meio de seus verdes netos,  
Com a Providência a agasalhá-lo em fetos,  
Com abelhas d'oiro inda a nutri-lo a mel,

E que surdo à voz de ledos passarinhos,  
E que cego ao éter de esplendor ideal,  
Com o ai extremo lança dois raminhos,  
A chamar ainda por canções de ninhos  
E a dizer aos astros um adeus final!

Tal o pastor santo, já de vez caído,  
Já corcovadinho, flébil, quási morto,  
Arrimado ao velho báculo torcido,  
Nada ouvindo, nada, com o duro ouvido,  
Vagamente olhando com o olhar absorto,

la pelos montes na tristeza infinda  
Dum coração ermo, com a morte aceite,  
A pedir aos anjos para ouvir ainda  
Badalar ovelhas numa noite linda,  
Quando a lua os campos alagasse em leite!...

Seu bisavô fôra guardador de gado,  
Guardador de gado seu avô, seu pai;  
Criou filho e netos como foi criado,  
E morreu ditoso, porque o seu cajado  
Seu rebanho ainda pastoreando vai!

Cândido, na paz das solidões dormentes,  
Ignorando o mundo rancoroso e vil  
Aos cem anos inda, com a fé dos crentes,  
Punha olhos claros, simples, inocentes,  
Na estrelinha d'Alva das manhãs d'Abril!

Levará no esquife para os céus a palma  
Da grandeza mansa, da virtude austera.  
Realizou no mundo a perfeição da Alma:  
Porque foi bondoso como a lua é calma,  
Porque foi um santo sem saber que o era!...

Vós, ó semideuses do entremez da Glória,  
Césares, tiranos, capitães, heróis,  
Épicas figuras de imortal memória,  
Que de sêro em sêro iluminais a história  
Como crepitantes, trágicos faróis,

Na região do Imenso, no Infinito puro,  
Onde me deslumbra, como um sol, Jesus,  
Não sois mais que larvas a tremer no escuro,  
Que ninguém conhece, que eu em vão procuro  
Com meus olhos calmos nesse mar de luz!

E o pastor d'ovelhas, que comeu centeio,  
Que viveu nos montes, que dormiu nas grutas,  
Tão asselvajado, cabeludo e feio,  
Que disséreis quási que êsse monstro veio  
Da matriz da terra, como as pedras brutas,

Já liberto agora da Ilusão do mundo  
Fêz-se em anjo branco, inda outra vez pastor:  
Milhões d'astros seguem seu olhar jocundo,  
São rebanhos d'almas pelo azul profundo  
As ovelhas novas do Ti Zé-Senhor!...

## OS POBREZINHOS

Pobres de pobres são pobrezinhos,  
Almas sem lares, aves sem ninhos...

Passam em bandos, em alcateias,  
Pelas herdades, pelas aldeias.

É em Novembro, rugem procelas...  
Deus nos acuda, nos livre delas!

Vêm por desertos, por estevais,  
Mantas aos ombros, grandes bornais

Como farrapos, coisas sombrias,  
Trapos levados nas ventanias...

Filhos de Cristo, filhos d'Adão,  
Buscam no mundo côdeas de pão!

Há-os ceguinhos, em treva densa,  
D'olhos fechados desde nascença.

Há-os com f'ridas esburacadas,  
Roxas de lírios, gangrenadas.

Uns de voz rouca, grandes bordões,  
Quem sabe lá se serão ladrões!...

Outros humildes, riso magoado,  
Lembram Jesus que ande disfarçado...

Enjeitadinhos, rotos, sem pão,  
Tremem maleitas d'olhos no chão...

Campos e vinhas!... hortas com flores!...  
Ai, que ditosos os lavradores!

Olha, fumegam tetos e lares...  
Fumo tão lindo!... branco, nos ares!...

Batem às portas, erguem-se as mães,  
Choram meninos, ladram os cães...

Rezam e cantam, levam a esmola,  
Vinho no bucho, pão na sacola.

Fruta da horta, caldo ou toucinho,  
Dão sempre os pobres a um pobrezinho.

Um que tem chagas, velho, coitado,  
Quer ligaduras ou mel-rosado.

Outro, promessa feita a Maria,  
Deitam-lhe azeite na almotolia.

Pelos alpendres, pelos currais,  
Dormem deitados como animais.

Em caravanas, em alcateias,  
Vão por herdades, vão por aldeias . . .

Sabem cantigas, oraçõezinhas,  
Contos d'estrêlas, reis e rainhas . . .

Choram cantando, penam rezando,  
Ai, só a morte sabe até quando !

Mas no outro mundo Deus lhes prepara  
Leito o mais alvo, ceia a mais rara . . .

Os pés doridos lhos lavarão  
Santos e santas com devoção !

Para lavá-los, perfumaria  
Em gomil d'oiro, d'oiro a bacia.

E embalsamados, transfigurados,  
Túnicas brancas, como em noivados,

Viverão sempre na eterna luz,  
Pobres bem-ditos, amen, Jesus ! . . .

## CAMPO SANTO

Ai ao relento, ai ao relento, sonham cavadores!...  
Sono d'arminho... colchão de terra... lençol de flores!...

Caí dormentes,  
Caí exânimes, trementes,  
Pálidos silêncios do luar dorido!  
Litánias fluidas do luar dorido!  
Misereres brancos do luar dorido!  
Bálsamos, piedades, orações dolentes  
Do luar dorido!..

Ai ao relento, ai ao relento sonham pegureiros!...  
Cama tão fresca!... cobertor branco, de jasmineiros...

Caí maviosas,  
Caí sonâmbulas, piedosas,  
Côncavas tristezas do luar magoado!  
Ressonâncias d'órgão do luar magoado!  
Extrema-unções profundas do luar magoado,  
Síncopes, oblvios, quietações chorosas  
Do luar magoado!...

Ai ao relento, ai ao relento, sonhá a boieirinha!...  
Cama de violetas!... que lhe fêz a Virgem, sua madrinha...

Caí radiantes,  
Angelizantes,  
Esfoldados lírios do luar divino!  
Musselina argêntea do luar divino!  
Hálitos de leite do luar divino!...  
Pérolas, opalas, beijos e diamantes,  
Do luar divino!

Ai ao relento, ai ao relento as bisavós dormindo!...  
Cama de rosas, sobre-céu d'astros!... que sonho lindo!...

Caí cantando,  
Caí, mas brando, muito brando,  
Místicas nevadas do luar de prata!  
Linho de candura do luar de prata!  
Ângelus da ermida do luar de prata!  
Êxtasis boiando, sagrações ondeando  
No luar de prata!...

Dormi, dormi!... que belas camas!... ai que bons lençóis!...  
Na travesseira, que bem que cheira! cantam roussinóis!...

Dorme de costas, cavador, ao luar, ao luar de neve!...  
Ai, como a terra era pesada, e se fêz leve, leve!...

Dorme, pastor, ao luar de Junho, dorme sem cuidado!...  
Que anda a Senhora dos Montes-Ermos a guardar-te o gado...

**Durmam velhinhas! durmam crianças! durmam donzelas!  
Quando acordarem já tem os anjos à espera delas...**

Há-de acordar tudo lá nos céus doirados...  
Há-de haver banquetes, há-de haver noivados...

Põe a mesa a virgem para os pobrezinhos...  
Ai, que lindos frutos!... ai, que ricos vinhos!...

Vinhos dum vinhedo, frutos dum pomar  
Que no céu os anjos regam com luar...

Ordenhando ovelhas andam serafins,  
Cantarinhos d'ouro, leite de jasmíns.

Outros nas arribas cretam as colmeias,  
Grandes favos brancos como luas cheias.

Ai, que bom almôço, feito num vergel,  
Pomos côr de aurora, leite, vinho e mel!...

Para as avózinhas tem lá Deus bastantes  
Fusos d'esmeraldas, rocas de diamantes...

Como vós, ó moças, lá no céu casais,  
Elas darão teias para os enxovais...

Já no setestrela dançam nos terreiros,  
Tamboris e violas, frutas e pandeiros...

Já lá vejo os noivos, com S. João à espera,  
Numa ermida branca revestida d'hera...

Ai, dormi, donzelas, ai dormi ao luar.  
Que no céu com anjos vos ireis casar...

Ai, dormi, crianças! que no azul divino  
Brincareis alegres com o Deus-menino...

Partirá convosco, porque é vosso irmão,  
A laranja — o mundo, que lá tem na mão...



Dormi, dormi, sem dor, sem penas...

Dormi, dormi!...

E em vossos leitos florescentes,

De rosas brancas e açucenas,

Caiam dormentes,

Caiam exânicos, trementes,

Graças do baptismo do luar alvíssimo!

Beijos do noivado do luar puríssimo!

Lágrimas da morte do luar tristíssimo!

Cânticos d'exéquias, orações dolentes

Do luar santíssimo!...

## REGRESSO AO LAR

¡Ai, há quantos anos que eu parti chorando  
Dêste meu saúdoso, carinhoso lar!...  
Foi há vinte?... há trinta?... Nem eu sei já quando!...  
Minha velha ama, que me estás fitando,  
Canta-me cantigas para me eu lembrar!...

Dei a volta ao mundo, dei a volta à Vida...  
Só achei enganos, decepções, pesar...  
Oh! a ingénua alma tão desiludida!...  
Minha velha ama, que me estás fitando,  
Canta-me cantigas de me adormentar!...

Trago d'amargura o coração desfeito!...  
Vê que fundas mágoas no embaciado olhar!  
Nunca eu saíra do meu ninho estreito!...  
Minha velha ama, que me deste o peito,  
Canta-me cantigas para me embalar!...

Pôz-me Deus outrora no frouxel do ninho  
Pedrarias d'astros, gemas de luar...

Tudo me roubaram, vê, pelo caminho!...  
Minha velha ama, sou um pobrezinho...  
Canta-me cantigas de fazer chorar!...

Como antigamente, no regaço amado,  
(Venho morto, morto!...) deixa-me deitar!  
Ai, o teu menino como está mudado!  
Minha velha ama, como está mudado!  
Canta-lhe cantigas de dormir, sonhar!...

Canta-me cantigas, manso, muito manso...  
Tristes, muito tristes, como à noite o mar...  
Canta-me cantigas para ver se alcanço  
Que a minh'alma durma, tenha paz, descanso,  
Quando a Morte, em breve, ma vier buscar!



VII

AS "ORAÇÕES,"

1893

**Pensons et vivons à genoux;  
Tâchons d'être sagesse, humilité, lumière;  
Ne faisons point un pas qui n'aille à la prière.**

**VICTOR HUGO.**

## ORAÇÃO AO PÃO

\*

.....

Sepultura do pão! bôca da humanidade!  
Sob o infinito azul da imensidade,  
Prega a Verdade!

Bôca harmoniosa, augusta voz da natureza,  
Canta a Beleza!

Bôca divina, bôca em flor,  
Verte o perdão, sorri à Dor, unge-a d'Amor!

Beleza, Amor, Verdade,  
Eis a Trindade!

Três Deuses, juntos afinal  
Num só Deus immortal.

A humanidade é seara imensa em chão de areia,  
Que Deus recolhe e Deus semeia.

E cada homem, quer o rei, quer o mendigo,  
É na seara de Deus um grão de trigo.

E a tôda a hora, a todo o instante, há milhões d'anos,  
Searas sem fim de espíritos humanos

Brotam, florescem, crescem, são cortadas,  
E entre as mós do destino trituradas.

E eis a farinha ideal, o fromento de dor,  
Que alimenta a Verdade, a Beleza, o Amor!

De maneira que vós, homens pigmeus,  
Na terra sois o pão de Deus!

A vossa alma é a claridade  
Que ilumina a Verdade.

É a hóstia de luz, no mundo acesa  
Pela Beleza.

É o nectário da roxa e dolorida flor,  
Donde goteja o mel do Amor.

Homem!

Pela Verdade, intrépido e sereno,  
Emborca a taça do Veneno!

Pela Verdade, inteira,  
Dá teu corpo ao barço, ao cutelo e à fogueira.

Pela Verdade, sem pesar,  
Teus filhos dixerás e deixarás teu lar!

Homem!

Pela Beleza sacrossanta,  
Adora e canta!

Pela Beleza, música de Deus,  
Une-te a Deus!

Pela Beleza ideal, ideal eucaristia,  
Faz do universo Espírito e Harmonia!

Homem!

Dá pelo Amor ao triste e ao desvalido  
Teu coração, teu pão e teu vestido!

Pelo Amor, com teus lábios virginais  
Beija lepras e cancos d'hospitais!

Pelo Amor, pelo Amor, como Jesus,  
Sorri à Dor, pregado numa cruz!

Beleza, Amor, Verdade,  
Eis a Trindade,  
Eis o teu Deus.

• Homem!

Vive por Deus!  
Sofre por Deus!  
Morre por Deus!

E bem-dito serás na eterna paz,  
Porque ao fechar os olhos teus,  
Trigo de Deus, absorto em Deus descansarás!...

*Oremus:*

Trigo d'Abril, riso e verdura,  
Dá-nos a candura!

Trigo d'Agosto, oiro que alumia,  
Dá-nos a alegria!

Trigo da foice, trigo da grade,  
Dá-nos a humildade!

Trigo da azenha, poeira de lírio,  
Dá-nos o martírio!

Trigo do trigo, trigo da mesa,  
Dá-nos o amor e a dor, a paz e a fortaleza!

Trigo, dá-nos a candura!  
Dá-nos a alegria!

Dá-nos a humildade!  
Dá-nos o martírio!  
Dá-nos o amor e a dor, a paz e a fortaleza;

Dá-nos ao corpo tudo isto,  
Dá-nos à alma tudo isto,  
E faremos de nós o pão de Cristo,  
O pão de Deus, o pão do Bem,  
O pão da eterna Glória, o pão dos pães, amen!

## ORAÇÃO À LUZ

Claro mistério  
Do azul etéreo!  
Sonho sidéreo!  
Luz!

Da terra dorida  
Alento e guarida!  
Fermento da vida,  
Luz!

Eucaristia santa,  
Vinho e pão que alevanta  
Homem, rochedo e planta...  
Luz!

Virgem ígnea das sete côres,  
Tôda abrasada d'esplendores,  
Mãe dos heróis e mãe das flores,  
Luz!

*Fiat* harmónico e jocundo,  
Verbo diáfano e profundo,  
Alma do sol, corpo do mundo,  
Luz!

Luz-esp'rança, luz rútila da aurora,  
Vida vibrando na amplidão sonora,  
Vida cantando pela vida fora,  
Luz!

Luz que nos dás o pão, ó luz amada!  
Luz que nos dás o sangue, ó luz doirada!  
Luz que nos dás o olhar, luz encantada!  
Bem-dita sejas, luz, bem-dita sejas!

Sejas bem-dita em nós, ó fonte de harmonia!  
Sejas bem-dita em nós, ó urna de alegria!  
Bem-dito seja o filho teu, o alvor do dia!  
Perpétuamente, ó luz, ó mãe, bem-dita sejas!

A inabalável rocha taciturna,  
Quando a electriza teu deslumbramento,  
Acorda e sonha na mudez soturna...

Por ti se volve areia; e num momento  
A areia é lôdo, é seiva, é fruto lindo,  
É carne humana, é sangue, é pensamento...

Por ti a água exulta, anda bramindo,  
Por ti rola do monte ao sorvedeiro,  
E voa, em nuvens, pelo azul infindo ...

Por ti o orvalho: Cai no trigo loiro?  
É pão e é hóstia ... Cai na flor? incenso,  
Néctar, abelha, borboleta d'oiro ...

Por ti flutua o ar, um mar imenso,  
Prenhe de vidas invisíveis, onde  
Todo o sonho da terra anda suspenso ...

Ao teu hálito, ó luz, nada se esconde:  
Brilhas! e a alma opaca da matéria  
Das entranhas do globo te responde! ...

Brilhas! e amor e dor, luto, miséria,  
Doira-os a graça, a juventude, o encanto  
Do teu manto de púrpura sidérea!

És tu que alumbras alegria e pranto:  
No sorriso do herói clarão eterno,  
Prisma de Deus na lágrima do santo.

Por teu fulgor genésico e materno  
Surdem núpcias das campas viridentes  
E um novo Abril palpita em cada inverno ..

Por ti suspiram, sem te ver, dormentes,  
As almas vegetais, indefinidas  
No mistério nocturno das sementes...

Germinando por ti, por ti vestidas,  
Sonham aroma, sonham forma e côr,  
Em teu alvor magnético embebidas...

E esplêndidas de graça, enlêvo e amor,  
Erguem-te, ó luz, um ai de luz radiante,  
Aberto em beijo, idealizado em flor!...

Por teu frémito d'oiro, instante a instante,  
O verme cego, enclausurado, imundo,  
Gera a visão liberta e deslumbrante.

Por ti um sôpro anímico e fecundo  
Penetra o lôdo, a rocha, a água, o ar,  
Voa de esporo a esporo, e mundo a mundo..

Por ti a asa, o lábio, a mão, o olhar...  
Por ti o canto e o riso, e o beijo e a idea...  
Por ti o verbo ser e o verbo amar!...

A inextricável, a infindável teia  
Do sonho do universo em luz é urdida,  
Em luz vislumbra e misteriosa ondeia...

Suspensa em luz, da mesma luz nutrida,  
Vai para Deus rolando eternamente  
A dor, na eterna evolução da vida . . .

Homem, nuvem, granito, onda, serpente,  
A rocha, o ar, o abutre, a fôlha d'hera,  
O mundo, os mundos, tudo que é vivente,

Do lôdo à água, do metal à fera,  
Da fera ao anjo, do covil à cruz,  
Move-se tudo, existe e reverbera,

Sonhando, amando, palpitando em luz! . . .

.....

Ó luz, ó luz, o mundo te devora,  
Mas revives no mundo a tôda a hora.

Morres para nascer a todo o instante,  
Mais perfeita, mais pura e mais brilhante.

Sim, mais brilhante: a claridade  
Vem só do amor e da verdade.

Tu revives, ó luz, mais amorosa  
Na água fluida, trémula e viscosa.

Na água fecundante e conjugal,  
Mãe do homem, do verme e do cristal.

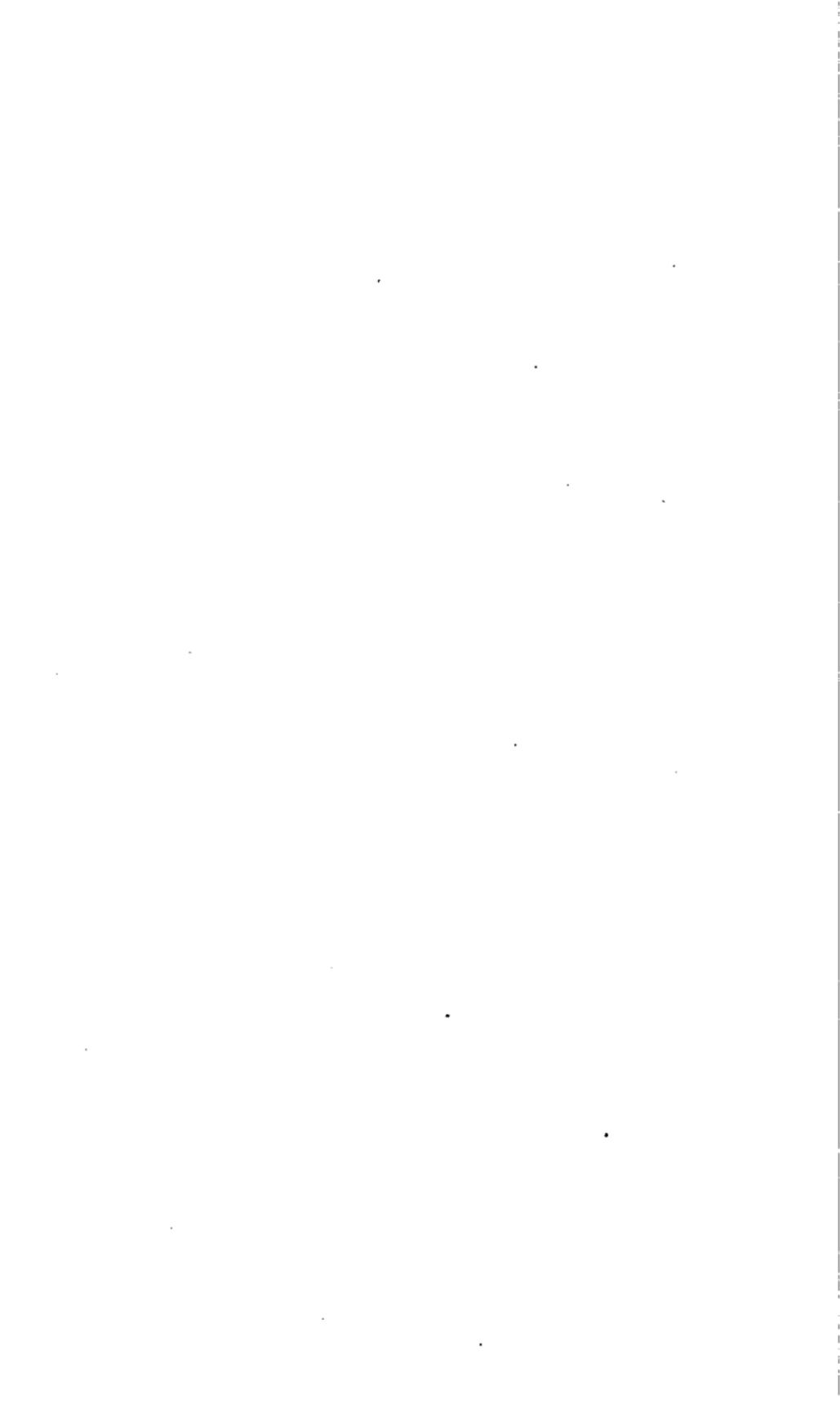
Na água móvel, mágica, indecisa,  
Onde a vida fermenta e fraterniza . . .

Por onde o sangue e a seiva, ébrios d'amor,  
Circulam para a idea ou para a flor!

Mas a água te absorve e te agradece,  
Nunca te esquece, ó luz, nunca te esquece:

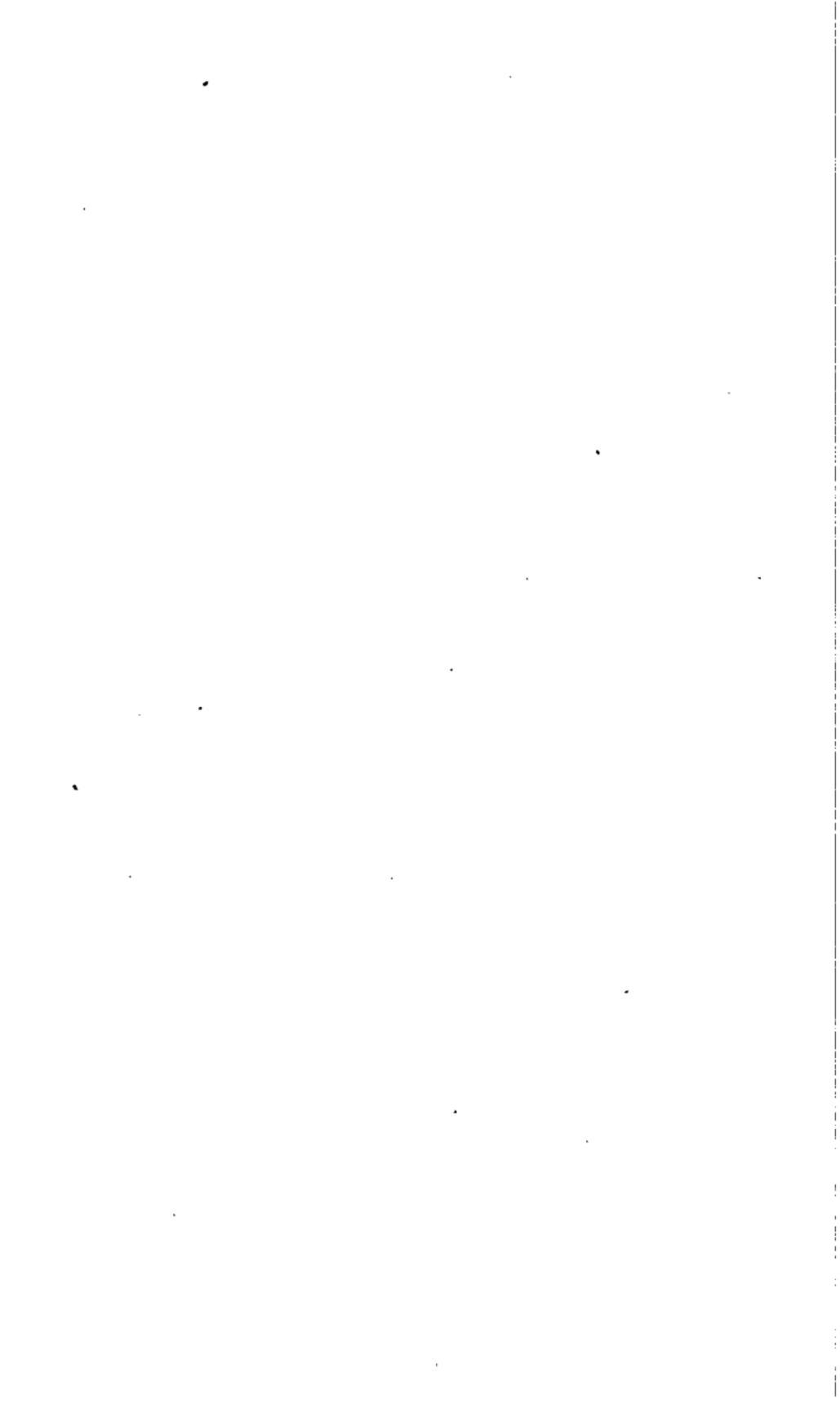
Almas da água, quando se casaram,  
Foi com beijos de luz que se beijaram.

.....



VIII

PROSA



## BALANÇO PATRIÓTICO DE 1891

### Balanço patriótico:

Um povo imbecilizado e resignado, humilde e macambúzio, fatalista e sonâmbulo, burro de carga, bêsta de nora, agüentando pauladas, sacos de vergonhas, feixes de misérias, sem uma rebelião, um mostrar de dentes, a energia dum coice, pois que nem já com as orelhas é capaz de sacudir as moscas; um povo, em catalépsia ambulante, não se lembrando nem donde vem, nem onde está, nem para onde vai; um povo, em-fim, que eu adoro, porque sofre e é bom, e guarda ainda na noite da sua inconsciência como que um lampejo misterioso da alma nacional, — reflexo de astro em silêncio escuro da lagoa morta;

Um clero *português*, desmoralizado e materialista, liberal e ateu, cujo vaticano é o Ministério do Reino, e cujos bispos e abades não são mais que a tradução em eclesiástico do fura-vidas que governa o distrito ou do fura-urnas que administra o concelho (1); e, ao pé dêste clero indígena, um clero jesuítico, estran-

---

(1) Há excepções individuais, claramente. A fisionomia geral, no entanto, é aquela. *G. J.*

jeiro ou estrangeirado, exército de sombras, minando, enredando, absorvendo, — pelo púlpito, pela escola, pela oficina, pelo asilo, pelo convento e pelo confessional, — fôrça superior, cosmopolita, invencível, adaptando-se com elasticidade inteligente a todos os meios e condições, desde a aldeola ínfima, onde berra pela bôca epiléptica do fradalhão milagreiro, até à rica sociedade *elegante* da capital, onde o jesuitismo é um dandismo de sacristia, um beatério chic, Virgem do tom, Jesus de high-life, prédicas untuosas (monólogos ao divino por Coquelins de fralda) e em certos dias, na igreja da moda, a bonita missa encantadora, — luz discreta, flores de luxo, paramentos raros, cadeiras cómodas, latim primoroso, e hóstia *glacée*, com pistache, da melhor confeitaria de Paris;

Uma burguesia, cívica e políticamente corrupta até à medula, não discriminando já o bem do mal, sem palavra, sem vergonha, sem carácter, havendo homens que, honrados (?) na vida íntima, descambam na vida pública em pantomineiros e sevandijas, capazes de tóda a veniaga e tóda a infâmia, da mentira à falsificação, da violência ao roubo, donde provêm que na política portuguesa sucedam, entre a indiferença geral, escândalos monstruosos, absolutamente inverosímeis no Limoeiro (1);

---

(1) Se o Nazareno, entre os ladrões, fôsse hoje crucificado em Portugal, ao terceiro dia, em vez do Justo, ressuscitariam os bandidos. Ao terceiro dia? que digo eu! Em 24 horas andavam na rua, aãos como pêros, de farda agaloada e grã-Cruz de Cristo. G. J.

Um exército que importa em 6.000 contos, não valendo 60 réis, como elemento de defesa e garantia autonómica;

Um poder legislativo, esfregão de cozinha do executivo; êste criado do quarto do moderador; e êste, finalmente, tornado absoluto pela abdição unânime do país, e exercido ao acaso da herança, pelo primeiro que sai dum ventre, — como da roda duma lotaria;

A justiça ao arbítrio da Política, torcendo-lhe a vara a ponto de fazer dela um saca-rôlhas;

Dois partidos monárquicos, sem ideias, sem planos, sem convicções, incapazes, na hora do desastre, de sacrificar à monarquia ou meia libra ou uma gota de sangue, vivendo ambos do mesmo utilitarismo scéptico e pervertido, análogos nas palavras, idênticos nos actos, iguais um ao outro como duas metades do mesmo zero, e não se amalgamando e fundindo, apesar disso, pela razão que alguém deu no parlamento, — de não caberem todos duma vez na mesma sala de jantar;

Um partido republicano, quasi circunscrito a Lisboa, avolumando ou diminuindo segundo os erros da monarquia, hoje aparentemente forte e numeroso, amanhã exaurido e letárgico, — água de pôça inerte, transbordando se há chuva, tumultuando se há vento, furiosa um instante, imóvel em seguida, e evaporada logo, em lhe batendo dois dias a fio o sol ardente; um partido composto sobretudo de pequenos burgueses da capital, adstritos ao sedentarismo crónico do metro e da balança, gente de balcão, não de bar-

ricada, com um estado maior pacífico e desconexo de velhos doutrinários; moços positivistas, românticos, jacobinos e declamadores, homens de boa-fé, alguns de valia mas nenhum a *valer*; um partido, em-fim, de índole estreita, acanhadamente político-eleitoral, mais negativo que afirmativo, mais de demolição que de reconstrução, faltando-lhe um chefe de autoridade abrupta, uma dessas cabeças firmes e superiores, olhos para alumiar e bôca para mandar, — um desses homens predestinados, que são em crises históricas o ponto de intercepção de milhões de almas e vontades, acumuladores eléctricos da vitalidade duma raça, cérebros omnímodos, compreendendo tudo, adivinhando tudo, — livro de cifras, livro de arte, livro de história, simultaneamente humanos e patriotas, do globo e da rua, do tempo e do minuto, fôrças supremas, fôrças invencíveis, que levam um povo de abalada, como quem leva ao colo uma criança;

Instrução miserável, marinha mercante nula, indústria infantil, agricultura rudimentar;

Um regime económico baseado na inscrição e no Brasil, perda de gente e perda de capital, autofagia colectiva, organismo, vivendo e morrendo do parasitismo de si próprio;

Liberdade absoluta, neutralizada por uma desigualdade revoltante, — o direito garantido virtualmente na lei, pôsto, de facto, à mercê dum compadrio de batoteiros, sendo vedado, ainda aos mais orgulhosos e mais fortes, abrir caminho nesta porcaria, sem recorrer à influência tirânica e degradante de qualquer dos bandos partidários;

Uma literatura iconoclasta, — meia dúzia de homens que, no verso e no romance, no panfleto e na história, haviam desmoronado a cambaleante scenografia azul e branca da burguesia de 52, opondo uma arte de sarcasmo, viril e humana, à frandulagem pelintra da literatura oficial, carimbada para a immortalidade do esquecimento com a cruz indelével da ordem mendicante de S. Tiago;

Uma geração nova das escolas, entusiasta, irreverente, revolucionária, destinada, porêem, como as anteriores, viva maré dum instante, a refluir anodina e apática ao charco das conveniências e dos interesses, dela restando apenas, isolados, meia dúzia de homens inflexos e direitos, indemnes à podridão contagiosa pela vacina orgânica dum carácter moral excepcionalíssimo;

E se a isto juntarmos um pessimismo canceroso e corrosivo, minando as almas, cristalizado já em fórmulas banais e populares, — *tão bons são uns como os outros, corja de pantomineiros, cambada de ladrões, tudo uma choldra, etc. etc.*, — teremos em sintético esboço a fisionomia da nacionalidade portuguesa no tempo da morte de D. Luís, cujo reinado de paz podre vem dia a dia supurando em gangrenamentos terciários.

O advento do materialismo burguês, inaugurado pela ironia scéptica do Rodrigo, acabava pela galhofa cínica do Mariano. O riso de sibarita, levemente amargo, desfechava no riso canalha, de garotão de aljube. O patusco terminava em malandro.

A burguesia liberal, mercieiros-viscondes, parasi-

tagem burocratica, bacharelize ao piano, advogalhada de S. Bento, *morgadinhas, judias, sinos, estradas, escariolas, estações, inaugurações, locomotivas* (religião do Progresso, como êles diziam), todo êsse mundo de vista baixa, moralmente ordinário e intellectualmente reles, ia agora liquidar numa infecta *débacle* de casa de penhores, num Alcácer-Quibir esfarrapado, de feira da ladra.

A nação, como o rei, ia cair de podre.

. . . . .

(Da *Pátria*).

## MESSIANISMO

A história pátria resume-se quasi numa série de biografias, num desfilar de personalidades, dominando épocas. Sobretudo depois de Alcácer. Povo messiânico, mas que não gera o Messias. Em vez de traduzir o ideal em carne, vai-o dissolvendo em lágrimas. Sonha a quimera, não a realiza.

¿O próprio Pombal é o *Desejado*? Não. Fêz-se temer, não se fêz amar. Cabeça de bronze, coração de pedra. Moralmente, ignóbil. Rancoroso, ferino, alheio à graça, indiferente à dôr. Inteligência vigorosa, material e mecânica, sem vôo e sem asas. Um brutamontes raciocinando claro. Falta-lhe o génio, o dom de sentir, nobreza heróica, vida profunda, — humanidade, em suma. Máquina apenas. Não criou, produziu. A criação vem do amor, a génese é divina. Criar é amar. Por isso a obra lhe foi a terra. Pulverizou-se. Só dura o que vive. Uma raiz esteia mais que um alicerce. Pombal em três dias, num deserto, quis formar um bosque. Como? Plantando traves. Adubou-as com mortos e regou-as a sangue. Apodreceram melhor.



gem construções navais? Primeiro salvá-lo, o estaleiro depois. Quere dizer: a revolução urgente não era social, nem política: era moral. Nem havia a escolher entre monarquia e república; pois que, para escolher entre duas coisas, é necessário existirem, e a república, tanto custava a realizar, que ainda até hoje a não fizemos.

A segurança da pátria exigia inadiavelmente à frente do governo um homem de superior inteligência, de altivo carácter, de ânimo heróico e resolutivo. Era-o D. Carlos? obedeceríamos a D. Carlos. Uma alma, uma vassoura e uma carroça, de nada mais precisava. Varrer, limpeza geral, pôr isto decente! ¿Tal embaixador levantara castelos de milionário com o dinheiro da nação? Transferi-lo de embaixada: representante vitalício do Limoeiro em África. ¿Tal ex-ministro compra as quintas, vendendo a vergonha? Penhora e prisão. Os bens ao erário, o corpo à penitenciária. Deslaçar grã-cruzes e chumbar grilhetas. Norte e Leste, lamas do Tejo, Banco Lusitano, obras do estado, etc., etc.. tôdas essas montureiras gangrenadas, — queimá-las a calcium, purificá-las a vitríolo. Calcamos infâmias, respiramos veneno. Que um ciclone de justiça nos purificasse o ar e desentulhasse as estradas. Caminho livre, atmosfera nova! ¿Quem baldeou o país à ruína, a miséria do lar, à indigência da alma? Idiotas? Aposentá-los em onagros. Bandidos? Metê-los na cadeia.

¿E a questão económica? Resolvida por si. Direi mais: útil e necessária. Mas resolvida ¿de que for-

ma? Pelo sacrifício de todos, pela abnegação coletiva. As pátrias, como os indivíduos, só se regeneram sofrendo. A dôr é salvadora. Não há virtude sem martírio, não há Cristo sem cruz. A Redenção vem da Paixão. A vida fortalece-se na angústia. Nem só a do homem: a vida inteira, a vida universal. A procela avigora o roble, e o ferro candente adquire a tẽmpera, mergulhando-o em gẽlo. Quando a desgraça parece matar uma nação, é que tal nação estava morta. O cáustico, que levantou o doente, decompõe o cadáver.

Resumindo: desastres, misérias, vergonhas, infortúnios, calamidades, subjugadas com energia e paciência com nobreza, enseivariam de novo alento o coração exânime da pátria. ¿ O raio lascou a árvore? Brotaria, amputada, com maior violência. A alma habita na raiz.

¿ Mas seria possível conjurar quatro milhões de interesses, quatro milhões de egoísmos, num ímpeto de fé heróica e de renúncia? Era. Digo-o sem hesitar. O sibarita que ria, o ceivado que ronque. Era! O espírito, como o fogo, consome traves, calcina pedras, derrete metais. O facho duma alma pode incendiar uma Babilónia. Um iluminado pode abraçar um império. Tem-se visto. O cofre-forte é de ferro, a libra é de ouro, o egoismo é de bronze, mas a electricidade impalpável, invisível, imponderável, volatiliza tudo num momento. Ora o espírito é a electricidade de Deus. Nada lhe resiste. Devora séculos, evapora mundos. Jesus e Buda, — um, crucificado; o outro, mendigo — refazem o globo, põem nova

máscara à criação. Joana d'Arc e Nunálvares, irmãos gémeos, redimem duas pátrias. Focos ambulantes de espírito divino, arrastam e vencem, — magnetizando. O céu é contagioso como a lepra.

Claro que o milagre exige a fé. Nem todos os sábios juntos escreveriam os Evangelhos. A língua do homem, sem a língua de fogo, não apostoliza, discursa. Um Doutor não é um Messias.

A metempsicose, em moderno, do grande Condestável, eis o meu sonho. Um justiceiro e um crente. Braço para matar, bôca para rezar. Pelejas como as de Valverde só se ganham assim: ajoelhando primeiro. O Nunálvares de hoje não usaria cota, nem escudo; mas, ao cabo, seria idêntico. A mesma chama noutro invólucro. Não combateria Castelhanos, combateria Portugêses. O inimigo mora-nos em casa. Aljubarrota no Terreiro do Paço e os Atoleiros . . . nos mil atoleiros de infâmias que enodoam as ruas, e obstruem o trânsito. Queríamos um justo inexorável, um santo heróico, com a verdade nos lábios e uma espada na mão. Os quadrilheiros que infestam Lisboa e os sub-quadrilheiros que infestam as províncias, anulá-los, esmagá-los num dia, numa hora, sem pena e sem remorso . . .

(Da Pátria)

## MISSÃO DE UM BOM GOVÊRNO

Houve profetas que domaram leões: mártires que aterraram algozes. E quando um homem ou um povo sucumbem altivos em nome da Verdade, êsse homem ressuscitará nas consciências, e êsse povo ressuscitará na História. O justo, expirando na Cruz, ao terceiro dia levanta-se do túmulo. O covarde, mergulhando em lôdo, em lôdo agoniza e em lôdo se transforma.

¿ Qual era, pois, a grande missão de um govêrno em Portugal? Fazer de quatro milhões de espíritos um só espírito, juntar quatro milhões de vontades numa só vontade. Raios de luz, divergentes, aquecem; convergentes, abrasam. Um cento de meias abnegações individuais perdem-se, quási estéreis, na indiferença colectiva. Não mudam aos olhos da Europa a fisionomia portuguesa. Mas a abnegação e o sacrifício de todos, a comunhão unânime e grandiosa num ideal de Justiça, num ideal de Pátria, transfigurar-nos-ia por encanto, de povo de chatins em povo de heróis, de mortos com direito ao cemitério, em gente viva com direito ao pão, com direito à luz.

E o problema religioso, nada mais singelo: na esfera do pensamento, liberdade absoluta; na esfera dos actos, tolerância recíproca.

O povo dos campos mantém a sua fé tradicional. Quando se dirige a Deus precisa ainda um ~~língua~~: o Padre. Faltando-lhe a hóstia, falta-lhe o Cristo. Levando-lhe a igreja, levam-lhe o Céu.

O Catolicismo é roble caduco, mas nos galhos exangues, de verdura pálida, inúmeras aves inocentes gorgeiam ainda, fabricam o ninho em que adormecem. Não lancemos o machado ao tronco do roble, sem dar aos corações ingénuos, que o povoam, outra verdura calma onde se abriguem. O mundo rola no infinito; no infinito deve igualmente girar o espírito do homem. Ai dos que vivem só na terra, olhando o horizonte com o olhar da carne! Êsses não vivem. Andam quilómetros e contam horas; mas o Espaço é a jornada da alma, e o Tempo a hora eterna que não finda. O homem sem o ideal sôbre-humano, regressa à bestialidade donde veio.

Se o cavador miserável não comunga em Cristo senão pela hóstia, que a hóstia lhe seja oferecida, mas cândida e branca, em mãos de misericórdia e de pureza. Organizem um clero nacional e cristão, evangelista pela virtude, embora católico pelo dogma. Varram da Igreja a estrumeira política; para bispos escolham santos, e a questão religiosa desaparece num momento. Spinosa ou Schopenhauer entender-se-iam muito bem com S. Francisco de Assis.

Porém, os homens que há muito dirigem os des-

tinios da Nação, últimas varreduras do constitucionalismo agonizante, quasi sempre democratas vazios aos vinte anos, e cínicos redondos aos quarenta, são incapazes de um plano de governo, gerado numa filosofia superior, amoldado a uma razão prática luminosa e traduzido em factos, por uma vontade inabalável e contínua. Que elles, francamente, visam apenas salvar o seu interesse, o seu egoismo e as suas lantejoulas de medíocres...

(Da "Pátria".)

## O VERBO "CANTAR."

(ALGUNS APONTAMENTOS PARA A SUA BIOGRAFIA)

O verbo CANTAR é um dos filhos radiantes do verbo supremo, do verbo divino e criador, que é o verbo AMAR.

Cantar é pôr os sons em harmonia, torná-los amigos, parentes próximos, irmãos devotados e inseparáveis. Cantar é moralizar o som. Os sons disformes significam egoísmos, desuniões, lutas, violências, ódios, hostilidades. Os sons acordes realizam paz, aliança, carinho, virtude, abnegação, amor. Quando os sons reciprocamente se estimam, dizemos que se casam. É a verdade.

O piano, o violino, o órgão. No piano as notas são articuladas, há um salto de nota para nota. Há contiguidade, não continuidade. De nota a nota há um interstício, uma lacuna. Cada uma delas não perdeu por completo a sua autonomia, o seu egoísmo. No órgão, ou na rabeça, as notas são contínuas, fundem-se, convivem mais, porque cada uma delas sacrifica, por amor à outra, uma parte do seu indi-

vidualismo, o seu limite; sentimo-las diferentes, mas não sabemos onde acaba uma e onde começa a outra.

A palavra falada, a palavra cantada. No canto há mais amor entre as palavras; socializam mais, fraternizam mais. O grito inarticulado é a primeira língua do animal. A palavra articulada é música entre as sílabas. Há palavras mais amorosas e menos amorosas. O verso é mais belo do que a prosa, porque estabelece entre as palavras uma amizade mais estreita. Um verso errado é um delito.

Os gemidos e os ais são harmónicos. Tanto mais harmónicos, quanto mais intensa e amorosa a dor profunda que os produz. Êsses ais são o espectro sonoro do sofrimento, mas as côres são o espectro da luz.

A luz é música. O prisma é um instrumento de música.

Faz da luz uma orquestra, um hino de côres. O prisma revela a música dos átomos.

Há linhas e côres que fazem cantar, porque são já música sem voz. O canto tradu-las apenas, dá-lhes língua.

A desarmonia é um pecado. Ou antes: a desarmonia é o pecado.

O cristal é o canto lírico dos átomos. O carbono cristaliza de três formas, canta de três maneiras. O diamante é o seu hino mais puro.

Não há dois cristais de neve que sejam idênticos; em cada floco de neve há milhões de cristais, milhões de estrofes silenciosas: Nevar é água a cantar. A flor é o canto da raiz. As plantas cantam na pri-

mavera. Os campos, em abril, rezam os seus poemas.

O éter não ouve, não é amigo do som. O som nasceu muito depois do éter. Os gases conduzem mal o som. Os líquidos conduzem-no quatro vezes melhor e os corpos sólidos doze vezes melhor. ¿Porquê? Porque o gás é mais egoísta que o líquido, e o líquido mais egoísta que o sólido.

Os metais que não vibram, os metais mudos, são os metais moles — estanho, chumbo, mercúrio — cujas moléculas teem entre si menos coesão, menos amizade. Pelo contrário, os metais mais sonoros são os metais mais rígidos, cujas moléculas se apertam e unem por um amor mais íntimo.

¿O que há num violino? Madeira sêca e tripas mortas. ¡Com o cadáver do plátano e os intestinos do porco, criar uma voz que extasia os anjos! Uma bela harpa, suspirando, evangeliza. É um sermão. O inventor do órgão deveria ser canonizado. O órgão é a voz profunda da catedral.

A canção é a flor dos lábios. As bôcas dos civilizados bestiais comem, devoram, mentem, blasfemam, escarnecem, mas não cantam. Ouvem cantar à noite, para auxiliar a digestão. O jornalista, lavrando e ceifando, canta. O burguês, atarefado em negócios, calcula, questiona, grita, roga pragas. Os banqueiros, que se nutrem de oiro, teem a alma de chumbo. Os mendigos cegos, que vivem de esmolas, teem harpas no coração.'

Os berços sem canções são berços que não teem mãe. A criancinha que não fala entende só o que lhe cantam, o que se lhe diz por música.

Quem canta tôda a vida, traduz a vida em harmonia, angeliza a vida. S. Francisco d'Assis morreu a cantar.

Cantar é amar. O cântico religioso é a oração perfeita. A lingua dos anjos é música espiritual. A síntese do universo, o cântico absoluto, é o absoluto amor — é Deus!

Barca d'Alva, 1902.

(*Atlântida*, VOL. II, n.º 19)

## O HERÓI, O ARTISTA, O FILÓSOFO

Os grandes homens sobre-humanizam o homem, exaltam a existência, criam espírito, desvendam mistério, tocam no âmago do Ser. Augustos e luminosos, caminham à frente da evolução, na marcha do mundo para Deus. ¿Quem é Deus? Ideal perfeito realizado; vida infinita, infinito amor.

Os grandes homens avançam para Deus, não isolando-se e afastando os olhos das misérias da terra, mas levando piedosamente no coração todos os gemidos da humanidade e tôdas as angústias da natureza. Os seus passos de luz, sulcando a noite, conduzem como um rebanho, na viagem eterna, a caravana infinda. Os grandes homens são descobridores e redentores. Quando sobem ajudam, progredem dando a mão, libertam-se libertando.

Eu chamo grandes homens os grandes heróis, os grandes artistas, os grandes filósofos.

O sacrifício ao Bem, na acção e pela acção, eis a norma do herói. Sacrifício da alma, recolhendo com ardor contínuo as dores alheias; e sacrifício do cor-

po, imolando-lhes para as consolar a própria vida. Os soluços sem termo da miséria do mundo ecoam-lhe no coração como ais de filhos. Dá a vida pela vida dos outros; mas a morte da carne em holocausto ao Bem acresce-lhe a vida verdadeira, aumenta-lhe a vida espiritual. O grau de amor é o grau de heroísmo. O herói máximo é o santo, e S. Francisco d'Assis é o super-homem.

O grande artista não iguala o santo, mas aproxima-se d'ele. O artista, criando beleza, cria amor, porque a beleza é a expressão rítmica do Bem; é o amor a cantar, na forma e no som, no verbo e na luz. A arte idealiza, portanto gera amor. O herói também. Mas o herói dá-nos o amor em acções, converte-o em pão espiritual, que vai dividindo pela terra. O artista, não. Faz d'ele um diamante quimérico de luz e de som, que é amor a vibrar, amor em sinfonia, amor no estado de beleza. Mas, se o universo é amor infinito, a arte suprema, que o abrange, é a arte cósmica e religiosa. E então a arte ideal define-se d'este modo: a natureza traduzida em cântico; Deus, que se ouve e que se vê, revelado em música.

A filosofia é a sociologia do universo, a história ordenada dos encadeamentos da existência, da evolução do amor. E, como a vida da natureza só chega à síntese na ideia de Deus, é claro que o santo ou o grande poeta conhecem melhor a vida do que o filósofo, pois que êles são a vida expon-

tânea e criadora, na escala mais alta e no estado nascente.

A vida vertiginosa, tumultuosa, entrelaçada, contínua, patética, infinitiforme; a vida latejante de seiva, incubada de sonho, fulva de luz, cega de espantos, ébria de beijos, trémula de morte e grávida de amor; a vida eterna, divina e formidável, que nasce da vontade e da emoção, aparece na obra do filósofo descrita por cálculos, ordenada por argumentos e por ideias. A virtude do santo sublima-a no êxtase e na benção, e a inspiração do poeta magnifica-a na música e no símbolo. Um reza, outro canta. O filósofo observa e medita. E' um espelho que pensa. E a filosofia integral, como a arte suprema, será também religiosa, porque só em Deus, Infinito-Amor, a vida encontra a sua unidade e a clara explicação do seu mistério. Tôdas as grandes almas, bússolas ridentes, se polarizam em Deus.

*(Comércio do Porto, Natal, 1913)*

## EDITH CAVELL

... Além dos brados de angústia dos enfermos, chamavam-na ainda os cativos estóicos, silenciosos, os que pugnaram pelo direito e pela honra contra a iniquidade e contra a infâmia. Libertá-los era um dever sagrado perante Deus, e um crime de morte para o Kaiser. A virgem heróica não hesitou um minuto: obedeceu ao dever, desafiando a morte.

Encarcerada e julgada militarmente por dar evasão a prisioneiros, o acusador interrogou-a:

— E' certo? E' verdade?

Confessando, condenava-se. Podia mentir, podia iludir. Em transes desta ordem, a moral humana justifica dissimulações e subtilezas. A moral transcendente, a moral divina repele-as. O norte da existência é o bem, o amor. O bem infinito, o amor infinito, chamam-se Deus. O homem sôbre-humano, o santo, engolfa-se em Deus, embebe-se em Deus; e inunda de amor e de piedade a dor eterna do Universo. E, se é necessário para chegar a Deus acabar na cruz, indefeso se rende aos seus verdugos, e, crivado de ultrajes, expira em Deus, abençoando e perdoando.

A alma de Miss Cavell pairava já, extática e radiante, na graça inortal da manhã divina. Santificára-se. E quando o bruto e bárbaro juiz lhe perguntou se a acusação era exacta, se dera fuga aos prisioneiros, a mulher sublime, encarando os algozes, tranqüilamente respondeu, como Jesus responderia:

— E' verdade.

Miss Cavell ergueu-se naquele instante à esfera mais alta e luminosa da perfeição humana. Tocou o zenite da virtude. Os anjos sorriram-lhe, Deus admirou-a; e o tribunal, em nome do Káiser, em nome da lei e do Império, condenou-a à morte. Ficou serena. Ia morrer pela verdade e pelo bem.

A legação de Espanha e a dos Estados-Unidos intervieram inútilmente. O crime executou-se. Altas horas da noite foram buscar a vítima. Miss Cavell, andando, resplandecia. Exalava oração, deslumbramento, vida eterna. Pela dor e pelo amor vencera a morte. Perdoara afrontas, injúrias, iniquidades; e marchara em êstase para Deus, levando no coração, como uma filha, aos ais e a escorrer sangue, a miséria dos homens e do mundo.

Num pátio sombrio aguardavam-na os algozes — quatro soldados e o comandante. A alma divina da mártir olhou-os sem ódio e sem temor. Nem tôdas as fôrças brutas da natureza, voltando-se contra ela, a poderiam aniquilar. Mas, se a alma era invencível, a carne estava exausta. O corpo da santa desmaiou. O oficial, concluindo a tragédia, estoirou-lhe o crânio com duas balas. Assassinou-a plácidamente, gélidamente, maquinalmente...

...Depois bebeu, deitou-se e repousou como um justo. Lembrava-se tanto de Miss Cavell como se lembra um temporal duma fôlha morta.

Mas dessa fôlha morta, dêsse cadáver desprezado, radiou no globo instantaneamente uma luz imortal, onde milhões e milhões de almas se inflamaram, co-ruscando de dôr e de vingança. Baixou inexorável sôbre a Alemanha patibular a execração do mundo. Ergueram-se heróis, levantaram-se exércitos. E no infinito de Deus, na insondável paisagem da eternidade, em-quanto que a alma gloriosa da mártir brilhava, em estrêla espiritual da constelação edénica dos anjos, a Alemanha rútila e soberba, a Alemanha ovante e formidável, com tôdas as chamas do seu orgulho e todo o esplendor do seu império, não era mais do que um montão de larvas negras, de embriões de loucuras e de crimes, de fermentos sacrílegos, satânicos...

A justiça de Deus vai proclamar-se na terra. O monstro espantoso será desfeito e aniquilado.

. . . . .  
. . . . .

Barca de Alva, Outubro de 1915.

*(O monstro alemão, Pôrto, 1918).*

## ÁTILA E JOANA D'ARC

...E a França maravilhosa, num ímpeto de vontade arrebatador e criador, incendiou instantaneamente, vibrando-as no infinito, em lavareda, tôdas as potências da sua alma. Dez séculos de história imortal correram-lhe nas veias, bateram-lhe no coração, inflamaram-lhe o espírito. Magnanimizou-se, sobre-humanizou-se, chegou ao zenite de luz da vida heróica, tocou em Deus. E diante da bárbara Alemanha, satânica e monstruosa, encarnada em Átila, ergueu-se, deslumbradora e sublime, a França eterna, polarizada em Joana d'Arc. (1)

E a França de Joana d'Arc, numa batalha de milagre, conteve repentinamente, varada de assombro, a onda exterminadora e gigantesca. Milagre, sim: milagre de heroismo, de razão e de fé; milagre do Povo de Joana d'Arc. A batalha do Marne,

---

(1) Tôda a França, católica ou não católica, se polarizou em Joana d'Arc. Joana d'Arc é o símbolo augusto da Pátria, a flor divina da raça. *G. J.*

salvando a França, salvou o mundo. E depois, Verdun! Que prodígio!... Horas imensas, instantes sem fim, minutos de Deus!...

Esta guerra é demoníaca e santa. É a guerra da Iniquidade com o Direito, da Bêsta com o Espírito, de Átila com Joana d'Arc. Quem vence? Joana d'Arc. A espada fulgurante da Mulher-Arcanjo trespassará de lado a lado o coração do monstro. A Alemanha orgulhosa quis dominar a terra, e debaixo dos pés do género humano, gorfando sangue, uivará de dôr (1). Ambicionou tôdas as pompas e riquezas do mundo, e ficará indigente. Sonhou a glória imorredora, a glória única, e tem de expiar, de joelhos, através dos séculos, a immortalidade dos seus crimes.

Triunfa Joana d'Arc! Joana d'Arc, expressão culminante da França, encarna a pátria, abarca a humanidade, convive com os anjos e perde-se em Deus. Triunfa na pátria, porque a pátria, que resgatou e que a gerou, é neste momento a sua eucaristia verdadeira, a sua imagem épica e celeste. Triunfa na humanidade, porque dez povos heróicos combatem ao seu lado, a vitória imortal não tarda a abrir as asas, e palpita por ela o coração do mundo. Triunfa no céu, porque da terra, varada de dôr, inundada de sangue e orvalhada de lágrimas, brotam lírios de fé, lírios de chama. Das campas nascem cruces, das bôcas

---

(1) O que aconteceria, se a resistência da Alemanha determinasse a invasão. *G. J.*

voam preces, os joelhos dobram-se, as almas rezam,  
e, cheias de infinita angústia, só encontram em  
Deus — infinito amor — a infinita paz!...

. . . . .

Barca d'Alva, Março de 1918.

*(O monstro alemão, Porto, 1918).*

## PORTUGAL NA GUERRA

AOS SOLDADOS QUE PARTEM

Vós sois neste momento augusto e grande a honra da Pátria, a alma heróica da Nação. Levais convosco Portugal: o seu passado, o seu presente, o seu futuro. Nun'Álvares e D. Henrique, Camões e Bartolomeu Dias, Albuquerque e S. Francisco Xavier, amalgamam-se, fundem-se, latejam na vossa carne, nos vossos corações, no vosso ideal. Sois uma epopeia que acordou, que se levanta, e continúa marchando.

Trava-se no Globo, nesta hora imensa, uma batalha horrível e divina: a batalha da humanidade contra a ferocidade, a luta de Deus contra Satanaz. Instante supremo na história dos homens, na escalada eterna e dolorosa para a Justiça e para o Bem.

Vós ides combater pela Humanidade e pela Pátria, por nós e pelo mundo. Joana d'Arc e Nun'Álvares abraçam-se e fraternizam.

Caminhai ovantes, caminhai alegres, sem hesitação e sem temor. Fitai a morte impávidos, com olhos de

imortalidade e de vitória. Quem morre pela justiça e pela Pátria, inunda-se de luz, ergue-se a Deus.

Custa-vos deixar a vossa casa, a vossa mulher, os vossos pais, os vossos filhos, a terra adorada e santa de Portugal.

As lágrimas saúdosas que verteis são estrelas de amor que nos alumiam. Chorais à despedida como crianças, mas partis, cantando como heróis.

A Pátria deita-vos a bênção, e beija-vos na alma infinitamente.

Deus vá convosco! Que Deus vos guarde e acompanhe!

Vivam as nações aliadas! Vivam os soldados portugueses! Viva Portugal!

#### AOS PORTUQUESES QUE FICAM

O dever dos que ficam é cuidar dos que partem, tomando-os para modelo e para exemplo.

O heroísmo dos que dão a vida por nós-todos reclama a unidade heróica da nação inteira. Quando a alma portuguesa se levanta no mundo, não pode amesquinhar-se, nem degradar-se Portugal. Quando os nossos soldados valorosos fraternalmente se conjugam no amor da Pátria, não podemos nós vilipendiá-la e desonrá-la com a baixeza torva do nosso egoísmo, com o furor demente dos nossos ódios. Banhemos em luz os corações, estrelemos as almas, magnifiquemos as vontades! Queimemos os nossos farrapos e misérias em lavaredas de Ideal, que nos

sublimem! Comunguemos e ajoelhemos de mãos postas ante a imagem da Pátria idolatrada, e sob o esplendor augusto do seu olhar rezemos todos, cheios de fé, uma oração unânime. Ei-la:

“Pátria divina de Camões e de Nun’Álvares, santificado seja o vosso nome. Venha a nós o vosso valor e a vossa glória. Seja feita a vossa vontade em nossas almas. Dai-nos em cada dia o pão imortal da vossa esperança, e perdoai, Senhora, os nossos erros. Para nos libertar de tôda a fraqueza e de todo o crime, encheremos os corações do vosso amor. Amen.”

Rezando esta oração, e dando-lhe cumprimento, salvamo-nos a nós e salvamos a Pátria. Malditos e desgraçados os que a não rezarem! Caia sôbre eles, inexoravelmente, um labéu eterno!

(Publicado no jornal *República*, de Lisboa,  
13 de Fevereiro de 1917.)

FIM

## INDICE



# ÍNDICE

## INTRODUÇÃO

	Pags.
I—Traços biográficos, psicológicos e estéticos...	IX
II—O Poeta e a Crítica ... ..	XXXVII
III—Acção social.. ... ..	LIII
IV—Bibliografia .. ... ..	LXVII
V—Guerra Junqueiro entre os Clássicos ... ..	LXIX

## GUERRA JUNQUEIRO—VERSO E PROSA

### I. *A Morte de D. João*

O Pensamento e o Mar ... ..	3
Inferno Social... ..	7
D. João.. ... ..	9
O velho Jeová.. ... ..	12
A História ... ..	15
Consciência e remorso. ... ..	17
Criança exposta. ... ..	20
O órfão.. ... ..	24
Vita nuova ... ..	27
Definição. ... ..	31
O côro das vítimas ... ..	32
Depois da tempestade. ... ..	34

II. *A Musa em Férias*

	Pags.
Dedicatória ... ..	37
A Musa .. ..	39
Tragédia infantil ... ..	44
A escola portuguesa... ..	53
Morena .. ..	57
O crime e a consciência ... ..	59
— Dia de inverno.. ..	65
As praias. ... ..	67
Conselhos académicos.. ..	71

III. *A Velhice do Padre Eterno*

Aos simples ... ..	75
A árvore do Mal ... ..	83
Como se faz um monstro ... ..	87
O melro.. ..	92
A vaia comum.. ..	102

IV. *Fiel*

Fiel... ..	113
------------	-----

V. *A Lágrima*

A lágrima. ... ..	123
-------------------	-----

VI. *Fins Patriae*

Falam choupanas de camponeses... ..	129
Falam pocilgas de operários. ... ..	132

	Page.
Falam casebres de pescadores. . . . .	134
Falam condenados . . . . .	136
Falam as escolas em ruínas.. . . .	137
À mocidade das escolas . . . . .	138
À Inglaterra . . . . .	140

### VII. *Pátria.*

O Doido.. . . .	147
Paraíso cosmopolita... . . . .	155
Fala o doido, na escuridão... . . . .	157
Fala o espectro de Nun'Álvares . . . . .	160

### VIII. *Os Simples*

A caminho . . . . .	177
De volta.. . . .	181
À moleirinha . . . . .	185
Canção perdida.. . . .	188
O pastor.. . . .	191
Os pobrezinhos. . . . .	199
Campo Santo . . . . .	202
Regresso ao lar. . . . .	206

### IX. *As Orações*

Oração ao Pão.. . . .	211
Oração à Luz... . . . .	216

### X. *Prosa.*

Balanço patriótico de 1891 .. . . .	225
Messianismo . . . . .	231

---

	Pags.
Missão de um bom govêrno. ... ..	236
O verbo «cantar» ... ..	239
O herói, o artista, o filósofo. ... ..	243
Edith Cavell ... ..	246
Átila e Joana d'Arc ... ..	249
Portugal na Guerra... ..	252

---

## ERRATA

Pág. 59, linha 18, em vez de *suo* leia-se *soa*.

Pág. 209, linha 3, em vez de *1893* leia-se *1902-1903*.

## ANTOLOGIA PORTUGUESA

### PLANO GERAL

**S**ALVO poucas excepções, de que beneficiam três ou quatro das suas melhores jóias, o tesouro da literatura nacional mantém-se ainda hoje quasi inacessível ao maior número, pois continua enterrado profundamente, ou na própria massa volumosa da obra de vários autores, ou na antiguidade e raridade das edições de muitos outros, ou ainda no aspecto material rebarbativo de certas exumações realizadas modernamente.

Pareceu, pois, oportuno aos iniciadores desta *Antologia Portuguesa* oferecer ao público uma colecção ou biblioteca onde fique arquivada e concentrada a produção literária de muitos dos bons prosadores e poetas nacionais de todos os tempos e escolas.

O que se pretende é pôr a alcance dos olhos da

gente moça que começa a escrever, e das famílias cuidadosas da boa educação portuguesa dos seus filhos, e ainda dos mestres e estudantes da língua e literatura maternas, um copioso panorama de *lugares selectos* que possam entrar em tôda a parte, convir do ponto de vista moral a tôdas as idades e atrair, pela leveza e modernidade da apresentação material, todos aqueles espíritos que logo fogem apavorados à menor aragem do antigo, do sério e do pesado.

Banidos ficam assim desta emprêsa, liminarmente, quaisquer intuitos ou ademanos de erudição, que não vestiriam bem à nossa áurea mediocridade, nem quadram à essência do nosso propósito. Se o que queremos é chamar muita gente, para que admire connosco, ¿ como iríamos afugentá-la, espantando-a e aterrando-a com ares misteriosos de beneditinos e de sábios? Convidamos o leitor para um sarau, e não para uma aula, sabendo bem, aliás, que há saraus onde se aprende e aulas onde se goza; mas sabendo, outrossim, que o mestre desejoso de ter alunos, quando a freqüência é livre, evita fazer o ensino maçador, ou desiste de ensinar tudo de uma vez.

Não queremos que os nossos volumes tenham o aspecto de velhos compêndios, mas que vistam à moda, como as mais recentes novelas ou livros de versos. Por isso fugiremos com empenho

às copiosas anotações e às longas dissertações críticas; e esperamos nunca perder de vista, ao organizar a nossa escolha, a vantagem de dourar a pílula, antes de oferecê-la ao paladar biqueiro da gente moça ou leviana. Poremos assim muitas vezes, sem cerimónia, títulos nossos e novos aos trechos que apresentarmos; não duvidaremos, quando tal convenha ao nosso objecto, condensar e abreviar o texto autêntico por supressão de períodos e de passos mais ou menos longos, e mais ou menos indigestos ou impróprios; e, com risco de que os eruditos nos alcunhem de sacrílegos, havemos de eliminar, na nossa reprodução, a maior parte, ou a quasi totalidade, das transcrições latinas e das citações de fontes, umas e outras não só inúteis, mas até nocivas, ao plano que traçamos, de atrair os irreflectidos, os fúteis e os apressados ao aprêço e convívio dos melhores modelos da nossa literatura.

Convém dizer, visto terem carácter espiritual ou religioso tantas obras dos nossos melhores prosadores, sobretudo de Quinhentos e Seiscentos, que os livros ou trechos puramente místicos serão excluídos da *Antologia*, quando os não recomende algum altíssimo interesse de beleza formal. Ficarão mais bem situados e serão mais justa e sériamente apreciados, quando alguém se lembre de os arquivar e seleccionar, como merecem tan-

tos, em antologias propriamente religiosas, destinadas a leigos.

A *Antologia Portuguesa* adoptará naturalmente, salvo casos especiais, a nova ortografia official, não só por ser aquella em que estão sendo industriadas as gerações que despontam, mas ainda porque, sejam quais forem os inconvenientes da norma vigente, cumpre segui-la, ou (se preferem) suportá-la, sob pena de continuarmos e agravarmos a anarquia que ela pretendeu remediar.

Além da ortografia será também modernizada a pontuação. O que se considera primordial ou essencial na lição dos clássicos antigos e modernos, é o vocabulário, a sintaxe e o estilo; e para tornar accessíveis ao grande público estas riquezas intrínsecas, convém que discretamente se arrede tudo quanto, sendo accessório ou secundário do ponto de vista artístico e literário, que é o nosso, repugne ao gosto e costumes da época e assim amedronte sem vantagem aqueles que desejamos atrair.

Para auxiliar a leitura virão explicadas em glossários ou notas curtas, consoante os casos, as particularidades de vocabulário ou sintaxe que, para o leitor de cultura mediana, possam assumir carácter de dificuldades. Cada escritor será biografado e explicado literariamente, numa succinta *introdução* sem pretensões de critica sábia;

e uma nota bibliográfica das obras e edições respectivas guiará às bibliotecas eruditas ou livrarias comerciais qualquer leitor que consigamos converter ao culto assíduo dos bons autores.

Em regra irá cada mocho a seu soito: a cada escritor caberá seu volume; o que naturalmente não impede a concessão de mais de um tómo a certos que o mereçam por vastidão e valor da sua obra, ou, ao contrário, o alojamento de dois ou mais em sociedade, quando sejam menores o homem, a produção, ou a importância de uma e outro.

A *Antologia Portuguesa* não se encerrará nos limites do campo, aliás vasto, dos velhos escritores clássicos e de todos aqueles bons poetas e prosadores portugueses cuja obra cafu já, segundo o nosso direito civil, no domínio público. Na respectiva colecção hão-de ser incluídas também antologias de escritores contemporâneos, e até vivos, cuja produção seja bastante extensa, bastante nacional e bastante apreciada do público, para tornar recomendável a sua inclusão nesta biblioteca literária de bons modelos. Para tal efeito a casa editora a quem incumbe a parte material e financeira do empreendimento tem no seu fundo de livraria a propriedade literária, integral ou limitada, dos livros de muito bons autores nossos, entre os quais bastará citar as obras

de Alexandre Herculano; e promete empregar os seus melhores esforços em conseguir de outros autores e editores a indispensável autorização legal para que as suas produções sejam largamente extractadas na *Antologia*. Assim o fêz já para as obras de Camilo e de Eça de Queiroz: assim está disposta a proceder com as de outros ilustres escritores contemporâneos, mortos ou vivos, cujos autores ou editores se disponham a auxiliá-la nesta empresa de patriotismo, de educação, e de amor da língua e da literatura nacionais.

Fica assim explicada, em todos os seus intuitos e aspectos, a tarefa a que se abalança, com elevada compreensão do que deve às suas velhas tradições e aos seus justíssimos créditos, a Livraria Aillaud. Resta agora que o público estime pelo seu exacto valor, e auxilie com a merecida aceitação, o patriótico empreendimento. Resta, emfim, que Deus nos dê a nós, que temerariamente aceitámos o encargo de organizar e dirigir a *Antologia Portuguesa*, a intelligência, o critério e o bom gosto necessários ao desempenho de tão honrosa comissão.

Lisboa, 29 de Maio de 1919.

A. de C.



THIS BOOK IS DUE ON THE LAST DATE  
STAMPED BELOW

AN INITIAL FINE OF 25 CENTS  
WILL BE ASSESSED FOR FAILURE TO RETURN  
THIS BOOK ON THE DATE DUE. THE PENALTY  
WILL INCREASE TO 50 CENTS ON THE FOURTH  
DAY AND TO \$1.00 ON THE SEVENTH DAY  
OVERDUE.

OCT 27 1938

MAY 29 '68 - 4 PIR

NOV 10 1938

LOAN DEPT

01/29  
FEB 11 1946

34 Avila  
8 FEB 1946

FEB 9 1954

MAY 14 1968

RECEIVED

MAY 14 '68 - 10 PM

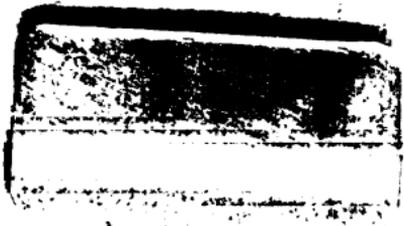
LOAN DEPT.

JUN 11 1968

YB 5271

507470

UNIVERSITY OF CALIFORNIA LIBRARY



Livrarias ALLAUD e BERTRAND

LISBOA — 73, Rua Garrett, 75

## ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

Dr. Agostinho de Campos

*A série da ANTOLOGIA PORTUGUESA, que virá a constar de uns trinta volumes, pelo menos, não será apresentada ao público com numeração editorial. Cada poseuidor a ordenará como entender, ou cronologicamente, ou por poetas e prosadores, segundo o seu critério e vontade.*

### VOLUMES PUBLICADOS:

Manoel Bernardes, 2 volumes.

Alexandre Herculano, 1.º volume.

• Frei Luís de Sousa, 1.º volume.

Barros, 1.º volume.

Guerra Junqueiro, verso e prosa, 1 volume.

Trancoso, 1 volume.

Paladinos da linguagem, 1 volume.

Lucena, 2 volumes.

Ferrão Lopes, 1 volume.

### EM PREPARAÇÃO:

Cantões líricos, António Vieira,

Eça de Queiroz, Bocage

Damião de Góis, Castilho,

Sá de Miranda, Camilo,

Os Cancioneiros, Fernão Mendes Pinto.